

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

CRISTIANE BATISTA DOS SANTOS

CAMINHO DA FÉ: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DA
PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DE DIVINA PASTORA/SE

SÃO CRISTÓVÃO
2013

CRISTIANE BATISTA DOS SANTOS

CAMINHO DA FÉ: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DA
PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DE DIVINA PASTORA/SE

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado
em Antropologia da Universidade Federal de
Sergipe como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre.

Orientador: Prof^o. Dr. Cristiano Wellington
Noberto Ramalho

SÃO CRISTÓVÃO
2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237c Santos, Cristiane Batista dos
Caminho da fé : um estudo antropológico da peregrinação ao Santuário de Divina Pastora/SE / Cristiane Batista dos Santos; orientador Cristiano Wellington Norberto Ramalho. – São Cristóvão, 2013.
101 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Sergipe, 2013.

1. Antropologia da religião – Divina Pastora, SE. 2. Peregrinos e peregrinações. 3. Simbolismo. I. Ramalho, Cristiano Wellington Noberto, orient. II. Título.

CDU 572.024(813.7)

CRISTIANE BATISTA DOS SANTOS

CAMINHO DA FÉ: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DA
PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DE DIVINA PASTORA/SE

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado
em Antropologia da Universidade Federal de
Sergipe como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre.

Área de concentração: Antropologia

Data da defesa: 19 de setembro de 2013

Resultado: _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profº Dr. Cristiano Wellington Noberto Ramalho
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profº Dr. Hippolyte Brice Sogbossi
Universidade Federal de Sergipe

Profº Drª. Rosana Eduardo da Silva Leal
Universidade Federal de Sergipe

*Aos meus pais Antônio Batista dos Santos e
Maria Eulina da Silva.*

AGRADECIMENTOS

Dizer obrigada é fácil, mas em algumas ocasiões essa simples palavra parece não conseguir expressar toda a gratidão sentida, sem dúvida, esta é uma delas. Foram muitas as dificuldades encontradas até chegar a esse momento. Do processo seletivo, passando pela aprovação, até a conclusão do Mestrado, foi um longo caminho. Nada foi fácil, nem tampouco tranquilo, mas eu consegui.

E se isso aconteceu, foi porque, no decorrer desse processo, encontrei pessoas que se dispuseram a me auxiliar, direcionando cada passo dado, estando sempre ao meu lado e sendo, portanto, fundamentais para a concretização deste sonho. Agradeço a Deus por ter colocado essas pessoas tão especiais em meu caminho. Dentre elas devo citar primeiramente meus pais, Antônio Batista dos Santos e Maria Eulina da Silva, que desde sempre não mediram esforços para que eu pudesse ir em busca de meus objetivos, me incentivando de todas as formas, me ensinando a enfrentar as dificuldades da vida com dignidade e me amando incondicionalmente. Vocês sempre acreditaram em minha capacidade e me acharam A MELHOR de todas, mesmo não sendo. Isso só me fortaleceu e me fez tentar, não ser A MELHOR, mas fazer o melhor de mim. Obrigada pelo amor incondicional!

Este trabalho só foi possível devido à colaboração imprescindível da Professora Dr^a. Eufrázia Cristina Menezes Santos que, com seu entusiasmo nas aulas de Antropologia I, durante a graduação em Ciências Sociais, despertou em mim o interesse em trilhar por este campo. A forma como me incentivou durante as aulas de Antropologia Simbólica, assistidas quando ainda cursava a disciplina isolada ofertada pelo NPPA, e nas reuniões do Grupo de Pesquisa Ritual, Festa e Performance foram fundamentais para que eu criasse a coragem de me submeter ao processo seletivo ocorrido no ano de 2011. Dispondo-se a me orientar desde o momento em que escolhi o tema da pesquisa, você acreditou em meu potencial Eufrázia, e partilhou comigo todas as angústias e alegrias vivenciadas no processo de elaboração deste trabalho.

Serei eternamente grata pela paciência que teve, pelas incontáveis horas que dedicou nas reuniões de orientação, em que apontou novas possibilidades de abordagem do tema de pesquisa e em que tentou me reanimar nos momentos nos quais já não mais acreditava ter forças para prosseguir. Mais do que teorias antropológicas, você me ensinou a importância do profissionalismo, da humildade e do amor ao processo de pesquisa e ensino. Gosto de uma frase de Saint-Exupéry que diz: “Cada um que passa em nossa vida passa sozinho, mas não

vai só, nem nos deixa só. Leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesmo”. Levarei comigo cada gesto de carinho e amizade.

Presto um agradecimento especial também ao Professor Dr. Cristiano Wellington Noberto Ramalho, que apareceu em um conturbado momento de transição, necessária para a conclusão desse processo, aceitando o desafio de prosseguir com as orientações de meu trabalho, mesmo com todas as dificuldades postas naquele momento. Eu não mudei de orientador nesse processo, eu ganhei mais um colaborador, e isso só enriqueceu meu trabalho. Professor Cristiano, sem a sua prestatividade e cordialidade de sempre, este momento não teria ocorrido. Jamais terei como recompensar tamanho ato de generosidade. Muito obrigada pela confiança.

Devo agradecer ainda aos Professores Dr. Hippolyte Brice Sogbossi e Elizabete de Castro Mendonça pelas contribuições durante a banca de qualificação. Ao professor Hippolyte Brice agradeço ainda pela disponibilidade em participar também da banca de defesa e pela supervisão durante a realização do tirocínio docente.

Agradeço também à professora Dr^a Rosana Eduardo da Silva Leal (NTU/UFS) por ter cordialmente aceitado ao convite para compor a banca de defesa fazendo observações e sugestões valiosas.

Ademais agradeço à Professora Tatiane Sá Menezes Lima pelo profissionalismo e prestatividade na correção quanto à língua portuguesa e ao professor Flávio Henrique pela realização do abstract contido neste trabalho.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa que viabilizou, em grande parte, a realização dessa pesquisa.

Aos integrantes da Arquidiocese de Aracaju, que não se eximiram de me prestar informações valiosas a respeito da peregrinação.

À Carmen Dolores Cabral Duarte que, cordialmente, abriu as portas do Instituto Dom Luciano Cabral Duarte disponibilizando a consulta ao acervo particular contendo documentos e fotos do Arcebispo emérito da Arquidiocese de Aracaju.

Ao colega Daniel Sacramento, que me auxiliou nos primeiros contatos com alguns moradores da cidade de Divina Pastora, que contribuíram muito em minha pesquisa.

Ao colega Jessélio, morador da cidade de Divina Pastora, que se tornou meu principal informante-chave durante a realização desta pesquisa, me colocando em contato com outros integrantes da comissão organizadora, a exemplo de Aldaci, e também o atual pároco do Santuário, Padre Helelon Bezerra dos Anjos, aos quais também agradeço pela disponibilidade em me conceder entrevista.

À Dona Clédia, cuidadora do Santuário que, com paciência, cedeu algumas horas de sua tarde para me falar a respeito de suas memórias e de elementos fundamentais para compreensão de como se estruturava o evento religioso.

Ao colega Marcos Silva, pesquisador da peregrinação a Divina Pastora que conheci quando realizava observação em campo e que, gentilmente, me convidou para sobrevoar a cidade no helicóptero do grupamento tático aéreo da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Sergipe.

Aos colegas Ana Maria Garcia Moura e Rodrigo Halley dos Santos Reis, por terem me auxiliado durante a pesquisa, se disponibilizando a me buscar de carro na cidade de Divina Pastora no dia em que realizava observação de campo sobre a peregrinação do povo pastoreense e não podia contar com ônibus para retornar à noite para Aracaju.

Aos colegas de turma, Thale Ane Fontes Pereira e José Eraldo Neves Ribeiro, por terem estado ao meu lado em momentos de dificuldade, pelas conversas e toda a troca durante as aulas e seminários.

Aos agora antigos colegas de trabalho do CREAS/POP, Luciano, Daniel Alencar, João Paulo e Thiago Siqueira por todo o apoio que me deram, compreendendo minhas ausências e atrasos enquanto eu ainda dividia meu tempo entre as aulas do Mestrado e o trabalho, antes de receber a bolsa de estudos da CAPES.

Aos atuais colegas de trabalho da Escola Municipal Laura Cardozo Costa, especialmente à Diretora Josefa Josineide Santos, por compreender algumas de minhas ausências, necessárias para realização desta pesquisa. Ao Coordenador Geral da EJA do município de Estância-Se, Deivesson Sousa Lima, pelas conversas e incentivo.

Aos meus irmãos e irmãs (Mirabeau, Rogério, Cristiano, Augusto, Adagilza, Conceição, Beatriz, Maria, Josenilde, Antônio e Adagilson).

Aos meus sobrinhos Erick e Luiz Felipe, Mariana e Anthony Rodrigo, minhas alegrias, minhas motivações, meus amores.

Faço um agradecimento especial ao meu noivo, Marcelo dos Santos, que me conheceu em meio a esse conturbado processo e ainda assim teve coragem de iniciar um relacionamento comigo (risos). Obrigada meu amor, pela paciência, compreensão, companheirismo, apoio e amor dispensados.

Finalmente, agradeço àqueles que foram fundamentais para a viabilização desta pesquisa, os peregrinos de Divina Pastora. Seus depoimentos e ações de fé me instigaram a tentar compreender esse universo infinitamente complexo e fascinante que constitui a peregrinação.

*“Me disseram, porém
Que eu viesse aqui
Pra pedir de
Romaria e prece
Paz nos desaventos
Como eu não sei rezar
Só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar
Meu olhar...”*

*Romaria
(Renato Teixeira)*

RESUMO

A presente dissertação tem por objeto de estudo a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora, que acontece no município de nome homólogo ao da Santa, localizado no Estado de Sergipe. Teve como objetivo analisar, por meio de estudo etnográfico, as dimensões simbólicas e ritualísticas do referido evento religioso, observando-o como um processo ritual, destacando certos aspectos do sistema de representações, crenças, valores e ideias expressos não somente através de discursos, mas, principalmente, através de ações rituais realizadas pelos peregrinos. No trabalho de campo a realização de observação direta e entrevistas permitiram alcançar uma inserção mais densa nas práticas e representações vivenciadas pelos peregrinos. Assim, foi possível compreender as motivações que instigaram os devotos a partir em caminhada ao encontro de seu santo protetor e os sentidos atribuídos ao seu ato devocional. Para análise dos rituais tomou-se como referência os estudos de Victor Turner.

Palavras-chave: Peregrinação, Divina Pastora, festa, ritual, simbolismo.

ABSTRACT

The present dissertation has as object of study the pilgrimage to the Shrine of the Divina Pastora, which happens in the city with name similar to the Saint, located in the state of Sergipe. Had as goal analyze, through ethnographic study, the ritualistic and symbolic dimensions of this religious event, observing it as a ritual process, highlighting certain aspects of the system of representations, beliefs, values and ideas expressed not only through words but mainly through ritual actions performed by pilgrims. During the fieldwork, the achievement of direct observation and interviews allowed to reach an insertion densest at the practices and representations experienced by pilgrims. Thus, was possible to understand the motivations that prompted the devotees to leave in walk to meet their patron saint and the meanings attributed to their devotional act. For analysis of the rituals was used as reference the studies of Victor Turner.

Keywords: Pilgrimage, Divina Pastora, celebration, ritual, symbolism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa do Estado de Sergipe.....	23
Figura 2 Padre Dom Luciano com os membros integrantes da Juventude Universitária Católica na primeira peregrinação à Divina Pastora em 1958.....	29
Figura 3 Peregrinos na estrada de Riachuelo em direção a Divina Pastora em outubro de 1974.....	30
Figura 4 Chegada de fiéis na Praça da Igreja Matriz de Divina Pastora em outubro de 1974.....	30
Figura 5 Peregrinos em procissão com a imagem de Nossa Senhora Divina Pastora em outubro de 1974.....	30
Figura 6 Planta baixa da Igreja Matriz Divina Pastora.....	32
Figura 7 Escultura presente no altar-mor da Igreja Matriz Divina Pastora.....	34
Figura 8 Imagem do forro da nave central da Igreja Matriz Divina Pastora.....	34
Figura 9 Barraca com artigos religiosos diversos.....	37
Figura 10 Barraca com imagens religiosas. Ao lado se vê comerciante vendendo tecidos.....	37
Figura 11 comerciantes vendendo brinquedos no entorno do santuário.....	37
Figura 12 Comerciante anunciando a venda de artesanato.....	37
Figura 13 Equipe da coleta (corda/comunhão).....	39
Figura 14 Equipe da adoração.....	39
Figura 15 Equipe da cozinha.....	39
Figura 16 Peregrinos subindo a ladeira de acesso a Divina Pastora.....	53
Figura 17 Peregrina sendo amparada por familiares no percurso até Divina Pastora.....	53
Figura 18 Peregrinos descalços partindo de Riachuelo em direção a Divina Pastora.....	53
Figura 19 Peregrina com veste branca, pagando promessa.....	53
Figura 20 Romeiros assistindo à missa presidida pelo Bispo Auxiliar na Igreja Nossa Senhora da Conceição em Riachuelo.....	61
Figura 21 Integrantes do grupo paroquiano Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, seguindo em direção a Divina Pastora na companhia do Bispo Auxiliar e do vice-governador do Estado, Jackson Barreto.....	61
Figura 22 Divino-pastorenses adentrando no ônibus em companhia do pároco.....	63
Figura 23 Moradores, no interior do ônibus, na companhia do pároco, seguindo para Riachuelo	63
Figura 24 Divino-pastorenses partindo em romaria de Riachuelo até Divina Pastora em companhia do pároco.....	64
Figura 25 Integrante da organização paroquial sinalizando a presença dos romeiros na rodovia, com auxílio de uma lanterna.....	64
Figura 26 Divino-pastorenses passando pela rodovia SE 160 à noite.....	64
Figura 27 Parada na I Estação da Via-Sacra.....	64
Figura 28 Romeiros alojados embaixo de uma das árvores, localizadas na praça em frente ao Santuário.....	68
Figura 29 Romeiros alojados no corredor externo da lateral do Santuário.....	68
Figura 30 Vista aérea da praça do cruzeiro em domingo de peregrinação.....	71
Figura 31 Cruzeiro ainda no início da madrugada do domingo, com apenas algumas velas deixadas por devotos.....	72
Figura 32 Romeiros deixando os primeiros ex-votos no cruzeiro ainda no início da madrugada do	

domingo.....	72
Figura 33 Romeiros aglomerados em volta do cruzeiro, já repleto de objetos deixados pelos devotos.....	72
Figura 34 Objetos deixados pelos devotos no cruzeiro.....	72
Figura 35 Menino próximo ao cruzeiro utilizando água para apagar a chama da parafina e assim poder recolhê-la.....	74
Figura 36 Menina colhendo parafina em volta do cruzeiro.....	74
Figura 37 Devoto chegando ao cruzeiro na madrugada do domingo, amparado por familiar, após peregrinar de joelhos.....	75
Figura 38 Devota realizando prece alguns metros à frente do cruzeiro.....	75
Figura 39 Imagem peregrina chegando à praça do cruzeiro acompanhada por devotos e cardeais....	77
Figura 40 Imagem peregrina sendo conduzida para baixo de uma árvore, onde ficará exposta por algumas horas.....	77
Figura 41 Imagem peregrina rodeada por devotos que, neste momento, tentam se aproximar para tocá-la.....	77
Figura 42 Devoto aproximando uma criança para tocar na imagem peregrina.....	77
Figura 43 Devotos tentando tocar na réplica da Virgem Pastora, localizada ao lado do palco.....	78
Figura 44 Fonte: Acervo pessoal. Imagem da réplica de Nossa Senhora Divina Pastora.....	78
Figura 45 Vista da tenda de adoração, localizada ao fundo do Santuário.....	82
Figura 46 Santíssimo exposto no ostensório.....	82
Figura 47 Devotos descansando no interior da Tenda de Adoração.....	82
Figura 48 Vista interna da Tenda de Adoração, já sem o Santíssimo.....	82
Figura 49 Vista aérea do Santuário.....	85
Figura 50 Vista do palco montado para realização da missa campal e de shows religiosos.....	85
Figura 51 Romeiros vistos do altar do Santuário, tentando se aproximar da Virgem.....	86
Figura 52 Integrantes da equipe de colaboração do Santuário aproximando do altar objetos entregues pelos romeiros e, em seguida, devolvendo aos mesmos.....	86

LISTA DE SIGLAS

EMSETUR - Empresa Sergipana de Turismo

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

JUC - Juventude Universitária Católica

NPPA – Núcleo de Pós Graduação e Pesquisa em Antropologia

TAC – Termo de Ajustamento de Conduta

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SETUR - Secretaria de Estado do Turismo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DA CIDADE DIVINA PASTORA	22
1.1 Início da Devoção à Santa.....	25
1.2 O Início das Peregrinações a Divina Pastora	26
1.3 A Igreja Matriz Nossa Senhora Divina Pastora	31
1.4 A Peregrinação Hoje: O Cenário da Estrutura Organizacional do Evento	36
1.4.1 “Se vier a peregrinação não beba, se beber não venha”: reestruturação dos pontos comerciais no espaço do evento, purificação do culto e emergência de conflitos.....	41
CAPÍTULO 2 - CAMINHOS CRUZADOS: AS VÁRIAS FORMAS E SENTIDOS DE PEREGRINAR PARA DIVINA PASTORA	50
2.1 Os Grupos Paroquianos	59
2.2 A Peregrinação do Povo Pastorensense	61
CAPÍTULO 3 - O PROCESSO RITUAL: PRINCIPAIS ESPAÇOS RITUALÍSTICOS DA PEREGRINAÇÃO	67
3.1 O Cruzeiro e a Visitação a Imagem Peregrina.....	70
3.2 A Tenda de Adoração	80
3.3 O Santuário	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	96
Anexo A - Carta do Administrador paroquial publicada no site da Arquidiocese de Aracaju.....	97
Anexo B – Nota da Arquidiocese de Aracaju Sobre a proibição da venda de bebida alcoólica na peregrinação de 2011.	100
Anexo C – Nota sobre a audiência pública realizada no dia 30 de setembro de 2011.	101

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo etnográfico da peregrinação ao santuário de Divina Pastora que acontece no município de nome homólogo ao da Santa, localizado no Estado de Sergipe. Trata-se de uma das mais notáveis manifestações de fé ocorrida atualmente no Estado, considerando os milhares de peregrinos que para lá se dirigem todos os anos. A devoção a esta Santa remonta ao período colonial, sua celebração em terras sergipanas foi iniciada no ano de 1782, porém somente em 1958 as peregrinações começaram a ser realizadas com os membros da Juventude Universitária Católica (JUC), cujo principal incentivador foi o Padre Luciano José Cabral Duarte.

A escassez de trabalhos realizados sobre as peregrinações ao santuário de Divina Pastora foi um dos fatores que me levou a optar pelo estudo do tema, devido mesmo ao poder de mobilização que o evento religioso possui sobre devotos das mais diversas localidades da região sergipana e de outros Estados, e à notoriedade e reconhecimento dado pela mídia local por meio de rádio, televisão e internet e pela comunidade religiosa católica representada pelas dioceses de Aracaju, Estância e Propriá.

Ao longo dos seus cinquenta e quatro anos de realização o evento que pode ser classificado simultaneamente como religioso e turístico devido a sua inserção no calendário religioso da Arquidiocese de Aracaju e no calendário oficial de turismo divulgado pela SETUR/EMSETUR – Secretaria de Estado do Turismo e Empresa Sergipana de Turismo passou por diversas mudanças em seus aspectos estruturais e devocionais. Tais mudanças ocorreram em maior proporção devido ao crescente número de peregrinos que foram sendo atraídos ao santuário no decorrer dos anos, levando o evento a alcançar proporções antes inimagináveis.

Ao realizar uma abordagem antropológica da referida peregrinação priorizei a análise de aspectos rituais e simbólicos observados nos espaços de celebrações, sem ignorar, entretanto a dimensão festiva do evento. Por mais diversificada que seja a abordagem particular de cada autor, todos concordam que as festas, pela amplitude das relações sociais que acionam para que se concretizem, constituem-se num fenômeno singular que possibilita a visualização do grupo social que as celebra em operação, isto é, a sociedade em movimento. Nesse sentido, podem ser classificadas como um fato social total, de acordo com a definição

que Mauss (2003) estabeleceu para o conceito¹, podendo ser estudada em sua multiplicidade de relações e determinações.

Os termos peregrinação e romaria geralmente são utilizados sem distinção, mas é importante ressaltar que alguns autores atribuem definições diferenciadas a tais práticas ressaltando características peculiares, a exemplo de Pierre Sanchis (2006) e Nogueira (2008). Para este último, mesmo sendo fenômenos diferentes, as romarias e as peregrinações assemelham-se em sua essência, por isso existe uma dificuldade em distingui-los. Tendo em vista essas semelhanças, na presente dissertação utilizei tais termos como sinônimos.

O trabalho teve como objetivo analisar por meio de estudo etnográfico as dimensões simbólicas e ritualísticas da peregrinação, observando o evento como um processo ritual, destacando certos aspectos do sistema de representações, crenças, valores e ideias expressos não somente através de discursos, mas principalmente através de ações rituais realizadas pelos peregrinos. No decorrer desse processo observei as práticas devocionais que os peregrinos adotaram durante o ato peregrinatório; investiguei as motivações que instigaram os peregrinos a partir em caminhada ao encontro de seu santo protetor; analisei as representações que os fiéis possuíam a respeito de seu ato devocional e busquei compreender os sentidos que os devotos atribuíam aos símbolos e artefatos religiosos utilizados durante o processo peregrinatório. Além disso, observei como se organizavam as peregrinações, buscando perceber os sentidos e interesses que eram investidos nos rituais realizados.

Os aspectos devocionais desta experiência religiosa que implica em privações, alegria, dor, etc. nos convidam a refletir sobre as disposições e motivações induzidas pelos símbolos religiosos. Para Geertz (2008) os símbolos modelam e expressam o mundo “induzindo o crente a um conjunto de disposições (tendências, capacidade, propensões, habilidades, compromissos, inclinações) que emprestam um caráter profundo ao fluxo de sua atividade e à qualidade da sua experiência” p.70. A perspectiva religiosa é um modo de ver que transcende a vida cotidiana e se dirige a outras dimensões que a corrigem e complementam. Nos rituais, a exemplo da peregrinação “O mundo vivido e o mundo imaginário fundem-se sob a mediação de um conjunto de formas simbólicas, tornando-se um mundo único” (p.82). Neste sentido busquei compreender as motivações que levaram os romeiros a pôr-se em marcha e os sentidos atribuídos a este ato, analisando não somente os discursos dos devotos, mas principalmente as ações realizadas no contexto ritual, expressas através de gestos.

¹ Segundo Mauss “nesses fenômenos sociais “totais”, (...) exprimem-se de uma só vez as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais - estas, políticas e familiares ao mesmo tempo - e econômicas” (2003:187).

Para análise dos rituais tomei como referência os estudos de Victor Turner (1974; 2005; 2008), para quem os símbolos rituais são elementos dinâmicos, motores da ação através da mobilização simultânea de uma poderosa carga de emoções e de valores sociais. Para Turner os interesses, propósitos e vontades que constituem as motivações dos indivíduos e orientam suas atitudes são constituintes fundamentais do próprio simbolismo e o contexto da situação é fator determinante do simbolismo ritual. Por este motivo, na análise do comportamento ritual dos romeiros, dei atenção especial à caminhada realizada e aos locais de visitação mais frequentados no âmbito do santuário, tais como o cruzeiro, a tenda de adoração, a imagem peregrina, e a Igreja Matriz. Em cada um desses locais pude observar comportamentos e ações específicas, que na maioria das vezes, mesmo sem a emissão de uma única palavra, comunicava objetivos e intenções dando sentido ao ato de fé manifestado pelos peregrinos.

Trabalhos de autores que abordam o fenômeno das peregrinações em outros estados brasileiros também foram utilizados como referência teórica, a exemplo de Steil (1996), Fernandes (1982), Menezes (1996) e Aquino (2007). Além disso, estudiosos que discutem as mais variadas expressões do catolicismo popular também foram consultados, como Maués (1995) e Zaluar (1983). O trabalho de campo englobou observação direta e realização de entrevistas, o que me permitiu alcançar uma inserção mais densa nas práticas e representações vivenciadas pelos peregrinos. Acompanhando de perto o evento, peregrinando junto ao universo de fiéis que se dirigiam ao santuário visando o alcance dos mais diversos objetivos, obtive maior decodificação dos imaginários, vocabulário, símbolos e ritos válidos e coerentes para os respectivos adeptos, com maior correspondência ao modo como os próprios integrantes vivenciam sua crença.

O primeiro contato com a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora ocorreu no ano de 2009, quando realizava um despretenso exercício etnográfico em companhia de alguns colegas pesquisadores, integrantes do Grupo de Pesquisa Ritual, Festa e Performance². O fato de a referida festa ter sido tão pouco explorada, apesar de ser considerada atualmente o evento religioso com maior poder de mobilização e congregação de fiéis no estado, chegando a reunir cerca de cem mil peregrinos no terceiro domingo do mês de outubro, me motivou a tomá-la como objeto de estudo.

² O grupo de pesquisa Ritual, Festa e Performance, fundado em 2006, no âmbito do Departamento de Ciências Sociais e da Coordenação de Pesquisa (COPES) da Universidade Federal de Sergipe integra o diretório de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tem por objetivo fomentar estudos e pesquisas em torno de três linhas: Antropologia da Festa, Corpo e Cultura e Ritual e Performance.

Assim, meses antes de retornar a campo com o propósito de iniciar a pesquisa para o desenvolvimento da presente dissertação efetivei uma pesquisa documental, por meio da qual foi possível fazer levantamento de fontes primárias, analisando documentos disponíveis na Arquidiocese de Aracaju, no próprio Santuário de Divina Pastora e no Instituto Dom Luciano Cabral Duarte sobre a referida peregrinação, e fontes secundárias analisando monografias e dissertações existentes sobre peregrinação. Assim, pude obter dados sobre o Santuário que possibilitaram compreender a introdução da devoção a Divina Pastora em terras sergipanas. Posteriormente iniciei uma investigação exploratória com o intuito de compreender ao máximo o processo de organização e as etapas que compunham o evento.

Para isto realizei visitas à cidade, onde pude ter contato com um dos principais organizadores da festa religiosa, que acabou se tornando meu informante-chave, fornecendo dados valiosos a respeito da peregrinação de modo geral e me colocando em contato com outros integrantes da comissão organizadora e pesquisadores da peregrinação. Tais contatos permitiram inclusive que eu tivesse acesso ao uso do helicóptero do grupamento tático aéreo da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Sergipe, sobrevoando a cidade em pleno domingo de peregrinação, isso foi de fundamental importância para o enriquecimento do acervo fotográfico utilizado no meu trabalho.

Realizei entrevistas com quatro destes integrantes da comissão organizadora e com uma funcionária do Santuário, pude ter acesso a algumas das programações dos eventos anteriores e do ano corrente de 2011, isso foi de fundamental importância para que eu pudesse me preparar para a observação de campo realizada no dia da peregrinação; uma vez que o evento é constituído por uma simultaneidade de atividades, que observadas de fora geram uma inevitável confusão aparente, muitas vezes tomada como ausência de princípios organizativos por um observador externo. Somente após isso me pus em marcha junto aos romeiros, buscando compreender suas motivações e observando suas ações ritualísticas no decorrer da caminhada, durante sua estadia e visitação aos diversos pontos do santuário.

Também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas no contexto da festa religiosa, com perguntas previamente elaboradas, e perguntas abertas permitindo ao informante falar livremente sobre o tema proposto, o que permitiu captar as representações sociais dos peregrinos a respeito de seu ato devocional. Além dos peregrinos, entrevistei comerciantes que trabalhavam no evento e moradores da cidade. O diário de campo foi de fundamental importância durante o processo de observação, uma vez que possibilitou o registro de percepções obtidas a partir de conversas informais, comportamentos, cerimoniais, gestos, expressões, questionamentos e informações importantes que foram consultadas

posteriormente para auxílio na análise e descrição do objeto estudado. Da mesma maneira, o registro das imagens por meio de fotos e vídeos contribuiu na análise dos dados e construção do estudo etnográfico.

Durante a investigação em campo, algumas questões norteadoras foram emergindo e acabaram direcionando os encaminhamentos da pesquisa. Os dados coletados na observação de campo realizada nos anos de 2009, 2011 e 2012, assim como a vasta documentação disponível em jornais eletrônicos a respeito da edição do evento ocorrido no ano de 2010 permitiu abordar no presente trabalho, mudanças peculiares sofridas pelo evento principalmente no âmbito organizacional. Tais mudanças, iniciadas a partir da chegada do Padre Helelon Bezerra dos Anjos, atual pároco do santuário de Divina Pastora, visaram combater principalmente o crescimento desordenado do comércio estabelecido em torno da igreja e o consumo e venda de bebidas alcoólicas durante o evento; mas também buscaram, no campo devocional, reafirmar dogmas e práticas propagadas pelo catolicismo oficial. Este fato pôde ser facilmente observado através da inserção de novos espaços e ações litúrgicas no contexto da peregrinação, a exemplo da tenda de adoração e da romaria do povo pastorensense.

Foi possível compreender que essas ações estavam totalmente vinculadas a um contexto maior, no qual as tentativas de normatização não eram constituídas por atos isolados por parte dos atores clericais locais da peregrinação a Divina Pastora, mas refletia uma política mais ampla da Igreja Católica que, desde seu processo de romanização até as reformas advindas do Concílio Vaticano II, tem confrontado manifestações religiosas de cunho popular em santuários de todo país. Esses conflitos entre catolicismo oficial e catolicismo popular se manifestam de maneira particular também em outros centros de peregrinação no país, tais como observaram Steil (1996) na peregrinação ao Santuário de Bom Jesus da Lapa, Aquino (2007) na peregrinação ao Santuário do Divino Pai Eterno em Trindade – Go e Menezes (1996) na festa da Penha, no Rio de Janeiro.

O trabalho foi estruturado de modo que fosse possível expor, de maneira clara e sequencial, as questões norteadoras emergidas em campo; assim, no primeiro capítulo retomei aspectos históricos referentes ao surgimento da cidade de Divina Pastora o que embora realizado com dificuldade, devido à escassez de registros escritos, auxiliou na compreensão dos acontecimentos posteriores que contribuiriam para a implantação da devoção à Santa em terras sergipanas, ocorrida através das ações missionárias dos padres capuchinhos no ano de 1782. É interessante destacar que somente 176 anos após a introdução da devoção à Virgem campesina na cidade de Divina Pastora as peregrinações foram iniciadas, pelos membros da Juventude Universitária Católica e seu maior incentivador, Padre Luciano José Cabral Duarte.

A Igreja Matriz Nossa Senhora Divina Pastora, tombada pelo IPHAN como patrimônio histórico e cultural desde 1943, apresentou-se durante a pesquisa documental como elemento de fundamental importância na escolha do local para onde seriam empreendidas as caminhadas de fé, realizadas sobre a supervisão do Padre Luciano José Cabral Duarte. Localizada na parte alta da cidade, a estrutura da Igreja favorece a recepção de peregrinos devido à presença de corredores laterais externos e arcadas sobre pilares. Tal característica teria levado especialistas a afirmar que a Igreja construída entre o século XVIII e XIX teve desde sua criação o propósito de receber romeiros, fato que gerou controvérsias entre estudiosos a exemplo de Santos (2008) que contesta essa versão pondo em dúvida a existência de peregrinações à referida cidade anterior ao ano de 1958, devido à inexistência de documentos ou qualquer tipo de indícios que comprovem tais visitas ao santuário.

Sua constituição arquitetônica, com riqueza de detalhes compostos pelas pinturas, imagens sacras, objetos litúrgicos e retábulos tornou necessária a realização de uma descrição à parte no contexto do trabalho. A presença de uma imagem tridimensional da Virgem campesina, de autoria atribuída ao pintor baiano José Teófilo de Jesus, decorando o forro da nave central e a escultura, cunhada em madeira, de Nossa Senhora Divina Pastora, entronizada no altar principal, não poderiam deixar de ser retratadas pelo fascínio que exercem sobre os romeiros que para lá se dirigem em dia de peregrinação. Tais símbolos apresentaram-se como condensadores de significados, possuindo enorme poder de emocionar.

A descrição etnográfica realizada a partir de observações de campo ocorridas nos anos de 2009, 2011 e 2012 permitiu a visualização da peregrinação em seu contexto atual, evidenciando todas as mudanças referentes ao seu processo organizacional, necessárias principalmente por conta do crescente aumento de peregrinos que passaram a caminhar em direção ao santuário. Modificações relativas à programação religiosa tais como o aumento da duração da festividade, a inserção de novos rituais e a regulamentação dos espaços ocupados por comerciantes em dia de peregrinação também foram assinaladas.

A ocorrência de tais transformações, especialmente as que se deram no âmbito organizativo do evento deveu-se em grande parte à iniciativa do atual pároco, Padre Helelon Bezerra dos Anjos e não por acaso aconteceram em meio a um contexto conflituoso. A concessão da prefeitura para que a Igreja ficasse responsável pela organização do espaço público na peregrinação ocorrida no ano de 2010, a pedido do novo pároco culminou em uma série de desentendimentos que necessitou da intervenção da promotoria de justiça para serem minimizados. O conflito estendeu-se aos comerciantes da região por conta da emissão de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) emitido pelo promotor de justiça Doutor Antônio

Carlos Nascimento, que estabelecia a restrição dos horários de venda de bebidas alcoólicas na cidade de Divina Pastora e em seus arredores.

A exigência de cadastramento dos pontos comerciais introduzida pelo pároco também desagradou aos barraqueiros que reivindicavam para si os melhores locais para montagem de suas barracas. O auge dos conflitos se deu com a retirada da procissão com a imagem peregrina da programação, uma ação de represália do pároco contra a prefeitura, por descumprir alguns acordos estabelecidos com a intermediação da promotoria de justiça. A retirada do tradicional ritual, que ocorre há quarenta anos, dividiu a opinião dos peregrinos, que se posicionavam ora a favor, ora contra a decisão polêmica do padre. É importante destacar que, apesar de todos os esforços empreendidos pelo pároco local e demais representantes eclesiais no que diz respeito à organização do comércio e restrição de venda de bebidas no contexto da peregrinação de 2011, as ações não se sustentaram no ano posterior.

No segundo capítulo procurei demonstrar as várias formas de peregrinar existentes na caminhada até Divina Pastora, evidenciando que, apesar de se tratar de um evento no qual as pessoas realizam atos devocionais que visam aparentemente o alcance de objetivos comuns, as motivações e os sentidos atribuídos por elas ao esforço empreendido, dão um caráter singular e diversificado à experiência vivenciada, o que torna a peregrinação um evento de caráter multifacetado. A caminhada em si revelou-se como ação de fundamental importância para a maioria dos devotos que buscavam entrar em contato com seu interior durante sua realização, com o intuito de transpor-se a um ambiente de tranquilidade, propício à reflexão e consequentemente ao contato com uma ordem sagrada.

A realização de votos apresentou-se como fator fundamental no estabelecimento de uma relação de reciprocidade entre o devoto e a Virgem, o relato de algumas das promessas narradas em campo pelos peregrinos auxiliou na compreensão deste aspecto. Além disso, a presença de grupos paroquianos que se organizam em caravanas para peregrinar até o santuário e a existência de uma peregrinação voltada exclusivamente ao povo pastoreense, organizada pelo pároco da cidade constituíram-se em fatores demonstrativos de outras formas de peregrinar e de sentidos particulares atribuídos a tal ato, manifestadas em Divina Pastora.

No terceiro capítulo realizei uma análise e descrição etnográfica acerca dos espaços ritualísticos mais visitados pelos peregrinos durante a estadia no santuário, tais como o Cruzeiro, símbolo de grande representatividade no âmbito do catolicismo e que acabou chamando minha atenção durante a pesquisa, pela atração que exercia sobre os devotos, sendo o primeiro ponto visitado, onde se realiza pagamento de promessas e novos votos, antes mesmo do encontro com a santa de devoção; a Tenda de Adoração, um espaço inserido no

contexto do evento com o intuito de propiciar aos peregrinos momentos de silêncio e oração, mas que analisado atentamente atende aos propósitos doutrinários da igreja oficial ao não permitir, com a adoração ao Santíssimo Sacramento, que o culto mariano suplantasse a figura de Jesus, único a quem é permitido adorar dentro da ideologia cristã, pois somente ele é reconhecido enquanto Deus; o toldo onde se encontrava exposta a imagem peregrina e a Igreja Matriz.

CAPÍTULO 1 - ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DA CIDADE DIVINA PASTORA

Localizado na região leste do Estado de Sergipe, a trinta e nove quilômetros da capital, o município de Divina Pastora é sede do principal Santuário Mariano da região. A importância do Santuário dá-se pelo número de devotos que para lá se dirige todos os anos, atraídos pelas celebrações realizadas em homenagem à padroeira que oferta o nome à cidade.

É numa área total de noventa e três quilômetros quadrados, na qual habita pouco mais de quatro mil trezentas e vinte e seis pessoas³ distribuídas na sede e em dois povoados denominados Bomfim e Maniçoba, que cerca de 100 mil pessoas dão vida a uma das mais notáveis manifestações de fé ocorrida atualmente em terras sergipanas. O evento religioso atrai devotos, promesseiros, penitentes, suplicantes, autoridades e observadores provenientes de várias cidades circunvizinhas tais como Siriri, Santa Rosa de Lima, Maruim, Riachuelo, Nossa Senhora das Dores, Rosário do Catete, e também de outros estados, principalmente Alagoas, Bahia e Pernambuco.

Os fiéis seguem a pé o percurso de aproximadamente 9 km partindo da Cidade de Riachuelo até Divina Pastora, no intuito de encontrar sua padroeira e participar das celebrações na Igreja Matriz. Há grupos pequenos que saem de Aracaju e outras cidades, mas o ato de peregrinar característico desse evento religioso é, justamente, caminhar de Riachuelo até Divina Pastora. Os peregrinos que partem da cidade de Riachuelo/SE demoram em média três a quatro horas para alcançar o Santuário de Divina Pastora/SE. Porém os peregrinos que partem a pé de suas cidades de origem na noite anterior à festividade, demoram mais tempo. Apesar de ser considerada uma das maiores produtoras de petróleo do Estado de Sergipe, a cidade de Divina Pastora tem pouca expressão econômica e sofre de escassez de oportunidades de trabalho, que se restringem basicamente aos cargos públicos ofertados pela prefeitura.

Diferente de outras Cidades-Santuários, nas quais a origem chega a ser confundida com a introdução da devoção ao santo padroeiro⁴, sua fundação não guarda qualquer relação com as manifestações místicas ou aparições miraculosas. A exemplo de outros municípios

³ Dados do IBGE, 2010.

⁴ O Santuário do Divino Pai Eterno teve origem na segunda metade do século XIX, a partir de um medalhão de barro, de aproximadamente dez centímetros de diâmetro que teria sido descoberto por um casal de agricultores, na região em torno de Trindade que, até então, se chamava Barro Preto. O casal que encontrou o medalhão teria iniciado o culto ao Pai Eterno fazendo orações em casa, e à medida que essas rezas atraíam um maior número de pessoas eles teriam construído uma capela para a imagem no local onde é hoje a Igreja Matriz. Essa versão atribui a um sinal divino a presença e existência do medalhão.

sergipanos, a cidade foi fundada em meados do século XVII no período da invasão holandesa, a partir de um dos 400 currais de gado existentes em Sergipe.

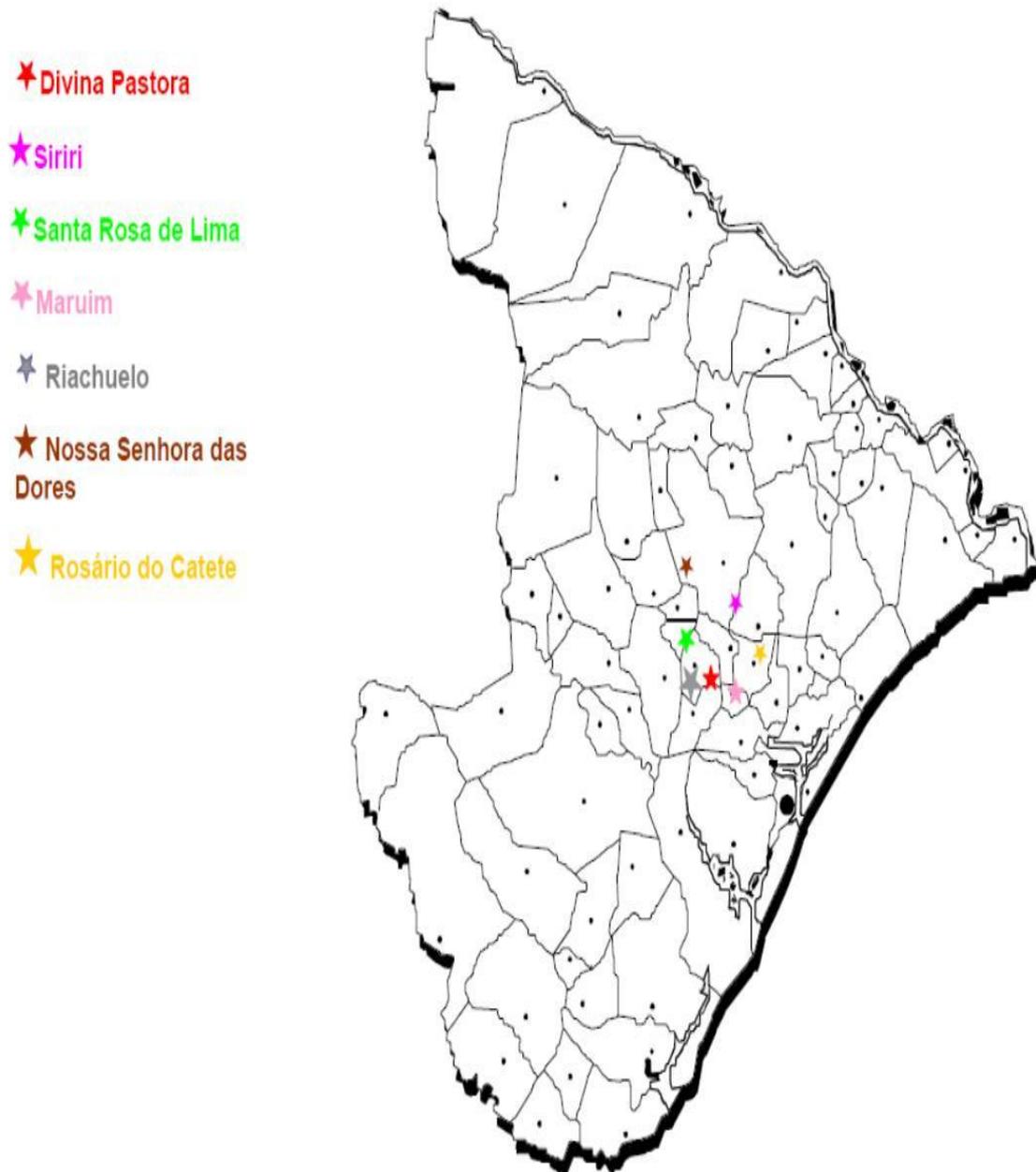


Figura 1 Mapa do Estado de Sergipe

Constituída no período colonial, onde a Igreja se fez intensamente presente no plano político e social é possível afirmar que o povoado Ladeira, primeira designação dada à atual cidade de Divina Pastora, tenha se desenvolvido a partir de uma capela votiva a São Gonçalo, que, construída em local elevado, passou a receber novos habitantes, formando assim uma povoação. Segundo a historiadora sergipana Maria Thetis Nunes (1996), a maior parte dos núcleos urbanos no Brasil Colônia se desenvolveu nos arredores de capelas, o que demonstra que os templos religiosos demarcavam o território do sagrado, orientando assim o processo de urbanização.

Com o passar dos anos, a povoação Ladeira desenvolveu-se substancialmente sendo uma das primeiras de Sergipe a elevar-se à categoria de freguesia ainda no século XVII. Lima (1997) e Santos (2008), afirmam que os dados referentes à criação da freguesia de São Gonçalo na povoação da Ladeira são escassos e de difícil localização, por isto permanecem desconhecidos. No entanto, há um indício mais antigo que atesta um período aproximado de sua existência; trata-se do documento de posse do vigário Manoel Correia de Sá, na freguesia de Jesus, Maria e José do Pé do Branco, atual município de Siriri, datado de 18 de fevereiro de 1700, quando Divina Pastora já era paróquia. Através dele é possível afirmar que a referida freguesia já existia antes da data de posse do Vigário.

Lima (1997, p.33) apresenta a existência de algumas possíveis versões a respeito da elevação do povoado Ladeira à freguesia de São Gonçalo. Uma delas teria sido sustentada por Felisbelo Freire, ao afirmar que a data da criação da freguesia teria acontecido por volta de 1700, e que nesse período a antiga freguesia já era paróquia. Em outra versão atribuída ao historiador sergipano Clodomir de Souza e Silva, Ladeira teria surgido mais de um século antes de 1853, tendo a capela de São Gonçalo como sua primeira sede, que por ruína, teria sido transferida para capela de Jesus Maria José do Pé do Branco. Posteriormente, pelo mesmo motivo, a sede da freguesia teria retornado ao local de origem, onde permaneceu até os dias atuais. Essa mudança foi determinada através do decreto do príncipe regente, Dom João VI, em 1813.

Após esses acontecimentos a freguesia de São Gonçalo passou por uma série de transformações no campo econômico e religioso, consolidando-se paulatinamente. Santos (2008, p.16) afirma que a chegada dos frades capuchinhos com a imagem mariana de Nossa Senhora Divina Pastora na capela de São Gonçalo, dada no ano de 1782, influenciou intensamente o contexto social daquele período, uma vez que o próprio enfoque religioso da povoação metamorfoseou-se. A devoção a São Gonçalo aos poucos desapareceu diante do

culto da Virgem, uma nova matriz foi construída e a freguesia passou a adotar o nome da Virgem Campesina.

A Vila de Divina Pastora só passou a ser assim denominada após elevação à categoria de distrito administrativo através de uma lei provincial datada em 31 de maio de 1833, quando foi politicamente emancipada da Cidade de Maruim. Neste período a devoção mariana à Nossa Senhora Divina Pastora, difundida na Espanha, já havia sido introduzida pelos missionários capuchinhos.

1.1 Início da Devoção à Santa

Na hagiologia católica Nossa Senhora Divina Pastora é assim chamada por ter se revelado sentada numa rocha, abaixo de uma árvore, vestida como uma pastora e rodeada de ovelhas. As primeiras manifestações da devoção a essa santa surgiram no século XVIII, mais precisamente no ano de 1703, em Servilha/Espanha, local onde teria aparecido pela primeira vez a um jovem frade menor da Igreja dos Capuchinhos, chamado Isidoro, a quem transmitiu uma mensagem manifestando seu desejo: “Por onde fores, difunde a minha devoção sob o título de Nossa Senhora Divina Pastora”. Este teria sido o pedido da Santa. Logo após a aparição, Frei Isidoro encomendou uma pintura a Miguel Alonso de Tovar, que através da descrição narrada pelo frade criou a primeira representação iconográfica da Virgem Santa. Posteriormente o catedrático de Arte da Universidade de Sevilha, Francisco Antônio Gijón, conhecido como um dos maiores escultores sevilhanos esculpiu a imagem de tamanho natural da Divina Pastora.

No decorrer do século XVIII os capuchinhos difundiram a devoção à Divina Pastora nas mais distantes localidades, porém a Virgem campesina ficou mais conhecida em territórios da Espanha e da América Latina. Segundo Megale (2001, p.186) “o principal Santuário da Divina Pastora é o da ilha de Trindade e Tobago, nas Antilhas, descoberta por Cristóvão Colombo em 1498 e que pertenceu à Espanha até os fins do século XVIII, quando foi conquistada pelos Ingleses”. Na ilha de Trindade a Divina Pastora é exaltada sob o título de Nossa Senhora de Sipária; a grande festa é celebrada em seu Santuário no segundo domingo depois da Páscoa, onde afluem romeiros das pequenas Antilhas, bem como da Venezuela e Brasil⁵.

⁵ Na Ilha de Trindade e Tobago Divina Pastora é invocada sob o título de Nossa Senhora de Sipária por ter sido encontrada por índios de uma aldeia com mesmo nome. Na falta de documentos escritos há relatos afirmando

Na Venezuela, a principal homenagem pertence ao estado de Lara, onde desde 1856, no dia 14 de Janeiro, uma grande procissão leva a imagem da Virgem, da cidade de Santa Rosa para a cidade de Barquisimeto⁶. No Brasil, apesar de amplamente disseminada pelos capuchinhos que aqui chegaram no mês de outubro do ano de 1782, tal devoção não conseguiu ser popularizada, no entanto, na menor unidade federativa do país, estado de Sergipe, região do Vale do Cotinguiba, a devoção a Nossa Senhora Divina Pastora foi acolhida de maneira singular e, atualmente, na cidade de nome homólogo ao da Santa se encontra o único Santuário Mariano sob tal invocação no país⁷. O local se tornou o principal centro convergente de peregrinos.

1.2 O Início das Peregrinações a Divina Pastora

A primeira peregrinação à cidade de Divina Pastora ocorreu no ano de 1958, com os membros da Juventude Universitária Católica (JUC), cujo principal incentivador foi o Padre Luciano José Cabral Duarte.

O jovem clérigo havia retornado de Paris, onde tinha obtido o título de doutor, com a mais alta menção honrosa pela defesa da tese “La Nature de l’Intelligence dans le Thomisme et dans la Philosophie de Hume”, na Sorbonne. Reconhecido por sua inteligência e empreendedorismo, ocupou posições de destaque no cenário da Igreja Católica e da sociedade sergipana no decorrer do século XX. Dentre algumas atuações ele foi o primeiro diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe; Conselheiro Federal de Educação; diretor do Jornal “A Cruzada”, veículo de comunicação que exerceu grande influência entre os fiéis

que a referida imagem provavelmente foi levada para lá pelos espanhóis. Os índios a encontraram no meio da selva, e aí lhe edificaram uma singela ermida. Anos mais tarde, quiseram levá-la para Oropenche, lugar mais acessível aos romeiros, mas a Santíssima Virgem manifestou sua vontade de permanecer no lugar onde a tinham encontrado. Foi então construído aí mesmo o seu Santuário. Disponível em <<http://www.mariamaedaigreja.net/textos/>> Acesso em: 25.03.2012

⁶ A procissão entre as duas cidades teria iniciado por conta de um episódio interessante. Segundo alguns relatos, a crescente devoção a Nossa Senhora Divina Pastora levou o Pároco da Igreja da Conceição de Barquisimeto a encomendar uma imagem da Virgem na Espanha. Ao mesmo tempo, o pároco da igreja de Santa Rosa solicitou uma imagem da Imaculada Conceição. Por equívoco as caixas de onde vinham as imagens foram trocadas e foi enviada a Santa Rosa a imagem da Divina Pastora. Ao dar-se conta do erro o pároco ordenou que fechassem a caixa determinando que alguns índios a enviassem à igreja da Conceição de Barquisimeto. Ao tentarem levantar, a caixa ficou tão pesada que ninguém conseguia movê-la. Tomando conhecimento desse fato, o Pároco a quem se destinava à Imagem convenceu-se que era desejo de Nossa Senhora ficar ali. A Imagem chegou em 1736, mas as procissão entre as duas cidades só começou em 14 de janeiro de 1856, por ocasião de uma epidemia de cólera na região, e desde então, realiza-se todos os anos. Disponível em <<http://www.espacomaria.com.br/?cat=8&id=1623>> Acesso em 29.03.2012

⁷ No ano de 2012 completou-se 230 anos da chegada da devoção à Nossa Senhora Divina Pastora em terras sergipanas.

católicos durante o século XX e Presidente da Câmara de Ensino Superior do Conselho Estadual de Educação, liderando o trabalho para a constituição da Fundação Universidade Federal de Sergipe. No ápice da carreira eclesiástica foi bispo auxiliar na regência do então Arcebispo da Arquidiocese de Aracaju Dom José Vicente Távora, substituindo o mesmo após sua repentina morte⁸.

Foi esse jovem padre que, ao retornar de Paris, assumiu a função de Assistente Eclesiástico da Ação Católica, liderando as atividades desenvolvidas pela Juventude Universitária Católica⁹. Dentre as inovações realizadas por Dom Luciano ao assumir a direção da JUC, sem dúvida a peregrinação à cidade de Divina Pastora foi a que persistiu no decorrer dos anos, passando por transformações que a consolidaram como uma das maiores manifestações de fé do Estado de Sergipe. A experiência que Dom Luciano teve com a participação na peregrinação dos universitários parisienses à Catedral de Chartres durante sua estadia na Europa foi o que o motivou para a realização das peregrinações à cidade de Divina Pastora¹⁰.

O modelo de peregrinação almejado por Luciano Duarte se propunha a adotar uma prática diferenciada das demais romarias já existentes no Estado, caracterizadas por não possuírem controle do clero sobre as práticas devocionais. Por este motivo, no primeiro momento o foco recaiu sobre os estudantes da Juventude Universitária Católica, que passaram por um intenso período de preparação antes da partida. O primeiro desafio enfrentado pelo jovem clérigo centrou-se na escolha do local para onde seriam empreendidas as caminhadas de fé, não foi por acaso que a cidade Divina Pastora foi a escolhida.

A região possuía elementos que remetiam à paisagem que Dom Luciano visitou na França, a qual contemplava a Catedral de Chartres e seus arredores campesinos. Situada na área de produção de cana-de-açúcar a localidade apresentava uma Igreja consagrada à Virgem

⁸ Atualmente Dom Luciano é arcebispo Emérito da Arquidiocese de Aracaju e vive recluso em sua residência, devido a seu frágil estado de saúde.

⁹ A Ação Católica Brasileira foi um movimento fundado pelo cardeal Dom Sebastião Leme em 1935. Compreendia um conjunto de movimentos criados pela Igreja Católica, visando ampliar sua influência na sociedade, através da inclusão de setores específicos do laicato e do fortalecimento da fé religiosa, com base na Doutrina Social da Igreja. Contava com cinco organizações destinadas aos mais jovens: a Juventude Agrária Católica (JAC), formada por jovens do campo, a Juventude Estudantil Católica (JEC), formada por jovens estudantes do ensino médio (secundaristas), a Juventude Operária Católica (JOC), que atuava no meio operário, a Juventude Universitária Católica (JUC), constituída por estudantes de nível superior e a Juventude Independente Católica (JIC), formada por jovens que não fossem abrangidos pelas organizações anteriores; as mais conhecidas são a JEC, JOC e JUC.

¹⁰ A Catedral de Chartres era um dos principais centros marianos da França desde a Idade Média. As tradicionais peregrinações teriam sido reavivadas na modernidade por um célebre peregrino chamado Charles de Péguy, que no ano de 1912 percorreu os cerca de 90 km a pé de Paris até o templo gótico, para pagar uma promessa feita pela restauração da saúde do filho.

Maria, invocada com aquela expressão bucólica, o que favorecia sua preferência. Santos (2008, p. 42) destaca que a intenção de Dom Luciano ao iniciar o empreendimento das romarias, era dar um sentido diferenciado à prática de peregrinar, promovendo um novo olhar e estimulando uma nova expressão de religiosidade, pautada na ausência de práticas tidas como supersticiosas, por este motivo seria necessário que o local escolhido não possuísse qualquer relação com tais manifestações.

Diante de tais objetivos o novo empreendimento religioso não poderia se dar em uma cidade-santuário já consagrada, e muito menos pautar-se em bases consideradas supersticiosas, isso justifica a escolha dos universitários da JUC como público preferencial e os intensos meses de estudo e preparação antes da primeira caminhada, já que tais estudantes constituíam parte da classe pensante da sociedade na época. O relato do ex-jucista Geraldo Oliveira, permite visualizar o modo como foi organizada a primeira marcha sagrada para Divina Pastora, ocorrida em 24 de agosto de 1958.

No que dizia respeito à estrutura, os peregrinos seriam distribuídos em dois grandes grupos: os das moças que iriam à frente e o dos rapazes. O grupo dos rapazes constaria de três capítulos, com linhas de cinco participantes, cada um. À frente do capítulo um jucista portava um símbolo litúrgico e, no centro de cada linha, um jucista procurava avivar a discussão sobre o tema da peregrinação, que foi “Jesus Cristo, filho de Deus, Salvador”. Cabia, ao grupo de organização, preparar os cartazes, as insígnias dos peregrinos (uma fita com a data e o local da peregrinação), recomendações mais gerais, tais como tipo de roupa, comida e até mesmo sobre o suprimento de água que deveria ser levado, “pois a água existente ao longo da estrada continha amebas”. Também o grupo organizador percorreu, previamente a estrada, marcando os locais de parada para discussão e almoço. O evento foi amplamente divulgado em todas as faculdades por meio de cartazes e informações dos jucistas. Na véspera da peregrinação, houve uma reunião à noite, para os últimos detalhes, no salão da sacristia da igreja de São Salvador. Seguiu-se uma hora de prece e adoração, como uma vigília para os participantes. (*apud* MORAIS, Gizelda. 2008 p.207-208,).

Como é possível perceber toda a organização e preparação para a peregrinação foi minuciosamente pensada, o que contribuiu para o controle dos peregrinos por parte dos membros do clero, garantindo assim o sucesso do evento religioso, desenvolvido dentro dos auspícios do catolicismo oficial.



Figura 2 Padre Dom Luciano com os membros integrantes da Juventude Universitária Católica na primeira peregrinação à Divina Pastora em 1958. Fonte: Acervo do Instituto Dom Luciano Cabral Duarte

Com o sucesso da primeira peregrinação à Divina Pastora, o Padre Luciano Duarte passou a estimular os mais variados setores da sociedade a criarem suas próprias peregrinações, o que aumentou a popularidade do evento. Porém, nos primeiros anos da década de 1960 o referido padre precisou ausentar-se do cenário religioso sergipano por diferentes motivos, sendo um destes a cobertura do Concílio do Vaticano II, que perdurou entre os anos de 1962 e 1964. Esse fato culminou com a paralisação das peregrinações, que somente em 1971, ano em que o então padre tornou-se arcebispo da cidade de Aracaju, ressurgiram ainda com mais força, dando início ao que o pesquisador Magno Francisco Santos (2008) categorizou como segundo momento histórico da peregrinação à Divina Pastora.

A partir do referido ano de 1971, o evento religioso passou a ser destinado a todos os católicos pertencentes às paróquias sergipanas; deixando de ser uma ação exclusiva da Juventude Universitária Católica. A legitimação popular do evento transformou-o em uma das principais manifestações religiosas do Estado, agregando paróquias de outras dioceses e atraindo peregrinos de outros estados como Alagoas, Bahia e Pernambuco.



Figura 3 Peregrinos na estrada de Riachuelo em direção a Divina Pastora em outubro de 1974. Fonte: Acervo do Instituto Dom Luciano Cabral Duarte



Figura 4 Chegada de fiéis na Praça da Igreja Matriz de Divina Pastora em outubro de 1974. Fonte: Acervo do Instituto Dom Luciano Cabral Duarte.



Figura 5 Peregrinos em procissão com a imagem de Nossa Senhora Divina Pastora em outubro de 1974. Fonte: Acervo do Instituto Dom Luciano Cabral Duarte.

Com o crescente número de fiéis participantes do evento, o controle do clero sobre estes foi diminuindo. Sendo assim, a peregrinação que tinha nascido sob o pretexto de renovar o campo devocional do católico local, foi apropriada pelos populares que redefiniram seu perfil, adequando-o ao meio no qual estava inserido.

1.3 A Igreja Matriz Nossa Senhora Divina Pastora

A matriz de Nossa Senhora Divina Pastora é considerada um dos principais monumentos de Sergipe, sua estrutura arquitetônica se destaca em relação à simplicidade do casario que a circunda. Sua imponência e riqueza de detalhes constituídos pelas pinturas, imagens sacras, objetos litúrgicos e retábulos refletem o poderio dos tempos dos canaviais e a importância atribuída à religião através da construção de templos majestosos.

Localizada na praça central, parte alta da cidade, a matriz construída no final do século XVIII, nos idos de 1835, tombada pelo IPHAN como Patrimônio Histórico Cultural desde 23 de março de 1943¹¹, caracteriza-se por possuir uma nave central com corredor lateral externo, no qual estão distribuídas cinco arcadas. A dificuldade de localização de fontes documentais com registros mais detalhados a respeito da construção do monumento religioso tem levado pesquisadores a construir uma série de hipóteses a partir das escassas informações existentes.

Carmem Barreto Lima sugere que o período de início das obras até o final da decoração do interior perdurou entre os séculos XVIII e XIX. Segundo a autora a “... construção partiu inicialmente da capela-mor, como na maioria das construções religiosas, aumentando sua volumetria com o acréscimo da nave e corredores laterais” (Lima, 1997, p 55).

¹¹ A Igreja de Nossa Senhora Divina Pastora é tombada pelo Governo Federal (IPHAN), através do processo nº 290-T. Inscrição nº 195, Livro Histórico, fls.32, e Inscrição nº 271, Livro de Belas Artes, fls 57. Data: 20.03.1943.

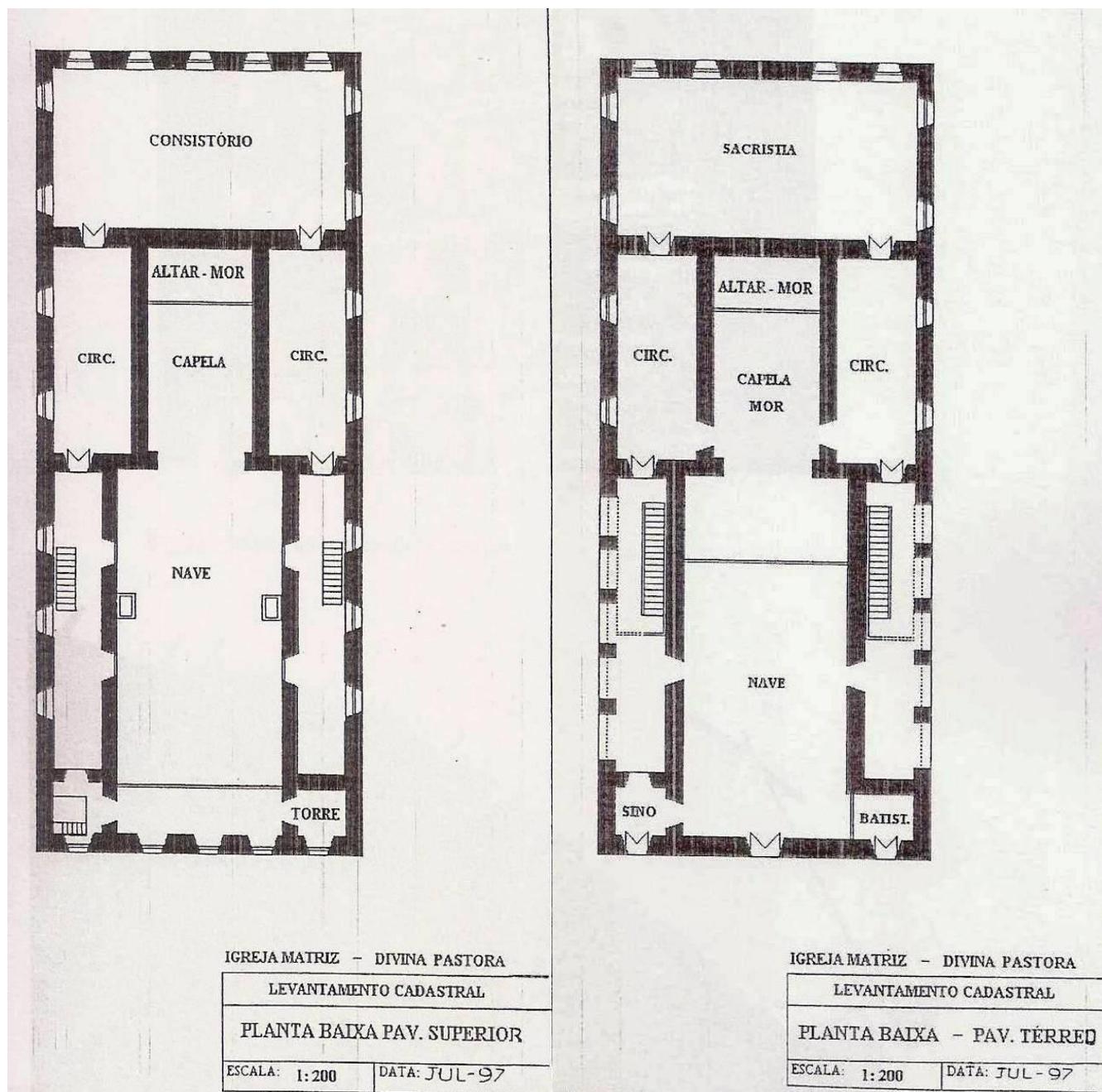


Figura 6 Planta baixa da Igreja Matriz Divina Pastora. Fonte: LIMA, 1997.p.57

Justamente por possuir elementos constitutivos da arquitetura desse período, a exemplo de corredores laterais externos, com arcadas sobre pilares, especialistas a enquadram como sendo uma construção voltada para a recepção de peregrinos. Tal caracterização leva a entender que desde seu período de construção a igreja já recebia peregrinos, no entanto há controvérsias a respeito dessa afirmativa. Nesse sentido, Santos (2008), em estudo realizado

sobre a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora, questiona as asseverações quanto à possibilidade da matriz ter sido foco receptor de peregrinos ao longo do século XIX. Para o pesquisador “a historiografia local silencia quanto à importância religiosa que Divina Pastora teve no referido século” (2008, p. 21), sendo assim, o fato de nada ter sido registrado por pesquisadores e memorialistas desse período, a respeito de peregrinações a um Santuário localizado em uma povoação com proporções tão diminutas, leva o autor a pôr em dúvida a ocorrência de romarias à referida matriz anterior ao ano de 1958.

Além disso, devido às mudanças ocorridas na sede paroquial, transferida em duas ocasiões por motivo de ruína, levou o autor a inferir em sua pesquisa que São Gonçalo era apenas um templo religioso no centro de uma povoação, não apresentando nenhum elemento extraordinário, uma vez que nos registros históricos a respeito da fundação e desenvolvimento da cidade nada consta sobre a existência de romarias. Diante de tal fato é importante destacar que somente após a peregrinação dos Universitários da Juventude Universitária Católica (JUC) criada pelo padre Dom José Luciano Cabral Duarte em 1958, a Igreja Matriz de Divina Pastora foi elevada à Basílica receptora de peregrinos.

Retomando os aspectos constitutivos da Igreja, em seu aspecto interior é interessante destacar a presença de uma pintura painelística com a imagem da Virgem Pastora decorando o forro da nave central. A pesquisadora Carmem Barreto Lima descreve o referido painel, de autoria atribuída ao pintor baiano José Teófilo de Jesus, da seguinte maneira:

No centro deste painel, encontra-se a Virgem sentada, tendo no colo o menino Jesus vestido de camisola branca, chapéu semelhante ao da Virgem, tendo flores na mão esquerda e, na direita, um báculo, símbolo da providência e misericórdia com que defende seu rebanho. Ao lado da Virgem, e ao fundo, há uma farta vegetação, destacando-se à direita, uma árvore com o tronco sinuoso de características europeias. A virgem, coroada por dois querubins, encontra-se envolvida por túnica vermelha ocultando seus pés e uma sobrecapa, espécie de manto azul, cobrindo seu corpo a partir do ombro esquerdo. Na cintura, há uma faixa ou corpete em pele branca, possivelmente de ovelha e, sobre a cabeça, um chapéu pastoril, enfeitado com fita e flores. Em sua mão esquerda sustenta o menino Jesus, e à direita repousa sobre a cabeça de um cordeiro, o qual representa seu Divino filho. A sua volta, encontram-se ovelhas, tendo à boca uma rosa, símbolo das Ave-Marias. À distância, vê-se outra ovelha que se encontra desgarrada do grupo, próxima a um lobo ou cão de guarda, que parece protegê-la da figura de um dragão, símbolo do demônio na simbologia cristã. A ovelha perdida emite a palavra composta “Ave-Maria”, por se encontrar em perigo, enquanto no céu iluminado, entre nuvens, encontram-se querubins e um anjo que, protegido de um escudo e flecha, coloca-se em defesa da ovelha perdida. (LIMA, 1997, p.94).

Apesar da exuberante pintura painelística presente no forro da nave da Matriz, é a escultura, cunhada em madeira, de Nossa Senhora Divina Pastora, entronizada no altar principal, que parece exercer maior fascínio sobre os romeiros que para lá se dirigem em dia de peregrinação. É por ela que os devotos enfrentam os percalços da caminhada; para a maioria destes, a jornada peregrinatória não se encerra ao vencer a subida da ladeira, mas sim ao encontrar-se com a Virgem, a quem vários atributos são direcionados, visto que, trata-se do maior símbolo representativo da fé destes peregrinos. Ela perpassa o sistema simbólico inteiro, aparece em vários rituais e agrega múltiplos significados (Turner, 2005). Ao mesmo tempo em que é mãe, Divina Pastora é protetora e intercessora. A pastora, neste contexto, cuida de seu rebanho de almas; os fiéis recorrem a Ela na busca de auxílio para superar dores físicas e emocionais, doenças, dificuldades financeiras, etc. Por todos os significados que lhe são atribuídos, ao encontrar com a Virgem, os devotos manifestam reações diversas; muitos se ajoelham, realizam preces, choram e depositam ex-votos no altar. Assim, torna-se notória a capacidade que tal símbolo possui de emocionar.



Figura 7 Escultura presente no altar-mor da Igreja Matriz Divina Pastora. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 8 Imagem do forro da nave central da Igreja Matriz Divina Pastora. Fonte: Acervo pessoal

Ademais o que cabe destacar aqui é a importância do Santuário, com todos os elementos que o constituem. A igreja Matriz Nossa Senhora Divina Pastora foi chamada pela primeira vez de Santuário pelo então Arcebispo de Aracaju Dom José Vicente Távora já na primeira peregrinação ocorrida há 54 anos. Na ocasião, o cardeal celebrou a missa de encerramento e de acolhimento dos peregrinos na Igreja Matriz e, durante sua homilia, anteviu que Divina Pastora deveria se tornar um grande centro mariano, senão o maior centro mariano de Sergipe e um grande Santuário.

Com o passar dos anos e o conseqüente crescimento da devoção, Divina Pastora foi sendo popularmente consagrada como santuário sem, no entanto, possuir a titulação oficial cedida pela Igreja. Somente no dia 14 de outubro do ano de 2012, com a ocorrência dos 230 anos da chegada da devoção a Nossa Senhora Divina Pastora em terras sergipanas e no Brasil, o cardeal Arcebispo da Arquidiocese de Aracaju, Dom José Palmeira Lessa, concedeu o título de santuário à referida paróquia. O pedido formal para que tal reconhecimento ocorresse, foi realizado no ano de 2011, pelo Padre Helelon Bezerra dos Anjos, atual administrador do santuário. No mesmo ano, durante a realização da 53ª edição da grande peregrinação ocorrida no mês de outubro, o Arcebispo Dom Lessa, na missa campal de encerramento, anunciou aos devotos ali presentes que tal pedido havia sido acatado e que a partir daí se iniciariam os trâmites para que aquela paróquia fosse oficialmente elevada à qualidade de santuário diocesano. Segundo o Padre Helelon Bezerra dos Anjos, no mês de fevereiro do ano de 2012 toda a documentação necessária para concessão do título estava pronta, quando se passou à escolha da melhor data para concretização do empreendimento.

Assim, outubro foi escolhido por ser o mês em que se realiza a grande peregrinação e por ser o mês em que a primeira imagem de Nossa Senhora Divina Pastora e a devoção a esta foi introduzida em terras sergipanas, trazida pelos padres capuchinhos em 1782. Além disso, o dia 14 foi escolhido por ser uma data próxima ao dia 15 de outubro, quando se sabe que após uma breve pausa, as primeiras peregrinações retornaram em 1972¹². É importante destacar que o reconhecimento oficial da Paróquia de Divina Pastora como santuário tende a ser um fator determinante para maior consolidação do culto, uma vez que, apesar das manifestações devocionais empreendidas pelos romeiros independer do reconhecimento da igreja, ao se

¹² Após a paróquia de Divina Pastora ter sido elevada a santuário no dia 14 de outubro de 2012, no dia 7 de dezembro do mesmo ano, o Padre Helelon Bezerra dos Anjos recebeu o título de reitor, responsável direto e maior pelo santuário. No entanto, esse título está vinculado ao santuário, sendo assim, quando seu o administrador for substituído, o citado título será cedido ao novo pároco que chegar.

pronunciar como detentora de autoridade para avaliar determinado local como sagrado, torna-se evidente seu poder institucional.

Além disso, tal reconhecimento reforça o status de sacralidade do santuário, onde ocorrem práticas rituais que contribuem para a manutenção da sua função espiritual e religiosa, ampliando a atração de peregrinos para este centro.

1.4 A Peregrinação Hoje: O Cenário da Estrutura Organizacional do Evento

Cinquenta e três anos após a primeira marcha sagrada empreendida pelo padre Dom Luciano Cabral Duarte em companhia dos jovens integrantes da JUC, a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora continua atraindo milhares de devotos, que todos os anos revivem o ritual da caminhada sacrificial para encontrar a Virgem campesina.

Diversas mudanças ocorreram desde que aqueles primeiros cinquenta jovens universitários enfrentaram as dificuldades inerentes ao percurso com cerca de nove quilômetros realizado entre os municípios de Riachuelo e Divina Pastora. A poeira da estrada de piçarra, a falta de água potável e até mesmo a subida da ladeira que dá acesso à cidade, já não são fatores tão difíceis de serem superados como em outras épocas, os contratempos que dificultavam o acesso ao Santuário foram levemente amenizados com o decorrer dos anos. O asfalto substituiu o chão de piçarra, diminuindo imensamente a poeira que era provocada pelos passos dos peregrinos, a ladeira já não é tão elevada como antes, graças aos serviços de terraplanagem e nivelamento que se fizeram necessários com o processo de urbanização, mas ainda assim requer grande esforço para ser subida, e o acesso a alimentos e água tornou-se facilitado com a presença de vendedores ambulantes que ocupam praticamente toda a extensão do caminho percorrido até Divina Pastora comercializando seus produtos. O crescente contingente de pessoas que passaram a repetir o feito dos jovens da JUC levou as autoridades políticas e eclesiais a unirem-se em prol de uma melhor organização e estruturação do evento¹³.

Além do elevado número de peregrinos, a cidade recebe também muitos barraqueiros. Estes, na sua maioria, são provenientes de outros municípios sergipanos e até mesmo da Bahia e de Alagoas. A cidade é tomada por uma agitação que destoa da tranquilidade corriqueira, uma diversidade de produtos comercializados, tais como: doces, brinquedos,

¹³ A estimativa divulgada pela Polícia Militar do Estado de Sergipe na última peregrinação, ocorrida no mês de outubro de 2011, confirmou a passagem de cerca de cem mil pessoas por Divina Pastora, com o propósito de visitar o Santuário e os demais espaços da festa.

imagens religiosas, objetos sacros, fitinhas, roupas, os mais diversos gêneros alimentícios, artesanato, bijuterias e bebidas, ocupam as ruas, disputando o espaço com os transeuntes¹⁴.



Figura 9 Barraca com artigos religiosos diversos. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 10 Barraca com imagens religiosas. Ao lado se vê comerciante vendendo tecidos. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 11 comerciantes vendendo brinquedos no entorno do santuário. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 12 Comerciante anunciando a venda de artesanato. Fonte: Acervo pessoal

¹⁴ Os barraqueiros pagam à prefeitura pela autorização para a montagem do comércio temporário, alguns possuem várias barracas, necessitando até mesmo contratar pessoas ou pedir a parentes para cuidar das vendas. Contudo, alguns moradores usam a frente de suas próprias casas para expor os artigos que pretendem comercializar; em anos anteriores eles inclusive chegaram a alugar o espaço para barraqueiros. Muitos dos comerciantes que vão para a peregrinação participam de outras festas religiosas e/ou profanas que acontecem em outros municípios de Sergipe e até em outros estados.

Atualmente a grande peregrinação é realizada em data móvel, geralmente no terceiro domingo do mês de outubro, constituindo-se em um dos maiores eventos do calendário de festas religiosas de Sergipe, inserida também no seu calendário turístico. Tamanha é a importância que ocupa no cenário sociocultural sergipano, que as três dioceses, sediadas respectivamente em Aracaju, Estância e Própria, são mobilizadas para organização do evento, contribuindo através da prestação de serviços religiosos, tais como disponibilização de sacerdotes que possam presidir missas e atuar como confessores.

A prefeitura local em parceria com o governo do Estado também colabora auxiliando no custeio do evento, com realização de reparos no espaço público da cidade, disponibilização de palco, toldos, banheiros químicos, geradores para iluminação, pontos de emergência, postos de segurança, estacionamentos e som ambiente. Além disso, para custeio do evento, a Igreja conta com donativos recebidos de comerciantes, fazendeiros da região e grandes redes de supermercados localizadas em cidades circunvizinhas¹⁵.

Integrantes da comunidade local que estão diretamente envolvidos na dinâmica cotidiana da paróquia também contribuem para a realização do evento prestando seus serviços e, além deles, grupos paroquianos de cidades vizinhas são convidados para integrar as chamadas equipes de colaboração. Essas equipes assumem funções fundamentais antes, durante e depois da peregrinação. Há uma equipe de patrocínio, responsável por arrecadar doações para cobrir os gastos tidos com a festa; uma equipe de organização do palco que controla o acesso ao mesmo; uma equipe da coleta (corda/Comunhão), responsável por recolher os donativos feitos pelos fiéis nas caixinhas espalhadas pelo santuário, além de controlar a distribuição da hóstia consagrada durante a celebração das homilias e de compor barreiras humanas enquanto seguram duas cordas paralelas que formam uma área de isolamento por entre a qual passam os sacerdotes ao se deslocar do palco para o Santuário¹⁶.

Também há uma equipe de confissão que controla o fluxo de fiéis que aguardam para se confessar com os padres presentes no Santuário; uma equipe da cozinha que cuida da alimentação dos clérigos e voluntários integrantes da organização do evento; uma equipe da

¹⁵ Ao se dirigir às pessoas que realizam os donativos para o custeio da peregrinação, seja por meio de cartas ou pessoalmente, o padre utiliza o argumento de que esta, além de ser uma manifestação religiosa tornou-se um evento cultural. Como retorno das doações recebidas, a Igreja expõe um grande banner medindo mais ou menos 1,20m de comprimento à frente do palco, no domingo da grande peregrinação, divulgando o nome dos patrocinadores que contribuíram para realização do evento, além disso, os colaboradores são citados ao vivo durante todo o dia.

¹⁶ No último ano o palco foi estrategicamente montado na praça em frente à Igreja Matriz, estando sua escada de acesso diretamente ligada à entrada do Santuário, o que facilitou a formação do cordão de isolamento para o deslocamento dos sacerdotes.

adoração que controla o fluxo de romeiros que se aproximam da imagem da Santa Divina Pastora localizada no altar-mor do templo, dentre outras¹⁷.



Figura 13 Equipe da coleta (corda/comunhão). Fonte: Acervo pessoal.

Figura 14 Equipe da adoração. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 15 Equipe da cozinha. Fonte: Acervo pessoal.

¹⁷ Além das já destacadas equipes de colaboração existem ainda as equipes de liturgia, equipe de informações e intenções, equipe da Igreja, equipe de organização e fiscalização das barracas dos comerciantes, equipe do Centro Social, equipe do Salão Paroquial e equipe da Secretaria da Paróquia. No ano de 2012 foram atribuídos nomes de personagens bíblicos a cada uma dessas equipes, por exemplo, a equipe de palco, foi denominada de “Equipe Paulo”, devido ao fato destes voluntários terem contato com pessoas de diversas procedências e com diversos interesses, uma vez que Paulo é aquele que se comunica com a diversidade de pessoas. A equipe do salão paroquial foi denominada de “Equipe Bom Samaritano”, por ser responsável por arrumar as mesas para as refeições, lanches e água para os voluntários. A equipe da igreja foi denominada de “Equipe Pedro”, a equipe das confissões foi denominada de “Equipe Verônica”, aquela que enxuga o rosto. A equipe da secretaria foi denominada de “Equipe João Evangelista”, a equipe do balcão foi denominada de “Equipe Nicodemos”. Para o administrador paroquial do santuário cada equipe tem uma função e cada função se identifica melhor com esses personagens que tiveram uma participação direta e indireta na história de Jesus.

Com o passar dos anos, até mesmo a programação do evento religioso sofreu modificações, a duração da festividade foi prorrogada e novos rituais foram introduzidos. A análise das programações de edições anteriores permite evidenciar as mudanças sucedidas, através da qual é possível constatar que as alterações foram intensificadas especialmente nos três últimos anos de sua realização¹⁸.

Nos anos de 2008 e 2009 as celebrações ocorriam em apenas dois dias, sendo composta basicamente por realização de uma missa de abertura celebrada na Matriz de Divina Pastora no sábado e missa de envio de peregrinos realizada na Igreja Nossa Senhora da Conceição em Riachuelo, no domingo. A partir de 2010 o período de festejo foi estendido passando a ser realizado em quatro dias e incorporando outros elementos rituais no contexto da festividade.

Assim, atualmente a programação oficial estrutura-se da seguinte maneira: no primeiro dia ocorre a abertura oficial da festividade através de um momento reservado para adoração ao Santíssimo Sacramento e realização de missa celebrada por um pároco de outro município. Em observação de campo realizada no ano de 2011, foi possível perceber que neste dia dificilmente se vê alguma alteração na dinâmica social da comunidade, ainda não há presença de romeiros ou comerciantes e são poucos os sinais que denunciam a grandiosidade do evento que está por acontecer. Apenas algumas faixas estendidas com mensagens destinadas aos peregrinos puderam ser visualizadas.

No segundo dia realiza-se a romaria da terra, essa talvez seja a maior inovação acrescida ao evento. Diferente do dia anterior já se pôde perceber um clima de maior agitação na cidade, porém ainda tímido, não houve presença de romeiros ou comerciantes provenientes de outros municípios, entretanto trabalhadores da prefeitura se fizeram presentes com realização de retoque de pintura e limpeza da via pública ao redor do Santuário. Equipes também trabalhavam na montagem do palco onde seria realizada a missa campal e foi possível perceber uma maior quantidade de faixas com mensagens aos peregrinos espalhadas pela cidade.

No terceiro dia há programação de missas, confissões e shows religiosos para distrair os peregrinos que já começam a chegar à cidade na noite do sábado. Foi possível observar a presença de barraqueiros que começavam a tomar conta dos espaços demarcados para

¹⁸ A análise das programações de anos anteriores também permitiu recobrar algumas das temáticas discutidas pela Igreja nas homilias realizadas no contexto da peregrinação. Em 2011 o tema escolhido foi “Como Maria cremos e Deus”; em 2012 o tema escolhido foi “Feliz aquela que acreditou” (LC. 1,45) 230 anos em terras sergipanas e no Brasil.

comercialização. A rodovia estadual SE-160 que liga os dois municípios foi fechada por volta das vinte e três horas, a mídia se fez presente e os noticiários começaram a dar destaque ao evento religioso de maior expressão do Estado.

Dáí em diante se estabeleceu o clima festivo que culminou no domingo, dia em que estão concentrados momentos de destaque na programação da festividade, tais como a partida do Bispo Auxiliar de Aracaju, Dom Henrique Soares da Costa em peregrinação da cidade de Riachuelo com a presença da imagem peregrina de Divina Pastora, shows religiosos, exposição do Santíssimo Sacramento na Tenda de Adoração, e missa de encerramento presidida pelo Arcebispo da Arquidiocese de Aracaju Dom José Palmeira Lessa.

1.4.1 “Se vier à peregrinação não beba, se beber não venha”: reestruturação dos pontos comerciais no espaço do evento, purificação do culto e emergência de conflitos.

Diversas mudanças foram instituídas pela Igreja nos últimos anos, com o intuito de combater a manifestação exacerbada de elementos profanos, expressos principalmente no intenso comércio em feiras e bares localizados ao redor do Santuário de Divina Pastora em dia de festividade.

A designação de um sacerdote fixo para morar na cidade de Divina Pastora, a partir do mês de novembro do ano de 2009, possibilitou a realização das intervenções de forma mais intensa¹⁹. Em carta publicada no site da Arquidiocese de Aracaju o Padre Helelon Bezerra dos Anjos, administrador paroquial, anunciou as mudanças que se fariam a partir de seu comando frente à peregrinação no ano de 2010. Dentre as principais modificações estabelecidas destacou-se, no âmbito organizacional, o cadastramento dos vendedores ambulantes e a delimitação dos pontos de venda de bebidas alcoólicas, já no âmbito estritamente religioso a Igreja instituiu sete passos para os peregrinos seguirem durante sua estadia no santuário²⁰.

Todas essas mudanças no âmbito organizativo do evento ocorreram por iniciativa do atual pároco, que ao assumir a direção do santuário procurou a prefeita da época, Sr.^a Maria Augusta Lima, e em reunião ocorrida com ela e seu secretariado, apresentou-lhes um plano para estabelecer a disposição dos pontos comerciais em dia de peregrinação, sugerindo assim que a Igreja ficasse responsável pela organização do espaço público no ano de 2010. Em

¹⁹ Antes dessa designação os párocos que assumiam a administração da Igreja Matriz em Divina Pastora tinham a incumbência de dar assistencial clerical aos municípios de Siriri, Santa Rosa de Lima e outros da região, o que na visão de alguns informantes locais tornava difícil a completa dedicação aos assuntos da paróquia local.

²⁰ Vide Anexo A.

entrevista, o clérigo afirmou que apesar de estar ciente de que o espaço público deveria ser organizado pela prefeitura e não pela Igreja, ofereceu-se voluntariamente para auxiliar os representantes do poder público municipal nesta empreitada por entender que a igreja poderia auxiliá-los, servindo-lhes inclusive como exemplo, tendo em vista que, em anos anteriores, nos quais não houve unidade de ação organizativa entre Igreja e Prefeitura, ocorreu um ‘inchaço’ no número de pontos de venda no município, desviando o foco da peregrinação.

Segundo o Padre Helelon, com o passar dos anos, “a peregrinação deixou de ser, ao menos até 2009, um evento que focava o religioso e passou a ser um evento com muita promiscuidade, com muita cachaça, com muita bebida alcoólica, com muitos roubos e muitos pontos de venda, pontos de venda exagerados, ao ponto de um demasiado comércio onde parecia mais uma feira da “sulanca” e não um evento religioso do porte que nós temos”. Oferecendo-se para organizar o espaço público o pároco pretendia atuar no sentido de dar um exemplo de como a festividade poderia ser melhor organizada dentro dos propósitos doutrinários da Igreja. A prefeita Maria Augusta Lima aceitou a proposta do clérigo que, contando com o auxílio de integrantes da prefeitura, montou uma equipe de fiscalização e em pouco mais de nove meses planejou como deveria ser o cadastramento das barracas.

A equipe de fiscalização foi designada a acompanhar o processo de instalação dos barraqueiros. Somente comerciantes cadastrados puderam entrar na cidade, no horário estipulado (23h do dia 16 de outubro de 2010), com apresentação do crachá previamente adquirido junto à prefeitura contendo nome, município proveniente, identificação e o carimbo timbrado da instituição organizadora²¹. Além disso, o policiamento durante o evento foi estrategicamente distribuído nas três principais entradas da cidade: na Praça do Cruzeiro e nas saídas para Maruim e Santa Rosa de Lima. Assim, a igreja, com autorização do poder público municipal, ficou responsável pela organização do espaço público para a peregrinação no ano de 2010.

No ano seguinte o administrador paroquial, mais uma vez se dirigiu à prefeita através de carta, devolvendo-lhe a responsabilidade sobre a organização do espaço público. Carta esta, que segundo o mesmo não foi respondida, o que ocasionou a emergência de alguns conflitos expressos em diversos episódios. Na ocasião, o promotor de justiça Doutor Antônio Carlos Nascimento, estava se inteirando da situação do município, quando convocou uma audiência pública convidando autoridades e representantes de diversos setores. O Padre

²¹ A fiscalização das barracas também ocorreu durante todo o dia de realização do evento, as equipes tinham autorização para prender os pertences dos vendedores não cadastrados que adentrassem ao espaço da festa e devolver somente após a missa das 15 horas no domingo de peregrinação. Ou seja, ao final do evento religioso.

Helelon Bezerra dos Anjos, enquanto representante da comunidade religiosa católica local, foi convidado e na oportunidade solicitou a intervenção da promotoria no tratamento das questões referentes à organização da peregrinação²².

Tendo a promotoria acatado o pedido do pároco, foram emitidas convocações para representantes dos diversos setores diretamente relacionados à realização do evento. Representantes da Igreja, da prefeitura, da polícia civil, polícia militar, bombeiros, vigilância sanitária, etc. se fizeram presentes em alguns encontros que culminaram na emissão de alguns Termos de Compromisso e Ajustamento de Conduta (TAC). Dentre algumas das questões discutidas nas reuniões, o TAC regulamentou a situação do comércio estabelecido no entorno do santuário e da cidade de maneira geral em dia de peregrinação. A sugestão do padre quanto ao número de barracas que se deveria admitir no entorno da Igreja foi acatada pelos representantes do poder público municipal, assim estabeleceu-se que no centro da cidade só seriam permitidas a montagem de 80 barracas no total, nas áreas demarcadas para a venda de lanches e água; sendo que, no rol de entrada da cidade, perímetro correspondente da Praça do Cruzeiro até a Praça Getúlio Vargas seriam montadas 60 barracas, e somente 20 barracas na Praça da Bandeira, onde se localiza a Igreja Matriz. Enquanto as demais barracas poderiam ser colocadas nas ruas laterais do santuário.

Em decorrência dos encontros, também foi emitido um TAC regulamentando a restrição da venda de bebidas alcoólicas para o ano de 2011²³, atendendo a um interesse há muito tempo presente entre os clérigos da Igreja, mas só explicitamente manifestado a partir do ano de 2010, com a adoção do *slogan* “Se vier à peregrinação não beba, se beber não venha”, que segundo o pároco local teve um caráter pedagógico de conscientização dos peregrinos quanto à postura inapropriada do consumo de álcool no contexto de uma manifestação religiosa²⁴.

Tendo conhecimento sobre os esforços do padre em combater o consumo de bebida alcoólica entre os peregrinos através de abordagem e conscientização constante sobre o tema,

²² Em entrevista concedida no dia 07 de fevereiro de 2013, o padre disse ter se dado conta nessa reunião de que também a promotoria é responsável pelos bens ou pelos possíveis patrimônios que existem no espaço geográfico onde atua. Como para ele a peregrinação é um patrimônio, embora ainda não seja tombado, ocorreu-lhe a ideia de solicitar o auxílio da promotoria para atuar como ponte nos diálogos ocorridos entre a Igreja e a Prefeitura, uma vez que a carta que havia sido enviada para os representantes políticos do município em março, até o final do mês de maio do corrente ano não havia sido respondida.

²³ As restrições também se estenderam para os produtos que poderiam ser comercializados; somente água mineral e água de coco, refrigerantes, sucos, alimentação, chapéus (preferencialmente chapéu de palha com fita azul celeste, acompanhando assim o estilo da imagem peregrina), artigos religiosos e artesanato poderiam ser vendidos no contexto da festa.

²⁴ Em entrevista, o pároco de Divina Pastora esclareceu que os clérigos da Arquidiocese falavam nos bastidores a respeito da insatisfação provocada pelo comércio e consumo de bebida alcoólica no âmbito da peregrinação, mas que, em 52 anos, ninguém havia ousado levantar essa bandeira como ele fez a partir de 2010.

o promotor de justiça sugeriu a instauração do referido TAC, restringindo os horários de venda de bebidas na cidade de Divina Pastora e em seus arredores, uma vez que a proibição não poderia ser feita, já que o evento religioso é realizado em espaço público. Em nota, a Arquidiocese de Aracaju anunciou a novidade aos fiéis²⁵.

Em entrevista, o pároco declarou que na ocasião em que o promotor de justiça sugeriu a assinatura do termo de ajustamento de conduta para restrição da venda de bebidas, o então vice-prefeito Bruno Sá, que estava representando o poder público municipal, por questões políticas não estava de acordo, mas acabou aceitando porque os demais presentes não se opuseram à iniciativa²⁶. No entanto, o mesmo, ao se deparar com a revolta dos donos de bares da região, que não ficaram nada satisfeitos com a determinação, teria afirmado que tal decisão havia ocorrido por iniciativa do pároco. O padre por sua vez, fixou no mural da igreja e em outras localidades da cidade cópias do TAC, contendo a assinatura de todos os representantes que haviam concordado com o termo, inclusive a do então vice-prefeito. Além disso, fez questão de anunciar e esclarecer em todas as missas o mal entendido que estaria ocorrendo²⁷.

Apesar da intervenção da promotoria de justiça ter sido necessária para a realização do diálogo entre a Igreja e autoridades políticas locais no ano de 2011, as partes envolvidas pareciam estar em comum acordo sobre várias questões ali discutidas, a exemplo inclusive da restrição de venda de bebidas alcoólicas. Em matéria publicada no site da prefeitura municipal no ano de 2010, a Prefeita Maria Augusta Lima deu a seguinte declaração em relação à iniciativa do pároco em coibir a venda de bebidas alcoólicas em dia de peregrinação: “Para quê misturar bebida alcoólica com evento religioso? Acho certíssima esta decisão do Padre Helélon em não permiti-las. Assim manteremos a paz na peregrinação, principal ponto do evento”. O pároco por sua vez, justificou as medidas adotadas: “Com todos os critérios, desejamos que a nossa Peregrinação retorne a ser um momento e espaço de fé. O qual foi, é e continuará sendo o objetivo primeiro deste evento religioso”²⁸.

No entanto, mesmo após toda a intermediação da promotoria de justiça e todos os acordos firmados entre prefeitura e Igreja no ano de 2011, as coisas não ocorreram como o

²⁵ Vide Anexo B.

²⁶ Na ocasião da assinatura do termo de ajustamento para restrição da venda de bebida alcoólica o promotor de justiça Doutor Antônio Carlos Nascimento sugeriu que as representações políticas ali presentes divulgassem que a iniciativa para tal ação teria sido tomada pela promotoria, a fim de que não houvesse complicações políticas. Assim fez o prefeito da cidade de Riachuelo, que colocou carros de som nas ruas da cidade, anunciando a decisão tomada pela promotoria e realizando a leitura do TAC.

²⁷ Em entrevista, o pároco fez questão de reiterar que, em parte, o TAC teria sido ideia da promotoria, mas o conteúdo deste teria sido elaborado pelos diversos setores, inclusive a Igreja.

²⁸ Matéria disponível em <<http://divinapastorase.blogspot.com.br/2010/06/2-reuniao-sobre-peregrinacao-divina.html>> Acesso em 20.04.2012.

esperado. Os integrantes da prefeitura, responsáveis pelo cadastramento dos barraqueiros excederam o número de inscrições estabelecidas pelo decreto e o pároco local não ficou nada satisfeito com o ocorrido, pois a quebra do acordo trouxe consequências para a execução dos demais objetivos almejados na organização do evento. Em audiência pública ocorrida no dia 30 de setembro de 2011 o pároco, em retaliação ao descumprimento do acordo, anunciou a decisão polêmica de retirar da programação do evento a procissão da imagem peregrina de Nossa Senhora Divina Pastora, que tradicionalmente seguia para a cidade de Riachuelo e retornava em procissão com o Bispo Auxiliar Dom Henrique Soares, no domingo de peregrinação²⁹.

Esse fato gerou uma série de polêmicas e descontentamentos entre os peregrinos que, privados de realizar o tradicional ritual, tiveram suas opiniões divididas. Muitos verbalizavam em seu discurso apoio ao padre, entendendo que a medida tomada visava à melhoria da tradicional festa, que na opinião dos mesmos vinha perdendo seu sentido fundamentalmente religioso, a exemplo de um casal de romeiros que encontrei descendo a ladeira de acesso à cidade, enquanto os demais peregrinos se deslocavam em sentido oposto. Quando perguntados sobre a atitude do padre em proibir a descida da Santa até a cidade de Riachuelo manifestaram apoio ao clérigo: “No momento é positivo pra que as pessoas tenham consciência de que isso aqui é uma peregrinação, mas o pessoal vinha pra fazer farra, não é isso aqui é uma peregrinação, uma coisa séria. Esse ano a gente tá observando uma coisa mais. Parece que as pessoas estão mais voltadas para peregrinação, centradas mesmo no caminho, sabe”.

Outros entrevistados, no entanto, lamentavam não poder cumprir o tradicional ritual, entendendo que outras medidas, que não essa, poderiam ter sido tomadas. Um comerciante entrevistado afirmou ter ouvido muitos relatos de descontentamento por parte dos peregrinos: “Os peregrinos também tá contra muitas coisas dele aí mesmo como ele empatou mesmo agora a Santa pra descer pra ir a Riachuelo e pra vim, isso aí meu filho foi de matar, oxente tradição da cidade ele fazer um negócio desse, não tem condições não”³⁰. Durante todo o dia da festividade o locutor do evento leu um comunicado, esclarecendo aos devotos os motivos pelos quais o ritual da procissão da imagem peregrina foi impedido de ocorrer.

Em entrevista, o próprio pároco reconheceu que houve implicações negativas decorrentes da atitude tomada frente à proibição da tradicional saída da imagem peregrina durante o evento, mas reiterou os motivos que o levaram a sustentar a decisão tomada:

²⁹ Vide Anexo C

³⁰ Entrevista concedida por um comerciante no dia 16 de outubro de 2011.

“A minha atitude, como cabeça da peregrinação e direto responsável e representante da Arquidiocese de não deixar a imagem descer, gerou uma repercussão positiva e negativa. Negativa porque se quebrou uma tradição, positiva porque os peregrinos elogiaram a nossa atitude, alguém tinha que tomar uma atitude e isso foi muito bom porque a própria prefeitura percebeu que nós somos pessoas de palavra e que queremos uma coisa correta. Graças ao bom Deus o positivo disso tudo é que os peregrinos estão do nosso lado e os peregrinos agora também são promotores de mudança. Se o peregrino vem ao município e ele percebe, graças a essas tensões, que aconteceram no passado, que foram também momentos de conscientização, que não basta o padre falar, não basta a igreja orientar, nós somos peregrinos temos que cumprir”.

No ano de 2012, o promotor de justiça Dr. Antônio Carlos Nascimento deixou a promotoria do município de Divina Pastora, tendo sido transferido para outra localidade³¹. Diante de todos os conflitos decorridos no ano anterior e também por se tratar de um ano político, o pároco então decidiu mais uma vez enviar uma carta à prefeita municipal, na qual explicitava as atribuições que lhe cabiam no que concerne à organização da peregrinação e deixava claro que se os acordos passados não fossem regulamentados, o tradicional ritual de saída da imagem peregrina mais uma vez não ocorreria. O ritual acabou acontecendo, embora o clérigo em entrevista tenha afirmado o seguinte: “a imagem, no ano passado só desceu por misericórdia de Deus e do Padre, porque eu tinha todos os elementos pra não permitir que a imagem descesse”.

A restrição ao número de barracas e a burocratização do acesso aos pontos comerciais, também criou atrito na relação entre comerciantes e administrador do Santuário³². Em entrevista realizada com barraqueiros no contexto da festa, foi possível constatar a insatisfação. Dois dos comerciantes entrevistados se referiram ao processo de cadastramento das barracas resumindo as dificuldades enfrentadas da seguinte maneira:

“Esse ano foi assim, houve uma marcação e depois foram convocados aqueles que marcaram os pontos, os ambulantes pra vim remarcar porque houve uma mudança de localidade, só que isso é despesa. Despesa de transporte, de alimentação, tempo e ao invés de isso ir adiante ao sábado de madrugada pra o domingo a cidade encheu de pessoas que não pagou nada, aconteceu isso aonde ele determinou que não iria colocar, o pessoal

³¹ Em entrevista concedida no dia 07 de fevereiro de 2013, o padre deu a entender que a transferência do promotor de justiça não ocorreu por simples casualidade. Segundo o pároco, o magistrado havia interferido nos interesses de gente protegida.

³² Todos os barraqueiros foram convocados a comparecer na cidade de Divina Pastora meses antes para realizar cadastro na prefeitura e dias após precisaram retornar para conhecimento do local onde seriam montadas as barracas.

invadiu”. (Maria Cícera Teles de Souza. Entrevista concedida no dia 16 de outubro de 2011).

“Todo ano tem aquela dificuldade porque eu cheguei aqui mesmo esse ano 9 horas da noite pra marcar esse ponto, dormi pra marcar no outro dia de manhã. Cheguei no domingo pra marcar na segunda. Ainda teve uma mudança porque surgiu um boato que eles iam tirar a gente daqui da praça, aí surgiu esse boato eu ainda vim aqui pra Divina Pastora terminou ligando pro menino aí ele disse que não precisava, a gente fiquemos aqui, agora parece que no ano que vem parece que vai ter essa mudança infelizmente”. (José Maria dos Santos. Entrevista concedida no dia 16 de outubro de 2011).

Em outras conversas informais tidas com barraqueiros no contexto da festa, tomei conhecimento sobre algumas situações ocorridas no ano anterior (2010), quando um grupo de peregrinos vindos da cidade de Maceió ficou revoltado por terem sido impedidos de adentrar na cidade. Em outro momento teria havido uma discussão entre o padre e um romeiro que quase resultou em agressão física³³. Alguns moradores também demonstraram insatisfação pela proibição da venda e consumo de bebidas alcoólicas em dia de peregrinação. Em uma ocasião específica, presenciei uma moradora sentada em frente à sua casa em companhia de outras pessoas, consumindo bebida alcoólica, aparentemente exaltada fazendo gestos obscenos, gritando palavras ofensivas dirigidas ao padre da cidade e acusando os peregrinos de trazer desordem ao município.

Como se pode perceber, o auge dos conflitos relatados no presente trabalho foi observado na pesquisa de campo realizada no ano de 2011, porém tiveram início, especialmente no ano anterior com a chegada do novo administrador paroquial. Durante minha estadia no santuário estes fatos saltaram em meio à observação, tornando-se impossível ignorá-los, uma vez que passaram a ser constituintes do contexto festivo. Tais conflitos se manifestaram não somente no processo organizativo do evento, mas também se fizeram presentes, embora de forma mais sutil, nas manifestações devocionais dos romeiros, acompanhadas de elementos típicos do catolicismo popular e na tentativa de normatização do culto através da inserção de novos elementos rituais oficializados pela igreja, tais como adoração ao Santíssimo Sacramento e Romaria a da terra, numa clara tentativa de imposição dos fundamentos doutrinários do catolicismo oficial.

³³ O referido grupo de peregrinos teria sido impedido de adentrar na cidade por conta da modificação pelos organizadores do evento no ano de 2010, que impedia a entrada de carros após as 22 h do sábado, dia 16 de outubro do referido ano.

Na pesquisa de campo realizada no ano de 2012 foi possível perceber que, apesar de todos os esforços empreendidos pelo pároco local e demais representantes eclesiais no que diz respeito à organização do comércio e restrição de venda de bebidas no contexto da peregrinação, muitas das mudanças ocorridas no ano anterior não se sustentaram. Sem embasamento legal para proibir a circulação de bebidas alcoólicas no contexto da festividade, os bares e supermercados da própria cidade e dos municípios circunvizinhos comercializaram as bebidas normalmente. Durante todo o dia viu-se pessoas embriagadas transitando em meio à multidão, vendedores ambulantes ocuparam todo o entorno do santuário, disputando espaço com os barraqueiros, buscando vender todo tipo de produtos como roupas, chocolates, utensílios domésticos diversos e até alguns tipos de plantas como samambaias³⁴.

Assim é possível afirmar que, a exemplo do que aconteceu no início das peregrinações, quando o padre Dom Luciano Cabral Duarte tentava estabelecer uma manifestação religiosa regrada pelos ideais da Igreja oficial, onde se desejava manter distante a manifestação de elementos profanos, as atuais tentativas de normatização empreendidas pelos representantes clericais não obtiveram total êxito. É importante destacar que tais tentativas de normatização não são constituídas por ações isoladas por parte dos atores clericais locais da peregrinação a Divina Pastora, mas reflete uma política mais ampla da Igreja Católica que desde seu processo de romanização³⁵ até as reformas advindas do Concílio Vaticano II³⁶ tem confrontado manifestações religiosas de cunho popular em santuários de todo país.

Carlos Steil em estudo realizado sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa, posteriormente publicado sob o título “O sertão das Romarias”, demonstra de maneira clara

³⁴ A dinâmica da peregrinação de 2012 se assemelhou muito com o contexto da peregrinação observada no ano de 2009, quando o pároco atual ainda não havia assumido a direção do santuário. Nos respectivos anos a intensidade do comércio estabelecido no entorno do santuário e a grande circulação de bebidas alcoólicas entre os presentes foi notável. Diferente do que aconteceu em 2011, quando inclusive o número de peregrinos que se dirigiram ao santuário foi visivelmente menor do que nos anos citados anteriormente.

³⁵ No processo de romanização, a Igreja Católica passou por intensas modificações em sua estrutura interna. A Santa Sé introduziu um conjunto de normas que tinha como ponto básico a afirmação da autoridade da igreja hierárquica, a valorização do papel do episcopado como divulgador da doutrina, da fé e da administração do sagrado e do institucional, da formação do clero. No plano institucional ideológico e estrutural, a igreja brasileira passou a vincular-se às orientações da Sé romana.

³⁶ O Concílio Vaticano II constituiu-se de uma série de conferências realizadas entre 1962 e 1965 com o objetivo de examinar questões de doutrinas e organização da igreja. Temas diversos como as fontes da fé, a liturgia, a liberdade religiosa e as relações com outras religiões foram abordados. Após três anos de encontros, as autoridades católicas promulgaram 16 documentos como resultado do Concílio. Muitas novidades apareceram nas questões teológicas e na hierarquia da Igreja. O Papa, por exemplo, passou a dividir parte de seu poder com outros cardeais e as missas passaram a ser rezadas na língua de cada país - antes eram celebradas sempre em latim.

como essas reformas ocorridas no âmbito universal da Igreja Católica influenciou decisivamente na esfera local do culto ao Bom Jesus. Suas reflexões o levam a ver a tensão entre as manifestações de caráter popular ocorridas nos santuários e o catolicismo clerical em uma realidade dialógica, onde a tensão é constitutiva da própria romaria. Nesse mesmo sentido tento compreender as tensões observadas no espaço da peregrinação a Divina Pastora, sem atribuir um sentido negativo as tentativas de normatização empreendida pela ortodoxia católica, uma vez que estas podem também possuir papel fundamental para a manutenção da tradição, como sugere Turner (2008, p.211), ao afirmar que, ao mesmo tempo em que as devoções populares desafiam o sistema total, também se revelam em longo prazo como parte dos seus mecanismos de manutenção.

CAPÍTULO 2 - CAMINHOS CRUZADOS: AS VÁRIAS FORMAS E SENTIDOS DE PEREGRINAR PARA DIVINA PASTORA.

O ato de peregrinar consiste na realização de longos percursos, representando o momento em que os devotos se predispõem a caminhar com o objetivo de alcançar espaços sagrados. Pode ser visto como uma ação de devoção e pode ter como objetivo o cumprimento de um voto, a obtenção de uma benção ou, até mesmo, a expiação de pecados.

Alguns autores diferenciam peregrinações de romarias, atribuindo-lhes características pouco diferenciadas. Sanchis (2006), partindo de estudos realizados sobre as romarias em Portugal, explicita que o termo peregrinação foi instituído pela Igreja na tentativa de transmutar as práticas antes efetivadas nas romarias, permeadas por manifestações de paganismo, e atitudes penitenciais excessivas. Nogueira (2008, p.203) afirma que uma das distinções mais marcantes entre a romaria e a peregrinação é dada por Carlos Alberto Steil, ao observar nas romarias um deslocamento coletivo, sem necessariamente ter como destino um local de devoção ou Santuário. Para o autor esse é um possível ponto de partida para uma abordagem mais específica de cada um desses fenômenos. Mesmo podendo ser compreendidos como fenômenos diferentes, as romarias e as peregrinações assemelham-se em sua essência, por isto há uma dificuldade em distingui-los. Tendo em vista essas semelhanças, no presente trabalho tais termos foram empregados como sinônimos.

Para Turner (2008), as peregrinações são fenômenos liminares, nesse sentido peregrinar implica em uma ruptura com o cotidiano, uma vez que, ao partir em viagem sagrada, o peregrino “se afasta dos envoltórios estruturais do lar, seu caminho se torna cada vez mais sacralizado em um nível e cada vez mais secularizado em outro”, p.171. Trata-se de uma forma de deslocamento no espaço ao mesmo tempo física e espiritual, como sugere Santos (2010), uma vez que, motivados por intenções diversas, os peregrinos efetivamente se põem em marcha, abandonando temporariamente seu local de origem, suas vivências cotidianas para adentrar em uma temporalidade particular, na qual é permitido ter experiências cosmológicas.

Embora o objetivo final da deslocação seja o lugar sagrado, muitas vezes é a própria jornada até este fim que assume maior significado pessoal, o afastamento das situações vivenciadas em sua rotina comum, as dificuldades enfrentadas e o contato com diversos símbolos durante o percurso, contribuem para a mudança na condição interna do peregrino. Mesmo que se caminhe em grupo, os sentidos atribuídos a este ato são singulares, assim as formas de vivenciá-lo são variadas. As observações e entrevistas feitas com os romeiros nas

peregrinações a Divina Pastora, ocorridas nos anos de 2009, 2011 e 2012, contribuíram para a compreensão deste fato. Os espaços disponibilizados para as manifestações devocionais são os mesmos para todos que os percorrem, porém os usos e apropriações feitos pelos devotos são variados. Os significados que cada indivíduo dá à experiência vivida é o que constitui sua forma particular de peregrinar³⁷.

Apesar de o percurso realizado até o Santuário não ser tão extenso como em outros centros de peregrinação existentes no país, a caminhada em si é de fundamental importância para os romeiros. Ainda que alguns prescindam desta, se dirigindo diretamente ao cruzeiro sem enfrentar a jornada de nove quilômetros para cumprir seus votos e manifestar sua devoção, a maioria a considera uma ação essencial para o alcance de seus objetivos no Santuário e por isso, mesmo com todas as dificuldades, não abrem mão de cumpri-la³⁸.

Estima-se que atualmente, mais de cem mil peregrinos enfrentem os percalços da caminhada até a cidade de Divina Pastora, subindo a ladeira sagrada em direção ao santuário. Em meio à multidão encontram-se homens, mulheres, jovens, adultos, crianças e idosos que se comportam de maneiras diversificadas; muitos se caracterizam com adereços que aludem à santa devotada, utilizam trajes leves, chapéus de palha com fita azul, cajados e mortalhas³⁹.

Os devotos se põem em marcha por motivações diversas, caminha-se por herança familiar, dando continuidade a uma tradição iniciada por algum ente querido, sendo estes geralmente os pais. Caminha-se para realizar promessas ou pagar votos já alcançados, caminha-se para atender a um convite de um vizinho ou amigo ou caminha-se simplesmente porque é tradição. Durante a caminhada terços, bíblias e outros símbolos religiosos estão sempre em mãos. Alguns cumprem o trajeto cantando e rezando em voz alta, outros apenas seguem calados concentrados em preces fervorosas, outros ainda conversam sobre assuntos diversos, não religiosos. Pais guiam suas crianças caracterizadas de anjos e devotos com dificuldade de locomoção são auxiliados por familiares a seguir na caminhada. De joelhos, descalços, ou até mesmo amparados por muletas, todos seguem com o propósito de alcançar o santuário.

Eles chegam sozinhos, em companhia da família, em grupos de amigos ou em grupos de paróquias; se deslocam até a cidade de Riachuelo utilizando o transporte público, carro

³⁷ Voltarei a desenvolver este ponto adiante.

³⁸ A maioria dos peregrinos opta por partir da cidade de Riachuelo até o Santuário de Divina Pastora realizando um percurso de 9 km, que dura de três a quatro horas aproximadamente, para ser cumprido. Diferente de outros Santuários existentes no país a exemplo de Trindade/Go, onde os romeiros levam três dias e duas noites para chegar ao destino e de Bom Jesus da Lapa, onde os romeiros precisam de três dias para concluir a caminhada.

³⁹ Mortalha é uma vestidura parecida com uma camisola, de cor roxa ou branca, usada pelos penitentes para pagar um voto.

próprio, ônibus fretados ou optam por ir andando mesmo, partindo dos locais onde originalmente residem. Muitos desses romeiros partem de povoados circunvizinhos, mas também há devotos que saem a pé de cidades mais distantes como a capital Aracaju, e até mesmo de outros estados como a Bahia, por exemplo. Os que optam por se dirigir ao Santuário dessa forma, o fazem em horário que os permitam chegar à cidade de Divina Pastora na noite do sábado ou nas primeiras horas da manhã do domingo. Assim é difícil precisar quantos quilômetros essas pessoas andam até o destino final.

Embora não haja nenhum tipo de incentivo ou distinção por parte da igreja entre os peregrinos que se dirigem até o Santuário a pé e os que utilizam algum meio de transporte para a mesma finalidade, é importante destacar que a opção feita pelo romeiro interfere no status devocional que lhe é atribuído pelos demais visitantes. Assim, a exemplo do que Turner (2008) observou em seus estudos sobre peregrinações, em Divina Pastora “os que ignoram os meios de transporte moderno ganham mais mérito ou graça” p.208. Os devotos que partem a pé desde seus municípios de origem até o santuário de Divina Pastora e também aqueles que partem diretamente da cidade de Riachuelo e seguem o percurso de joelhos, são vistos pelos demais com admiração e o esforço empreendido causa dor e marcas em seus corpos, mas também lhe rendem reconhecimento e respeito. A romeira Cristina, da cidade de Nossa Senhora das Dores, que em oito anos de peregrinação nunca realizou a caminhada sacrificial, preferindo se dirigir diretamente aos espaços rituais dispostos na cidade, traduziu seu sentimento a respeito das pessoas que assim demonstram sua devoção em poucas palavras: “as pessoas que vêm a pé tem muita fé e muita força de vontade, se não tivesse muita fé não conseguiam chegar aqui ⁴⁰”. Assim, quanto mais longa a caminhada e maior o sacrifício realizado pelo romeiro, maior também se torna o mérito atribuído à ação devocional.

⁴⁰ Entrevista concedida no dia 21 de outubro de 2012.



Figura 16 Peregrinos subindo a ladeira de acesso a Divina Pastora. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 17 Peregrina sendo amparada por familiares no percurso até Divina Pastora. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 18 Peregrinos descalços partindo de Riachuelo em direção a Divina Pastora. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 19 Peregrina com veste branca, pagando promessa. Fonte: Acervo pessoal.

Tendo em conta a infinidade de motivações que põem o peregrino em marcha, os sentidos atribuídos a seu ato devocional e as formas escolhidas para vivenciar essa experiência, fica mais fácil compreender o caráter multifacetado da peregrinação. As entrevistas realizadas no contexto do evento corroboraram na apreensão dos muitos significados conferidos pelos próprios romeiros à sua experiência. As respostas foram obtidas

no mesmo momento em que os peregrinos praticavam o ato devocional da caminhada, assim estavam imbuídas de representações e auxiliaram substancialmente na compreensão do fenômeno.

Para o romeiro José, a peregrinação tem um sentido catártico, libertador em termos emocional e espiritual. O contato com a natureza o faz sentir mais próximo do divino:

*Nós que caminhamos, a ideia é no caminho ir liberando todas as nossas mágoas, todas as nossas mazelas, indo conversando com o divino a gente ir entregando tudo isso no caminho com a natureza, o contato com a natureza. Emitindo um pouco de energia pra esse mundo todo*⁴¹.

Atribuindo um caráter subjetivo à caminhada e buscando romper com seu contexto imediato para entrar em contato com seu mundo interior, o devoto manifestou o desejo em se distanciar dos problemas da vida cotidiana, recorrendo à natureza para transpor-se a um ambiente de tranquilidade, propício à reflexão e conseqüentemente ao contato com uma ordem sagrada. Essa associação entre peregrinação e mudança interior esteve presente no depoimento de outros peregrinos, a exemplo da Senhora Maria, para quem “peregrinar é você se renovar, é você andar, é você se transformar um pouco, refletir. É você se doar, pensar no próximo, naquele que está ao seu lado, naquele que você não enxerga”⁴². Turner (2008) associa esse desejo de mudança ao caráter limiar presente nas peregrinações, para ele os peregrinos esperam sofrer modificações de natureza interna e externa, capazes de os colocarem em contato direto com uma ordem sagrada, invisível e sobrenatural.

Na peregrinação à Divina Pastora, encontrei devotos que verbalizaram o desejo de passar por transformações íntimas em seu espírito e de obter curas miraculosas. Para estes, caminhar estava diretamente relacionado à busca de algo e por este motivo pediam, faziam promessas à sua santa de devoção e se sacrificavam para pagar o voto realizado. A romeira Rosana é um destes exemplos; ela estava em seu sexto ano de peregrinação e caminhou cerca de dezoito quilômetros a pé, partindo da cidade de Siriri até o Santuário. Ao resumir o sentido de sua caminhada, ela expressou sua ação como:

*“Um ato de realização, uma busca pra o que a gente deseja, pede e tenta alcançar. E quando realizado ou quando não, a gente vem se esforçando ao máximo, dando o melhor, trazendo muita paz e renovando a gente a cada ano que a gente vem, com certeza!”*⁴³.

⁴¹ Entrevista concedida no dia 16 de outubro de 2011.

⁴² Entrevista concedida no dia 21 de outubro de 2012.

⁴³ Idem.

Apesar de ter peregrinado motivada pelo cumprimento de um voto realizado, a devota manteve sua promessa em segredo, atitude pouco frequente entre os demais entrevistados. A promessa é uma ação rica em significados para o entendimento das intenções e motivações dos romeiros. Para muitos peregrinos, a exemplo da Senhora Angélica, do município de Nossa Senhora das Dores, a ida ao santuário visa o cumprimento de promessas, ou representa o momento apropriado para agradecer a graça alcançada, bem como a oportunidade de renovar a aliança com a santa. Há sete anos ela peregrina para o Santuário de Divina Pastora:

“Fiz uma promessa e graças a Deus ela me ajudou muito com meu filho, aí desse dia pra cá eu tive muita fé. Assim, porque ele tinha problema de cansaço e aí graças a Deus, primeiro Deus, depois ela, meu filho tá curado. Ele tinha cinco anos; ele já tá com onze anos, graças a Deus tá curado⁴⁴”.

Além de uma eficácia moral, os peregrinos atribuem uma eficácia física à mediação dos santos em nossas vidas. É no ritual da peregrinação que o *ethos* e a visão de mundo dos peregrinos confrontam-se e confirmam-se mutuamente (Geertz, 2008). Daí a importância dos símbolos religiosos – a exemplo de Divina Pastora – na produção de disposições e motivações desses crentes. A peregrina Maria de Lourdes, que há nove anos realiza a marcha sacrificial, também falou a respeito do motivo que a pôs a caminho da ladeira sagrada:

“Fiz a promessa que se eu não precisasse me operar enquanto vida tivesse só faria a peregrinação de Divina Pastora. E agora mais uma graça, tá com dois anos que eu vivia desempregada andando atrás de serviço, eu vim trouxe a Xerox de minha identidade, coloquei aos pés de Divina Pastora e pedi que queria conseguir um serviço e na outra semana fui chamada pra trabalhar⁴⁵”.

Foram vários os relatos emocionados de promessas realizadas e de satisfação por estar cumprindo-as. Os devotos que se dirigem ao Santuário de Divina Pastora buscam através das promessas realizadas, resolução para conflitos de natureza diversa, a Virgem é invocada para resolução de problemas no campo da saúde, do trabalho e até mesmo judicial. Essa característica plural atribuída à santa justifica sua popularidade entre os peregrinos que a têm como milagreira⁴⁶. Steil (1996) atribui aos votos, importância fundamental para a vitalidade

⁴⁴ Entrevista concedida no dia 21 de outubro de 2012.

⁴⁵ Entrevista concedida no dia 16 de outubro de 2011.

⁴⁶ É interessante destacar que no catolicismo popular é comum que os santos possuam especialidades e sejam conhecidos por seus atributos; assim Santo Antônio é casamenteiro, São Francisco é defensor dos pobres, Santo Expedito resolve causas impossíveis, etc. No âmbito das invocações marianas vemos Nossa Senhora do Bom

das romarias, pois geralmente o alcance de uma graça ou milagre é que leva os devotos a iniciar seus ciclos peregrinatórios. O depoimento de alguns devotos é demonstrativo dessa afirmação. Perguntado sobre o motivo que o levou a peregrinar, José Alcino, autônomo de 50 anos disse: “já consegui alguma coisa com a Santa e aí prometi que viria a Divina Pastora enquanto eu pudesse”⁴⁷. A Senhora Maria de Lourdes, que peregrina há nove anos, respondeu o seguinte: “fiz a promessa se eu não precisasse me operar, enquanto vida eu tivesse, eu só faria a peregrinação de Divina Pastora”⁴⁸. É interessante ressaltar que dentre outros relatos parecidos, a obtenção da graça levou alguns peregrinos a estabelecerem um laço de reciprocidade eterno com a santa, mais do que cumprir a promessa pelo voto alcançado, eles prometeram exclusividade na adoração e assiduidade nas romarias. Sacrificando-se ano a ano, eles seguem cumprindo o ritual peregrinatório, reatualizando a fé consolidada com o primeiro voto.

Situação inversa a esta, também foi observada em alguns relatos de peregrinos; foi possível perceber que o pagamento de promessa estava associado a uma condição. O fiel que realizava um voto, o cumpria somente se houvesse concessão da graça pedida a Santa, para este fiel, se o pedido feito fosse atendido, a promessa realizada teria sido válida e assim deveria ser paga. Em estudo sobre o catolicismo popular, Zaluar (1983) observou que os devotos não recorriam aos santos apenas por motivo de doença, mas em todos os momentos que escapavam ao seu controle e nos quais existiam incertezas. Ao procurar os santos, os fiéis ligavam-se socialmente a estes, criando uma relação de reciprocidade, na qual se estabelecia uma série de prestações e contraprestações socialmente estipuladas. Assim, a realização da promessa significava ao mesmo tempo o pedido feito ao santo, a dívida a saldar e a efetivação do pagamento, especialmente através de ex-votos. Os inúmeros casos de pedidos realizados a Divina Pastora nos quais se estabelecem o pagamento posterior são demonstrativos disto. Para Pierre Sanchis:

A promessa é a relação estabelecida entre a condição humana concreta e um envólucro de santidade que a rodeia. Faz parte de uma visão do mundo, dentro da qual constitui um modo de comunicação essencial. Por isso mesmo, ela aproxima-se do sacrifício, ao mesmo tempo em que se insere no quadro de uma economia, a da troca. (SANCHIS, 1983. p.47)

Parto, Nossa Senhora da Boa Morte, Nossa Senhora da Boa Viagem, etc. Os devotos recorrem a Eles de acordo com suas necessidades específicas. Esse não é o caso de Nossa Senhora Divina Pastora.

⁴⁷ Entrevista concedida no dia 16 de outubro de 2011.

⁴⁸ Idem

Assim, podemos compreender o ato peregrinatório como um sacrifício empreendido pelo devoto, com intuito de tornar-se merecedor do almejado encontro com seu Santo de devoção e das graças que espera que este lhe conceda. Mauss (2001, p.147) afirma que “o termo sacrifício sugere imediatamente a ideia de consagração e poderíamos ser induzidos a crer que as duas noções se confundem”. Neste sentido, uma das funções do sacrifício seria consagrar, tornar sagrado. Podemos inferir então, que durante a caminhada sacrificial realizada na peregrinação, o devoto transpõe-se do âmbito profano em que se encontrava inicialmente e o próprio espaço percorrido e os símbolos visualizados contribuem para essa modificação, para adentrar no domínio do sagrado.

Muitas das ações devocionais manifestadas no pagamento das promessas são também atos sacrificiais; neste sentido o sacrifício empreendido pelo devoto pode ser compreendido como a formalização do início de um ciclo de prestações e contraprestações socialmente estabelecidas. Para o referido autor:

(...) Em todo sacrifício há um ato de abnegação, pois quem se sacrifica se priva e se dá. Essa abnegação lhe é mesmo frequentemente imposta como um dever. (...) Mas essa abnegação e essa submissão não deixam de ter um lado egoísta. Se o que sacrifica dá alguma coisa de si, ele não se dá; ele se reserva prudentemente. É que se ele dá, é em parte para receber. O sacrifício se apresenta, então, sob um duplo aspecto. É um ato útil e uma obrigação. O desinteresse se mescla ao interesse. Por isso ele foi frequentemente concebido sob a forma de um contrato. (MAUSS, 2001, p.88)

Ao realizar uma promessa, o devoto (contratante) envolve o Santo no sistema de prestações totais, constituído pela tripla obrigação (dar-receber-retribuir), presente na teoria da Dívida nos termos formulados por Mauss (2003), para quem “o mais importante entre esses mecanismos espirituais é o que obriga a retribuir o presente recebido” (p.193). Assim o peregrino compromete a divindade por meio da realização da promessa, que assume antes a forma de uma atribuição. Tendo a divindade acatado o pedido do devoto, este se incumbe de se dirigir ao Santuário em sacrifício para retribuir a graça recebida. Para muitos romeiros, o momento de pagar a promessa é também ocasião para realizar outros pedidos, o que mantém vivo o sistema de prestações totais. Ao falar sobre o motivo que a teria levado a partir em peregrinação a romeira Maria Tereza, que declarou estar em seu segundo ano de caminhada devocional, disse:

“Eu vim pra Divina Pastora pedir uma benção, um benefício que estou lutando na justiça pra ganhar e até aqui não ganhei. Ano passado eu segui ajoelhada a entrada da igreja e eu tenho uma promessa que eu não realizei ainda e não alcancei nem a benção, quando eu alcançar eu venho de pés

descalços, que eu moro em São Cristóvão, vestida de mortalha, vela pra pagar, fogos e tudo”⁴⁹.

A Senhora Josinete, que revelou visitar o santuário ocasionalmente, também falou sobre o voto realizado ao encontrar com a santa que já havia lhe concedido uma graça em outro momento:

“Falei pra ela que, assim como ela intercedeu ao filho Jesus pra eu ter um bom parto da minha pastorinha, também interceda ao filho dela. Porque ela está como uma doença chamada lúpus, que ela interceda para que Jesus cure. Para o ano, com fé em Jesus, a gente tamos aqui, se ela ficar boa aí ela vem pra ir acompanhar a procissão”⁵⁰.

É possível perceber no discurso das devotas a fé que possuem na realização do pedido feito à santa, no entanto a prontidão em realizar o sacrifício em agradecimento ao voto concedido só aparece após a concretização do mesmo pela divindade. Não importa o tempo que levará para que a graça seja atendida, nas palavras dos romeiros assim que esta se realize a Virgem receberá as devidas homenagens.

Há casos em que romeiros tornam-se devotos da Virgem ainda na infância, por influência de alguém da família, que geralmente realiza um voto em seu nome. Dessa maneira, a devoção surge como uma espécie de obrigação que é herdada. Em outros casos, não há necessariamente um compromisso estabelecido devido à promessa realizada por outrem, mas o indivíduo simplesmente permanece a peregrinar porque deseja dar continuidade à tradição familiar. O caso da romeira Josefa, devota desde os dez anos de idade, integrante de um grupo paroquiano da cidade de Aracaju, exemplifica esse quadro. Questionada sobre o momento em que decidiu peregrinar ao santuário de Divina Pastora, ela relata: “Minha mãe que me trouxe. Fiquei acompanhando muitos anos com ela, depois ela passou a ficar doente, não vinha mais e eu continuei, enquanto eu tiver vida e saúde eu venho”. Para Zaluar (1983), a retomada de promessa por parentes ou pessoas próximas e as promessas em si, podem ser consideradas obrigações rituais com os outros e como meios de reativar os laços que os une entre si nesse sentido. A ação da romeira se daria devido à obrigação de não romper a reciprocidade com sua mãe e com o próprio o santo, assumidas na realização da promessa.

⁴⁹ Entrevista concedida no dia 16 de outubro de 2011.

⁵⁰ A romeira entrevistada se referia à filha (Pastorinha), a quem atribuiu o nome de Pastora em homenagem a Nossa Senhora Divina Pastora por ter intercedido em seu parto quando estava em gravidez de risco, há 20 anos. A entrevista foi concedida no dia 16 de outubro de 2011.

Muitos peregrinos se dizem espíritas, católicos não praticantes, não católicos ou de religião nenhuma, eles traduzem a sua participação como um ato de fé independente de filiação religiosa. O vínculo à religião católica oficial parece não importar para que as pessoas se dirijam ao Santuário em nome dos mais diversos objetivos. Caminhar é sinônimo de sacrifício, paz, realização, felicidade. Além disso, para muitos, esse ato resume-se a uma busca por algo que se deseja alcançar, demonstração de fé e agradecimento e até mesmo uma forma de se sacrificar e se aproximar o máximo possível da experiência de sofrimento, dor e cansaço vivenciada por Jesus Cristo na *via crucis*.

Grupos paroquianos se organizam durante o ano inteiro para participar do evento religioso. Há também no contexto da festividade, uma peregrinação programada exclusivamente para o povo pastoreense; essas pessoas se organizam de maneira particular para cumprir a jornada de devoção, que se constitui em apenas mais uma maneira de vivenciar a experiência de peregrinar. Cada romeiro, devoto, penitente ou peregrino, influenciados por suas experiências pessoais, que constituem seu *ethos* e direcionando sua visão de mundo, segue em marcha, dando continuidade aos ciclos de peregrinações, reatualizando-os ano a ano. Sozinhos, em grupo, cantando, em silêncio, orando, em trajes comuns ou caracterizados com adereços típicos, eles caminham, deslocando-se geograficamente, mas também interiormente, elevando sua alma a um nível mais próximo da sacralidade. A seguir, passo a analisar cada um dos grupos separadamente.

2.1 Os Grupos Paroquianos

Geralmente os grupos paroquianos são liderados por leigos que possuem uma vivência rotineira em paróquias localizadas em diversas comunidades locais, atuando como verdadeiros evangelizadores. São esses leigos os maiores responsáveis por mobilizar a comunidade a partir em peregrinação, eles fretam ônibus, fazem lista das pessoas interessadas em integrar as caravanas e também preparam essas pessoas em reuniões realizadas dias antes da romaria, dando orientações a respeito de como se comportar durante a estadia no santuário.

Entrei em contato com alguns desses grupos de paróquias por telefone e pessoalmente, meses antes da peregrinação, quando o objetivo primeiro de meu projeto de pesquisa era observar um grupo determinado de peregrinos, acompanhando-os durante seus preparativos para a partida, suas experiências coletivas na viagem, sua chegada ao centro de peregrinação, seu comportamento e suas impressões nesse centro, o que não deu certo. Nesse período, todas

as paróquias com as quais tive contato ou já estavam com os ônibus lotados, ou não tinham um responsável organizando a ida até a peregrinação. Isto que me fez compreender que não são os clérigos responsáveis oficiais pela paróquia que organizam as caravanas que se dirigem ao santuário em dia de peregrinação, mas sim esses leigos que atuam frente à comunidade e auxiliam cotidianamente em funções dentro da Igreja.

Nessa procura, também compreendi que muitos grupos paroquianos preferem realizar peregrinações ao santuário em outro período e não na grande peregrinação de outubro, a exemplo do grupo Legião de Maria que adotou o dia 29 de maio como data para peregrinar e do grupo Apostolado Mãe Rainha, que realiza a caminhada no dia 22 de agosto. Alguns destes alegam que em outubro o sentido dado ao ato de peregrinar é vulgarizado por pessoas que vão para a caminhada apenas para fazer turismo, outros dizem que preferem peregrinar em data diferente devido a grande multidão que se aglomera na cidade no mês de outubro, tornando mais difícil a estadia no santuário.

Mesmo em meio à grande multidão não é difícil identificar esses peregrinos, pois eles costumam andar juntos e muitos vestem blusas que identificam a paróquia de onde são provenientes. Além disso, exercem sua devoção por meio de ações rituais no decorrer da caminhada: leitura de trechos da bíblia, proferindo orações e rezando o terço. Alguns grupos chegam a se destacar, chamando atenção pelos acessórios incomuns que costumam carregar durante o deslocamento até o santuário. Em observação de campo realizada no ano de 2011, pude acompanhar integrantes de um destes grupos que se sobressaíam perante a multidão pelo fato de realizarem a caminhada unidos, em volta de um terço com proporções enormes⁵¹. Na ocasião, cada peregrino segurava em uma ponta do imenso objeto litúrgico, formando um semicírculo e assim seguiam andando, em direção à cidade de Divina Pastora. Os encontrei ainda na cidade de Riachuelo, quando aguardavam o término da missa de envio de peregrinos, presidida pelo bispo auxiliar da Arquidiocese de Aracaju, Dom Henrique Soares da Costa⁵².

⁵¹ Trata-se do grupo paroquiano Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizado no bairro Orlando Dantas em Aracaju.

⁵² Na maioria dos casos, os grupos paroquianos que se dirigem ao Santuário na manhã do domingo, costumam participar da missa de envio de peregrinos realizada na Igreja Nossa Senhora da Conceição em Riachuelo, antes de partir em caminhada na direção da ladeira sagrada.



Figura 20 Romeiros assistindo à missa presidida pelo Bispo Auxiliar na Igreja Nossa Senhora da Conceição em Riachuelo. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 21 Integrantes do grupo paroquiano Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, seguindo em direção a Divina Pastora na companhia do Bispo Auxiliar e do vice-governador do Estado, Jackson Barreto. Fonte: Acervo pessoal.

No decorrer do deslocamento até o Santuário, percebi que alguns dos integrantes desse grupo acabaram se subdividindo, formando pequenos grupos paralelos que, inclusive durante a estadia no Santuário, não acompanharam a programação seguida pelos demais e só se reencontraram no final do evento para voltarem as suas casas. Isso me ajudou a compreender a multiplicidade de sentidos dados pelos devotos a um ato, que se olhado desatentamente, aparenta ser realizado de maneira uniforme, com objetivos e motivações comuns; quando na verdade, a diversidade de pessoas ali presentes se apropria daquela experiência de maneira particular, constituindo um cenário no qual há várias formas de se peregrinar.

2.2 A Peregrinação do Povo Pastoreense

A romaria realizada pelos moradores do município de Divina Pastora se constitui em uma dessas várias formas de peregrinar manifestadas no contexto da festividade religiosa, uma vez que os divina-pastorenses não costumam cumprir a jornada de nove quilômetros junto com os romeiros que vêm de fora da cidade.

Os divina-pastorenses se posicionam no contexto da grande peregrinação como anfitriões, comerciantes e voluntários. Não são poucos os que cedem suas casas para que

romeiros descansem, utilizem banheiros e até mesmo se alimentem. Além disso, muitos montam barracas para vender diversos tipos de gêneros alimentícios, artigos religiosos e água. Uma parte considerável também integra as equipes de colaboração montadas pela Igreja, auxiliando como voluntários durante todo o dia de realização do evento, por este motivo torna-se difícil utilizar o espaço da grande peregrinação ocorrida em outubro para manifestar sua devoção. Assim, embora alguns moradores realizem a caminhada dias antes do início das festividades a grande maioria deixa para prestar homenagens a sua padroeira em festa ocorrida no segundo domingo do mês de novembro⁵³.

Em decorrência deste fato, o pároco Helelon Bezerra dos Anjos, visando incentivar a comunidade local a vivenciar o momento da peregrinação também enquanto devotos, no ano de 2010 teve a ideia de designar um dia específico para que os moradores de Divina Pastora pudessem peregrinar. Como no sábado muitos romeiros de fora já começam a chegar à cidade, após ter percorrido todo o circuito peregrinatório, seja partindo de Riachuelo, ou de seus municípios e Estados de origem e os moradores precisam estar de prontidão para dar auxílio a estes, a sexta-feira foi escolhida para a realização da peregrinação do povo pastorenses. O clérigo deixou claro que seu intuito ao incentivar essa peregrinação, era criar um novo tipo de mentalidade na comunidade local, de modo que, os indivíduos antes de se tornarem agentes com pontos de venda ou acolhedores desses peregrinos, pudessem primeiro vivenciar a experiência de ser peregrinos⁵⁴.

A iniciativa do clérigo parece ter agradado aos moradores. No ano de 2011 pude acompanhar a referida romaria, observando suas nuances e particularidades. Pareceu-me que, mais do que um incentivo para a comunidade local, o Padre apresentou um modelo desejável de peregrinação, na qual o sacerdote possui controle total sobre as ações dos devotos. As ações devocionais observadas destoavam completamente das manifestações de fé expressas pela grande massa de pessoas na peregrinação ocorrida no domingo.

No dia e horário marcado para a referida romaria, os divina-pastorenses reuniram-se em frente ao Santuário⁵⁵. Aos poucos, jovens, mulheres, homens e crianças surgiam, alguns

⁵³ No ano de 2011 as celebrações em homenagem a padroeira local tiveram início no dia 04 e término no dia 13 de novembro, ocorrendo assim, durante toda a semana. Novenas, adorações e missas solenes em homenagem à Santa integraram a programação. É interessante ressaltar que a peregrinação começou em 1958, há 55 anos, mas a festa da padroeira teve início há 130 anos. Então a devoção do povo pastorenses para o período da festa do mês de novembro independe da peregrinação, uma vez que esta acaba se constituindo em um evento destinado aos devotos que vêm de fora.

⁵⁴ Em entrevista concedida no dia 07 de fevereiro de 2013, o Padre definiu seu intuito a respeito da peregrinação do povo pastorenses da seguinte maneira: “Nós antes de sermos acolhedores de peregrinos, nós temos que ser peregrinos”.

⁵⁵ A peregrinação do povo pastorenses ocorreu no dia 14 de outubro, os devotos partiram de Divina Pastora em direção a Riachuelo às 16:30h em um ônibus cedido pela prefeitura.

tipicamente caracterizados, com vestimentas leves, chapéu de palha com fita azul e cajados, adereços alusivos à Santa⁵⁶. Muitos tinham em mãos velas envoltas por um pequeno recipiente plástico, que seriam acesas ao cair da noite. Logo, o ônibus que os transportaria até a paróquia Nossa Senhora da Conceição, localizada na cidade de Riachuelo, estacionou em frente ao Santuário, partindo em seguida com os devotos e o pároco local, que estava completamente caracterizado de romeiro. Durante o percurso até Riachuelo, nenhuma programação religiosa foi seguida.



Figura 22 Divino-pastorenses adentrando no ônibus em companhia do pároco. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 23 Moradores, no interior do ônibus, na companhia do pároco, seguindo para Riachuelo. Fonte: Acervo pessoal.

Ao chegar à paróquia Nossa Senhora da Conceição, o padre proferiu algumas palavras a respeito da importância do ato de peregrinar, advertiu sobre determinados cuidados a serem observado no decorrer do deslocamento, recitou orações e convidou os devotos a partirem em procissão, seguindo o percurso antes realizado apenas pelos romeiros de “fora”. O grupo, com cerca de cem pessoas, partiu cantando e orando. O Padre seguiu à frente com alguns auxiliares, um destes portando uma insígnia religiosa. Atrás das pessoas um carro de som acompanhava, dando o suporte necessário com relação à proteção dos devotos durante o

⁵⁶ Um cajado é uma vara de pastor, caracteristicamente tendo a extremidade superior recurvada em forma de gancho ou semicírculo. Ele é usado para tocar nas patas das ovelhas de leve para que elas retornem ao seu caminho.

percurso em meio à rodovia, disponibilização do áudio para os microfones e iluminação da estrada à noite⁵⁷.



Figura 24 Divino-pastorenses partindo em romaria de Riachuelo até Divina Pastora em companhia do pároco. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 25 Integrante da organização paroquial sinalizando a presença dos romeiros na rodovia, com auxílio de uma lanterna. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 26 Divino-pastorenses passando pela rodovia SE 160 à noite. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 27 Parada na I Estação da Via-Sacra. Fonte: Acervo pessoal.

⁵⁷ Ao cair da noite, o carro de som que seguia atrás dos romeiros passou para frente, auxiliando na iluminação do caminho, enquanto isso um dos integrantes da organização paroquial seguiu na via oposta sinalizando aos motoristas que passavam na rodovia a presença do grupo que peregrinava na via pública⁵⁷. Os devotos, por sua vez, acenderam as velas que tinham em mãos. Não havia nenhum tipo de aparato policial ou unidade de pronto-atendimento para casos de urgência médica, mas as pessoas não demonstravam nenhum tipo de ansiedade ou preocupação com isto.

Durante a caminhada, os devotos se mantiveram próximos, seguiram os primeiros quilômetros cantando e rezando, sob a direção do Padre e a animação do carro de som que seguia à frente. Na medida em que a procissão passava pelos povoados, a quantidade de pessoas que seguia o grupo ia aumentando. Aos poucos a caminhada foi assumindo as características de uma via-sacra⁵⁸. Ao chegar à primeira estação todos pararam para ouvir a leitura de passagens bíblicas que aludiam ao martírio sofrido por Jesus Cristo, depois disso rezaram e seguiram caminhando até a estação seguinte. Em cada uma das 14 estações esses atos se repetiram, e assim os divina-pastorenses seguiram unidos e calmos até a última estação, localizada na entrada da cidade, exatamente em frente ao cruzeiro. Nesse ponto o grupo já havia alcançado um número considerável de devotos, que se juntaram às outras pessoas que os aguardavam no local, para assistir à celebração de uma missa presidida pelo pároco da cidade de Laranjeiras.

Apesar de todos os momentos rituais previstos na programação da peregrinação serem a priori realizados em homenagem a Nossa Senhora Divina Pastora, inclusive a própria caminhada até o Santuário, observei que em todos os momentos a Igreja tem buscado exaltar a superioridade da santíssima trindade⁵⁹. Na peregrinação dos divina-pastorenses, esse fato foi evidenciado através da realização da via-crucis, que nada mais é do que a dramatização do calvário de Cristo. Isso expõe um caráter normatizador que pouco se verifica nas demais peregrinações realizadas até a cidade, que podem ser enquadradas nas características típicas do catolicismo popular, nas quais os santos ocupam posição central nas manifestações devocionais.

Sendo assim, nestas peregrinações os devotos manifestam sua fé de maneira mais autônoma, cada um vivencia o momento de forma singular. Comumente, as promessas e sacrifícios feitos são direcionadas à Virgem campesina, é a Ela que os peregrinos vão agradecer. Poucos são os que afirmam recorrer a Divina Pastora para pedir intercessão de seu

⁵⁸ A Via-sacra é um ato litúrgico, comumente realizado pela igreja, no qual uma espécie de encenação do trajeto seguido por Jesus Cristo desde o momento de seu julgamento até sua morte é realizada. Durante sua realização são feitas quatorze paradas em locais previamente determinados. Em cada uma destas estações ou etapas, é narrada uma cena da Paixão a ser meditada pelo discípulo de Cristo. Na 1ª estação Jesus é condenado à morte; na 2ª estação Jesus carrega a cruz às costas; na 3ª estação Jesus cai pela primeira vez; na 4ª estação Jesus encontra a sua Mãe; na 5ª estação Simão Cirineu ajuda a Jesus; na 6ª estação Verônica limpa o rosto de Jesus; na 7ª estação Jesus cai pela segunda vez; na 8ª estação Jesus encontra as mulheres de Jerusalém; na 9ª estação Jesus cai pela terceira vez; na 10ª estação Jesus é despojado de suas vestes; na 11ª estação Jesus é pregado na cruz; na 12ª estação Jesus morre na cruz; na 13ª estação Jesus morto nos braços de sua Mãe e na 14ª estação Jesus é enterrado.

⁵⁹ Não tecerei maiores comentários a respeito do dogma da Santíssima Trindade e do culto mariano, pois eles extrapolam os objetivos deste trabalho, ver Agostinho (2005); Bedoyere (1969); Milner (1969); Samanes e Tamayo-Acosta (1999).

filho Jesus Cristo; os que assim o fazem geralmente possuem uma vida religiosa ativa junto às paróquias das igrejas em suas comunidades, estando, portanto influenciados pela doutrina propagada pelo catolicismo oficial.

CAPÍTULO 3 - O PROCESSO RITUAL: PRINCIPAIS ESPAÇOS RITUALÍSTICOS DA PEREGRINAÇÃO

Apesar de se estender por quatro dias, é no domingo, em seu último dia de realização, que a peregrinação ao Santuário de Divina Pastora atrai o maior número de romeiros. A cidade possui uma área territorial de noventa e três quilômetros quadrados, na qual habitam pouco mais de quatro mil trezentas e vinte e seis pessoas. Em dia de peregrinação o município chega a receber cerca de 100 mil pessoas que, através das múltiplas demonstrações de fé à Virgem Campesina, legitimam o evento como a maior manifestação religiosa ocorrida no estado de Sergipe. As atividades devocionais que se verificam neste contexto, modificam completamente a paisagem urbana local.

É natural que a chegada de um número tão grande de pessoas a uma cidade de proporções diminutas, altere a rotina cotidiana dos moradores locais. Em 2009 tive a oportunidade de visitar a cidade de Divina Pastora em um dia de domingo comum, no qual não havia nenhum tipo de evento, seja religioso ou profano, previsto e pude verificar a simplicidade dos hábitos rotineiros da população. Assim como ocorre em tantos outros municípios do interior de Sergipe, a oferta para o lazer é escassa, resume-se basicamente aos poucos bares existentes e às missas realizadas pela Igreja. Muitos idosos ocupam o tempo ocioso conversando com amigos na praça, o fluxo de pessoas na rua é pequeno.

Esse cenário contrasta fortemente com a realidade vivenciada em dia de peregrinação, quando a cidade é tomada por milhares de pessoas e um comércio intenso de artigos variados, movimentando especialmente o centro, mas também outros locais no entorno do Santuário. Neste dia, torna-se difícil precisar os limites que se impõem entre o espaço da rua e das casas dos moradores, todos os locais são tomados pelos romeiros e o simples ato de caminhar pelas vias requer muito esforço. Em torno do Santuário é quase impossível encontrar um espaço livre para se acomodar. As árvores localizadas na Praça da Igreja Matriz são os pontos preferidos para se montar estruturas como barracas de acampamento. É possível visualizar utensílios como colchões, bancos de madeira e de plástico, cadeiras, lençóis, sombreiros, entre outros em poder de romeiros, que tentam obter o mínimo de conforto durante sua estadia na cidade. O corredor externo da lateral esquerda da Igreja Matriz também é um local bastante disputado pelos devotos. Por ser coberto e de fácil acesso, muitos se alojam com colchões e cobertores ainda na noite do sábado e ali permanecem até o encerramento da festividade.



Figura 28 Romeiros alojados embaixo de uma das árvores, localizadas na praça em frente ao Santuário. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 29 Romeiros alojados no corredor externo da lateral do Santuário. Fonte: Acervo pessoal.

Enquanto muitos divina-pastorenses abrem as portas de suas casas aos peregrinos, que circulam livremente pelos diversos cômodos, especialmente banheiro, sala e cozinha, outros se retiram da cidade, com o intuito de fugir do que consideram tumulto. Embora se coloquem como anfitriões, o auxílio prestado pelos moradores locais aos romeiros não se dá de forma completamente gratuita, geralmente nas casas onde há maior circulação de devotos há a comercialização de almoço pronto em forma de quentinhas. Também se cobra um pequeno valor para uso do banheiro, que varia ente cinquenta centavos e um real⁶⁰. Muitos ainda contribuem com a realização da festividade, atuando como voluntários nos diversos setores ligados ao evento.

É evidente que toda movimentação atraída pela peregrinação altera a rotina dos moradores, apesar disso, creio que a relação entre o cotidiano da população local e o ritual festivo é de complementaridade (Brandão 1989; Canclini 1983). Em dia de peregrinação os aparelhos institucionais aos quais a população recorre diariamente, continuam a integrar o cenário da cidade, mas assumem uma dinâmica diferenciada. Veem-se mais unidades de atendimento de saúde expostos para caso de emergência, mais viaturas policiais circulando, reforçando a segurança nas entradas da cidade e em todo território do Santuário, mais pontos comerciais com produtos diversificados disponíveis para venda, etc. Postos a favor do evento,

⁶⁰ Em conversa informal realizada com alguns moradores, soube que já houve tempo em que não se cobrava valor algum aos romeiros que necessitavam utilizar o banheiro de suas casas, porém com o passar dos anos e o crescente número de visitantes, essa medida teria se tornado necessária devido ao aumento nos custos pagos pela água utilizada.

muitos espaços se veem praticamente obrigados a modificar sua rotina de funcionamento e até ressignifica suas finalidades. Supermercados ficam abertos vinte e quatro horas, moradores passam a noite nas calçadas observando a movimentação nas ruas com a ida e vinda dos romeiros, a Igreja é fechada à meia noite e reaberta às cinco horas da manhã, as escolas utilizadas para atividades de cunho pedagógico são transformadas em anexos do santuário, tornando-se ponto de confissão dos peregrinos. As casas dos moradores se transformam em restaurantes improvisados, etc. Sendo assim, há uma alteração significativa na dinâmica e paisagem social, mas não uma ruptura total com o cotidiano. Embora se configurem de maneira particular, cotidiano e ritual festivo se inter-relacionam.

Os moradores de Divina Pastora possuem uma vivência religiosa intensa, além da peregrinação, considerada o principal evento religioso, ocorre a festa da Padroeira Nossa Senhora Divina Pastora, que se realiza logo depois, no mês de Novembro, e a Festa de São Benedito. Assim, embora não seja constante, a realização de eventos como esses, também integram o cenário devocional cotidiano dos moradores.

Durante todo o dia, as pessoas transitam pelos espaços ritualísticos que constituem o circuito religioso instituído pela diocese: o cruzeiro, o santuário, a tenda de adoração e o toldo onde se encontra exposta a réplica da imagem peregrina. Além de visitar esses locais, os peregrinos participam de missas, confissões e shows religiosos ocorridos durante a noite do sábado e todo o dia do domingo. Embora o atual pároco tenha divulgado uma espécie de roteiro contendo os passos que os peregrinos deveriam seguir ao se dirigir ao santuário, muitos parecem compor uma sequência própria de movimentação pelos espaços rituais durante sua estadia na cidade. As várias formas de inserção no espaço religioso geram comportamentos devocionais diversos, que muitas vezes só faz sentido para aqueles que os vivenciam. Enquanto para o peregrino o ato de caminhar em direção ao santuário é fundamental para o alcance de seus objetivos, outras pessoas prescindem dessa ação, dirigindo-se para outros espaços. O mesmo ocorre no que tange à participação na última missa presidida pelo Arcebispo, atividade que marca o encerramento das celebrações no Santuário; o caráter de obrigatoriedade não é observado por todos os peregrinos, é o caso daqueles que se limitam a visitar o cruzeiro e a Igreja Matriz.

Em todos os locais visitados pelos peregrinos no contexto da festividade, as manifestações devocionais são diversificadas, em cada um deles verificam-se comportamentos específicos. Com o objetivo de sublinhar a intensidade desses momentos passo, a seguir, a descrever etnograficamente as manifestações observadas nos principais

espaços ritualísticos, sendo estes destacadamente o cruzeiro, a tenda de adoração, o santuário e a visitação à imagem peregrina.

3.1 O cruzeiro e a visitação à imagem peregrina

O cruzeiro é uma cruz cunhada em madeira, cujo modelo enquadra-se no tipo de cruz latina ou cruz da paixão, por possuir uma trave horizontal de menor tamanho, fixada num suporte vertical um pouco acima do meio, como afirma Pereira (2002, p.28). Presente em culturas diversas e extremamente distintas tais como a fenícia, a africana, a maia, a inca, a asteca, a australiana, a persa, etc., é considerada um símbolo universal. Seu traçado apesar de simples é repleto de significados.

Ao escrever sobre as festas religiosas realizadas no norte do país no período correspondente aos anos de 1843 a 1919, Moraes Filho (2002) faz referência ao efeito que a cruz erigida na entrada de templos improvisados durante a prática das santas missões causava sobre as pessoas que passavam: “o tabaréu descobria-se, passando, e ajoelhava-se; o escravo benzia-se e implora misericórdia; as mulheres e as crianças paravam um instante, persignando-se, e seguiam...” p.169. Tais reações, observadas na atualidade, sobressaem sua importância enquanto símbolo dominante do cristianismo. Câmara Cascudo (2012), em seu dicionário do folclore brasileiro, afirma que a crença no poder desse símbolo estende sua eficácia a coisas que perturbam o cotidiano social, recorrendo-se a este sinal para diversas finalidades, tais como obter livramento de coisas ruins, obter chuva, etc. Marcar sepulturas cristãs e também lugares onde alguém faleceu de morte violenta, seja assassinato ou acidente constitui-se em apenas mais um exemplo dos usos feitos deste objeto.

No contexto da peregrinação à Divina Pastora, esse símbolo recebe atenção especial por parte dos romeiros. Ele fica localizado em uma pequena praça na entrada da cidade, onde dezenas de árvores dão vida a um ambiente de tranquilidade, sombra e frescor propício para o descanso da longa caminhada feita pelos peregrinos. A maioria visita este local antes mesmo de seguirem em direção ao santuário para encontrar a principal homenageada do evento religioso.



Figura 30 Vista aérea da praça do cruzeiro em domingo de peregrinação. Fonte: Acervo pessoal.

Ao deparar-me com este fato observado em campo, comecei a me questionar sobre os significados deste símbolo naquele contexto. O pároco de Divina Pastora, em entrevista concedida no dia sete de fevereiro de 2011, afirmou que há um incentivo para que os devotos paguem suas promessas e realizem seus votos também no cruzeiro. Esse incentivo se dá por uma questão prática, uma vez que seria impossível comportar os milhares de devotos no interior do Santuário. Assim, o cruzeiro seria um ponto de concentração de pessoas que contribuiria para a diminuição do tumulto de peregrinos no Santuário. Uma análise mais atenta pode apontar a existência de outro sentido religioso por trás dessa ação normativa.

No âmbito doutrinário católico há uma ideia de identificação do Cristo crucificado com as pessoas que sofrem. Assim, o símbolo da cruz evoca a lembrança do sacrifício realizado e de toda dor e sofrimento vivenciado por Ele ao entregar sua vida para remissão dos pecados da humanidade. Considerando esses significados, podemos compreender o motivo pelo qual o cruzeiro assume posição de destaque no contexto da peregrinação e a diversidade de atos de fé nela manifestados. Há uma identificação dos que sofrem com o Cristo sofredor, muitos são os peregrinos que depositam ex-votos neste local e ali dedicam boa parte de seu tempo realizando preces em agradecimento às bênçãos concedidas. As pessoas que ali chegam, identificam-se com a mensagem do Cristo crucificado evocada pela cruz, a dor e o sofrimento as motivam a sair em sacrifício na busca da resolução de seus problemas.



Figura 31 Cruzeiro ainda no início da madrugada do domingo, com apenas algumas velas deixadas por devotos. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 32 Romeiros deixando os primeiros ex-votos no cruzeiro ainda no início da madrugada do domingo. Fonte: Acervo pessoal



Figura 33 Romeiros aglomerados em volta do cruzeiro, já repleto de objetos deixados pelos devotos. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 34 Objetos deixados pelos devotos no cruzeiro. Fonte: Acervo pessoal.

No entanto, não é só dor que a presença da cruz remonta naquele ambiente. Em estudo sobre a teologia da cruz, Pereira (2002) trata a respeito do paradoxo manifestado por este símbolo. Para o teólogo, se a crucificação do Cristo tornou a cruz a personificação da própria morte, o evento da ressurreição de Jesus passou a figurá-la como instrumento simbólico de redenção dos pecados da humanidade, ou seja, instrumento de salvação. Assim, além de

morte, sofrimento e sacrifício, a cruz também passou a representar vida e esperança. Esse outro aspecto da representação evocada pela cruz, corrobora ainda mais para a compreensão da atração que o cruzeiro exerce sobre os devotos que a ele se dirigem em dia de peregrinação na cidade de Divina Pastora. As pessoas se identificam com a mensagem evocada pela cruz do Cristo sofredor, mas é a esperança evocada pelo mesmo símbolo que as fazem procurar intercessão divina e estabelecer contratos por meio de votos a sua santa de devoção.

Durante toda a madrugada e todo o dia há uma visitação incessante no cruzeiro, a todo o momento, romeiros exaustos pelo esforço da caminhada e visivelmente emocionados manifestam de forma intensa sua fé. É comum ver peregrinos retirando as mortalhas que vestiram durante toda a caminhada sacrificial para amarrar em sua volta, aos poucos, a simples cruz de madeira vai sendo quase totalmente escondida pelos ex-votos. Naquele local são deixados artigos tais como: maquetes de casas em miniatura, velas, sandálias, fotografias e modelagens em cera ou madeira representando partes do corpo humano afetadas por doenças e que foram curadas, sendo mais comuns pernas, pés e cabeças. Tais artefatos são representações iconográficas do objeto da benção e símbolo de oferecimento pessoal e direto ao santo. Zaluar (1983, p.90)

As milhares de velas acesas ao redor do cruzeiro são deixadas em sinal de agradecimento pelas graças alcançadas, o espaço correspondente a um metro de distância da cruz é tomado pelas chamas. Isso acontece porque esse é o local preferencial para pagamento deste tipo de voto, uma vez que não é permitido acender velas no interior do Santuário⁶¹. A presença de mulheres e crianças colhendo a parafina derretida no chão ameniza os riscos de incêndios e, na medida em que há uma limpeza do local, possibilita que as pessoas continuem queimando suas velas em devoção à Santa.⁶²

É interessante destacar que, para os devotos, o pagamento da promessa está condicionado à completa queima das velas ofertadas, uma vez que, em campo, pude observar

⁶¹ No interior do santuário não é permitido acender velas por questão de segurança e proteção do espaço que é tombado como patrimônio cultural. O calor das chamas destruiria as pinturas da nave central da Igreja e toda a arte, além disso, o risco de incêndio seria grande. Ainda assim, muitos peregrinos optam por depositar suas velas no altar do Santuário como pagamento de votos. Segundo o administrador do local, essas velas são posteriormente encaminhadas a algumas freiras da cidade que derretem a parafina e transformam em velas de 33 cm que são consumidas durante o ano ali mesmo no altar na celebração da Santa Missa e nos momentos de oração.

⁶² Os coletores de parafina são pessoas humildes, moradores da comunidade local que recolhem esse material com fins comerciais. Em entrevista, uma coletora informou que a parafina recolhida recebe um tratamento e depois de limpa é derretida novamente com o intuito de fazer cabaças. Essas cabaças são vendidas a um valor de cinco centavos para outra festa popular que ocorre na cidade alguns meses após a peregrinação. Para os coletores, a festa está totalmente integrada ao seu cotidiano de trabalho. Contraditoriamente ou realisticamente, a festa funciona como palco para uma das cenas mais tristes de nossa sociedade – o trabalho infantil.

que ao acender suas velas alguns romeiros pediam aos coletores de parafina que as deixassem queimar até o fim, antes de recolher o material derretido. Quando alguém recolhia velas ainda inteiras, situações incômodas eram geradas para alguns peregrinos.



Figura 35 Menino próximo ao cruzeiro utilizando água para apagar a chama da parafina e assim poder recolhê-la. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 36 Menina colhendo parafina em volta do cruzeiro. Fonte: Acervo pessoal.

Na mesma praça, próximo ao cruzeiro, há uma pequena fornalha de barro contendo muitas velas e imagens de santos em seu interior. Os devotos se utilizam desse espaço para acender rojões, tipo de fogos de artifício, estourados como cumprimento de votos. Apesar do constante barulho provocado, os peregrinos não demonstram incômodo. Todos os esforços dispensados são atos devocionais; expressões materializadas da fé, daí o profundo respeito que inspiram. Durante todo o dia da grande peregrinação, devotos chegam ao cruzeiro com expressão de sofrimento pelo cansaço causado após a longa caminhada a pé ou de joelhos, lágrimas e gestos denunciam as dores sentidas pelo corpo fragilizado, prontamente amparado por familiares. Não é raro ver pessoas desmaiando por conta da exaustão. Nesse sentido, podemos recorrer à análise de Durkheim, quando ele estabelece um paralelo entre os cultos totêmicos e as religiões mais idealista, a exemplo do cristianismo, sobre a importância da dor em ritos de caráter ascético:

Para os cristão, é sobretudo sobre a alma que ela [a dor] deveria agir: ele a purifica, a enobrece, a espiritualiza. Para o australiano, é sobre o corpo que ela se mostra eficaz; (...) Mas, de ambas as partes, o princípio é o mesmo. Aqui e lá, admite-se que a dor seja geradora de forças excepcionais. (DURKHEIM, 1989, p.381).

Enquanto muitos fiéis tentam vencer a multidão em volta do cruzeiro para acender velas, outros claramente emocionados apenas se ajoelham o mais próximo que conseguem, concentrando-se em uma prece tão introspectiva que, apesar da grande aglomeração de pessoas ao seu redor, aparentam não perceber a multidão que pacientemente disputa consigo aquele espaço. Embora realizada em espaço público, em meio a milhares de pessoas, o devoto submerge em sua individualidade no momento de proferir a prece, alcançando um completo estado de solidão, neste momento ele adentra em um domínio onde pode livremente conversar com Deus, (Mauss, 1979), expondo suas dores, realizando seus pedidos e agradecendo os votos alcançados.



Figura 37 Devoto chegando ao cruzeiro na madrugada do domingo, amparado por familiar, após peregrinar de joelhos. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 38 Devota realizando prece alguns metros à frente do cruzeiro. Fonte: Acervo pessoal.

Além das manifestações devocionais realizadas no cruzeiro, há outro acontecimento que atrai muitos devotos para a referida localidade; trata-se da presença temporária da imagem peregrina, existente no altar do Santuário⁶³. Devido ao fato de a praça do cruzeiro ser o primeiro ponto de visitação e de repouso para muitos romeiros, a imagem peregrina passou

⁶³ A imagem peregrina é uma réplica da escultura original da Nossa Senhora Divina Pastora que fica exposta no altar do Santuário. Somente a réplica da imagem pode ser retirada da igreja e exposta diretamente ao público. Por se tratar de uma obra de arte antiga, a imagem original requer cuidados para que se mantenha preservada, por isso fica envolta por um nicho de vidro, longe do alcance das pessoas. Sendo permitida apenas a sua visualização.

a ser enviada para lá, sua presença recepcionando os devotos tornou-se tradição e já dura quarenta anos⁶⁴.

Na manhã do domingo, a réplica é enviada à paróquia Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Riachuelo, onde ocorrem várias homilias durante todo o dia. Após a missa de envio de peregrinos, realizada pelo Bispo Auxiliar Dom Henrique Soares da Costa, a imagem segue em peregrinação acompanhada por milhares de devotos e, chegando a Divina Pastora, exatamente na praça onde se localiza o cruzeiro, é exposta sob um andor, abaixo de uma das árvores existentes. Nesse momento, o mito da aparição da santa é reatualizado por meio do rito e funciona como um instrumento de renovação das crenças, valores e poderes a ela associados.

Assim, além de pagar seus votos e realizar suas preces no cruzeiro, muitos peregrinos ficam aguardando a chegada da imagem peregrina e esse é um dos momentos mais efusivos que se pode visualizar durante o evento. Trata-se da concretização de uma expectativa criada pelo devoto, que durante todo o ano aguarda pacientemente para encontrar com aquela que os protege e socorre nos momentos de aflição, mas esse não é um encontro qualquer, pois constitui-se em um raro momento extra-cotidiano, onde é possível não apenas ver a Virgem idolatrada, mas também tocá-la, venerá-la de maneira pessoal e direta. A chegada da imagem na praça do cruzeiro causa tumulto entre os devotos, enquanto os organizadores do evento buscam acomodá-la abaixo de uma das árvores ali existentes, a multidão segue seus passos aglomerando-se em torno da mesma, todos buscam tocá-la. Objetos diversos como: celulares, câmeras fotográficas, chapéus de palha, bonés, fitinhas, carteiras de trabalho, correntinhas com adereços religiosos, fotografias, pequenas réplicas da imagem de santos, etc. são aproximados da Virgem, a fim de se obter algum tipo de bênção. É possível perceber, até mesmo, pais entregando suas crianças para serem tocadas na Santa.

Diante disso, é possível afirmar, que a exposição da imagem peregrina de Nossa Senhora Divina Pastora constitui-se em um caso de hierofonia, ou seja, um ato de manifestação do sagrado (Eliade, 1992). Sua presença na praça faz com que haja uma quebra no espaço profano antes ocupado pelos romeiros, revestindo-o de uma sacralidade que permite a manifestação do sagrado naquele ambiente. Naquele contexto, o sagrado se manifesta, a imagem se torna mais do que uma simples réplica da santa esculpida em barro, ela é antes a representação da divindade. Um estudo realizado por Maués (1995), a fim de

⁶⁴ Somente no ano de 2011 a imagem peregrina não saiu da cidade de Divina Pastora e não foi exposta na praça do cruzeiro, por conta de conflitos já relatados neste trabalho.

compreender as concepções populares sobre os santos, entre os praticantes do catolicismo e da pajelança cabocla das populações rurais em uma região da Amazônia, corrobora com esse pressuposto. Tal pesquisa levou o autor a concluir que as pessoas não confundiam os santos com suas imagens ou representações materiais. Segundo o mesmo, apesar de acreditar que as imagens possuem poderes de origem divina, elas criam que os “verdadeiros” santos estão no céu e que suas imagens foram “deixadas por Deus na terra” como suas “semelhanças”.

Os devotos de Divina Pastora possuem consciência de que a imagem ali exposta nada mais é do que uma escultura cunhada em barro, sendo assim, não é pela imagem em si que eles se sacrificam; é a força de sua representatividade que os motivam a partir em seu encontro. Ela representa a divindade, o sagrado imanente, o sobrenatural e por isso desejam tocá-la.



Figura 39 Imagem peregrina chegando à praça do cruzeiro acompanhada por devotos e cardeais. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 40 Imagem peregrina sendo conduzida para baixo de uma árvore, onde ficará exposta por algumas horas. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 41 Imagem peregrina rodeada por devotos que, neste momento, tentam se aproximar para tocá-la. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 42 Devoto aproximando uma criança para tocar na imagem peregrina. Fonte: Acervo pessoal.

Por volta das 14 horas a imagem é retirada da praça do cruzeiro e levada para participar da última missa campal do dia, presidida pelo Arcebispo da Arquidiocese de Aracaju Dom José Palmeira Lessa. A multidão segue em procissão, disputando o local mais próximo ao andor, sob o qual está a imagem da Santa. No trajeto é possível ver fiéis emocionados, se esforçando ao máximo para conseguir tocá-la, muitos pegam as flores que ornamentam o andor com o intuito de levar para casa e assim seguem até chegar ao centro da cidade.

Já próximo ao santuário depositam a imagem abaixo de um toldo, localizado ao lado do palco onde ocorrerá a missa campal de encerramento da peregrinação. Neste local a movimentação em torno da imagem continua incessante, chegando inclusive a dividir atenção dos fiéis com a homilia proferida pelo Arcebispo, pois enquanto muitos acompanham a missa de encerramento do evento, o trânsito de pessoas que se aproximam da imagem, bem ao lado do palco, sempre ansiosos por tocá-la, mantém-se intenso.



Figura 43 Devotos tentando tocar na réplica da Virgem Pastora, localizada ao lado do palco. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 44 Imagem da réplica de Nossa Senhora Divina Pastora. Fonte: Acervo pessoal.

Pessoas aproximam chapéus de palha, bonés, objetos de cunho religiosos como terços e pequenas réplicas da padroeira, amarram fita, estendem suas crianças ou simplesmente tocam nela, repetindo as ações observadas também no cruzeiro. Tais comportamentos colocam em jogo o caráter contagioso do sagrado postulado por Durkheim (1989), para ele as forças religiosas são móveis, podendo se expandir dos pontos onde estão fixadas para atingir tudo que esteja ao seu alcance “o contato mais superficial ou mais imediato, basta para que ele

[o sagrado] se propague de um objeto a outro” (p.384). Nesse sentido as ligações simpáticas características da magia estariam igualmente na base das forças religiosas, já que na perspectiva evolucionista de Durkheim as forças mágicas foram concebidas a partir das forças religiosas. Porém, a complexidade do fenômeno religioso nos conduz a um entendimento mais amplo desta questão e faz reverberar as palavras de Levi-Strauss, quando afirma: “não existe religião sem magia, nem magia que não contenha ao menos um grão de religião”. (1989, p.247).

As ações praticadas por romeiros em momentos rituais demonstram claramente a manifestação de elementos mágico-religiosos. Durante todo o dia de observação em campo, presenciei manifestações devocionais diversas, a multiplicidade de momentos rituais no evento analisado tornaram ainda mais ricas a percepção de todo o simbolismo imanente naquele contexto em ação.

Em uma ocasião durante a observação do ritual de adoração ao Santíssimo Sacramento, exposto na tenda de adoração, ao fundo do Santuário, presenciei uma senhora recolhendo as flores que ornamentavam a mesa onde se encontrava exposto o Ostensório com o Santíssimo; ao questioná-la sobre o motivo que a fazia levar aquelas flores para casa, ela respondeu que fazia um chá para dar a seu genro que era alcoólatra, acreditando assim, que ele seria curado por conta do poder miraculoso do citado chá. A seguir, exponho o pensamento da devota através de suas próprias palavras.

“Eu tava ali sentada, aí veio assim no sentido que era pra eu levar pra fazer um chá. Nunca fiz, mas vou agora! Tocou meu coração, aí eu vou levando, né! Vou deixar secar e fazer um chazinho pra um genro que eu tenho que bebe. Sabe onde ele tava? Nos pés do Santíssimo Sacramento. Jesus tem poder pra tudo né, ele não curou um cego, não fez o barro, fez o barro, né e não botou, então pode curar também, né, aqui tava nós pés dele, ele pode operar maravilhas naquele que crê né!”⁶⁵“.

Ao observar o ritual de adoração à imagem peregrina de Divina Pastora, exposta ao lado do palco, onde os romeiros disputavam o espaço para tocar na Virgem, percebi que muitos aproveitavam a oportunidade para também pegar flores que ornamentavam o andor. Questionando uma romeira sobre tal atitude naquele contexto, também soube que o propósito reservado às flores seria a realização de chás, com vistas ao consumo, na busca do bem-estar físico. Segue a transcrição da entrevista realizada:

⁶⁵ Entrevista concedida no dia 16 de outubro de 2011.

“Essas flores eu peguei agora. Eu faço chá, eu bebo porque eu me sinto bem. Essa eu coloco nos pés da minha Divina Pastora que eu tenho em casa (se referindo a flores artificiais). Essa daqui tava lá também (se referindo as flores naturais), eu tiro dos pés dela e faço chá pra tomar. Faz bem à saúde, com certeza faz minha filha, quem é devota de Divina Pastora tem todas as graças da vida”⁶⁶.

Outras ações devocionais puderam ser observadas no contexto da romaria. Durante todo o dia de estadia no Santuário de Divina Pastora, os fiéis deixaram velas no altar da Igreja, além de terem pedido para aproximar objetos como réplicas em miniatura da santa, fitinhas, fotografias, etc., simplesmente para levarem de volta para casa. Eles creem que ao tocar na imagem, tais objetos são abençoados, e assim prorrogam a experiência vivenciada no Santuário ao levá-los para casa. Weber (2004, p.292) não descarta a possibilidade da existência da magia nas intermitências da religião, mesmo que essa religião possua deuses com poderes “suprassensíveis” às necessidades dos fiéis, porque a magia, de um modo geral, também propicia certa segurança àquele que a ela recorre.

3.2 A Tenda de Adoração

Em situações normais, o santuário é um local de silêncio, onde os devotos podem se refugiar para realizar suas orações, no entanto em dia de peregrinação o ambiente silencioso se modifica radicalmente. Devido ao intenso trânsito de pessoas, se torna difícil manter-se por muito tempo neste recinto, em sua visita o romeiro precisa ser breve, para que assim outros devotos possam também aproximar-se da anfitriã do evento.

Com a presença de milhares de peregrinos em um movimento contínuo de entrada e saída do santuário, é inevitável que haja muitos ruídos e alguma desordem, o que acaba naturalmente dificultando o prolongamento da estadia do devoto neste lugar. Pensando nisso, o padre predecessor do atual pároco teve a ideia de criar um espaço alternativo, no qual os devotos pudessem ter um pouco mais de conforto e tranquilidade para realizar suas preces em dia de peregrinação. Assim surgiu a Tenda de Adoração, uma estrutura de instalações simples disposta ao fundo do Santuário, na qual se expõe o Santíssimo Sacramento para adoração⁶⁷. A

⁶⁶ Entrevista concedida no dia 16 de outubro de 2011.

⁶⁷ Na doutrina católica, a eucaristia é um dos sete sacramentos instituído pelo próprio Jesus Cristo. Os católicos acreditam que na celebração do ritual da eucaristia, no qual o sacerdote faz a encenação da ação realizada por Jesus na última ceia, proferindo as seguintes palavras: Jesus pegou o pão em suas mãos, deu graças e disse aos Seus discípulos: "Este é o meu corpo que será entregue a vós". Do mesmo modo, ao fim da ceia, Ele pegou o

Tenda foi montada pela primeira vez no ano de 2008 e obteve ampla aceitação da comunidade religiosa e nos anos posteriores a experiência continuou sendo repetida⁶⁸. A estrutura é montada ainda no sábado, mas é por volta das 8:30h da manhã do domingo que o Santíssimo é exposto para adoração, logo após o término da primeira missa celebrada pelo Padre Helelon Bezerra dos Anjos e fica ali até as 14:30, quando é recolhido.

Há uma programação estabelecida para o período em que o Santíssimo fica exposto na Tenda. Durante esse tempo, grupos paroquianos como Legião de Maria e a Mãe Rainha se revezam em turnos de uma hora dirigindo orações e animando os presentes com músicas religiosas. Após o término da hora de adoração, presume-se que outros devotos ocuparão aquele espaço, e assim serão reiniciadas as orações e cantorias. No interior da Tenda de Adoração há alguns bancos de madeira, sendo que à frente avista-se o Santíssimo exposto no ostensório⁶⁹, em cima de uma mesa decorada com pequenas flores naturais.

A todo instante romeiros adentram neste espaço e se ajoelham diante do Santíssimo, fazendo preces tão fervorosas quanto às realizadas diante da homenageada do evento, a Virgem Campesina. É possível perceber que muitos aproveitam para descansar, permanecendo horas ali sentados, mesmo após a retirada do Santíssimo. Apesar da presença de milhares de pessoas ocupando todos os arredores da cidade, a Tenda de Adoração realmente consegue manter-se um pouco mais isolada do tumulto, propiciando maior tranquilidade aos que se refugiam dos pontos mais agitados.

cálice em suas mãos, levantou ao alto e disse aos seus discípulos: "este é o meu sangue, o sangue da vida que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados", ocorre o fenômeno da transubstanciação do pão e do vinho, momento no qual os dois alimentos passam a representar o próprio corpo e sangue de Cristo, sem, no entanto ter aparência e gosto modificados. Durante a missa, o sacerdote consagra duas hóstias: uma é consumida e a outra apresentada aos fiéis para adoração. Essa hóstia permanece no meio da comunidade, como sinal da presença de Cristo. Assim, o Santíssimo representa o próprio Cristo presente em espírito santo, por isto adorá-lo significa reverenciar ao próprio Deus.

⁶⁸ Em entrevista concedida no dia 07 de fevereiro de 2013, o atual pároco afirmou haver a intenção de se montar mais duas Tendras de Adoração em pontos distintos da cidade em dia de peregrinação. Uma no povoado Bomfim e outra na praça do cruzeiro.

⁶⁹ Utensílio litúrgico destinado às procissões e à exposição do Santíssimo Sacramento, constituído por um opérculo onde se coloca a hóstia consagrada, apoiado sobre um pé.



Figura 45 Vista da tenda de adoração, localizada ao fundo do Santuário. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 46 Santíssimo exposto no ostensório. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 47 Devotos descansando no interior da Tenda de Adoração. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 48 Vista interna da Tenda de Adoração, já sem o Santíssimo. Fonte: Acervo pessoal.

A observação de tal espaço e o objetivo ao qual se propunha me fez questionar com que propósito tal ritual caberia naquele contexto. Uma vez que a peregrinação constitui-se em uma celebração na qual a principal homenageada é a Virgem Maria sob a invocação de Nossa Senhora Divina Pastora, por que motivo se criou um espaço de destaque no evento com acomodações próprias para a exposição e adoração ao Santíssimo Sacramento, que nada mais

é do que a personificação do corpo de Cristo ali presente? Essa passou a ser uma questão de fundamento religioso.

No âmbito do cristianismo, Jesus Cristo é a figura central, Ele é a encarnação do verbo Divino, verdadeiro Deus. A doutrina católica professa que a salvação do homem deve-se, para além da graça divina, ao voluntário Sacrifício e Paixão de Jesus na cruz. Portanto Deus é o único a quem os crentes devem adorar. Assim, doutrinariamente, seria inadequada a adoração a Maria. Essa é a questão criadora de um paradoxo que por muito tempo suscitou polêmicas no interior da Igreja Católica.

A proclamação do dogma da maternidade divina de Maria no Concílio de Éfeso em 431 impulsionou o desenvolvimento do culto mariano (Silva, 2006). Mais de dois mil títulos dão uma ideia do tamanho de sua devoção. Alguns nomes têm origem litúrgica, outros em lugares onde o culto se iniciou, outros ainda são atribuídos a determinados momentos (como N. S. do Bom Parto, da Boa Viagem, entre outros). A Virgem considerada como a mais importante entre todos os santos, por sua posição especial como intercessora de todos os pecadores no dia do Juízo Final, recebeu o título de advogada e auxiliadora dos cristãos. Abaixo de Jesus Cristo é o nome mais evocado na Religiosidade Popular.

No entanto, a crescente devoção atribuída a Maria nunca foi alvo de consenso entre os teólogos e filósofos da Igreja. Apenas no Concílio Vaticano II a Virgem teve seu lugar especial de Mãe de Deus, sublinhado na liturgia da Igreja. O padre Dom José Luciano Cabral Duarte, quando esteve em missão, cobrindo como representante do jornal o Cruzeiro, o Concílio Vaticano II, resumiu a questão, em uma de suas reportagens, da seguinte maneira:

O cerne da devoção a Maria, na Igreja Católica, se enraíza numa verdade dogmática: Maria é a Mãe de Deus, a “Theotokos”, como proclamou o concílio de Éfeso. (...) A expressão “Mãe de Deus”, aplicada a Nossa Senhora, tem um sentido preciso: Maria não é a Mãe de Deus, no sentido de ser a Mãe da Santíssima Trindade. Nesta perspectiva, ela é a filha e a criatura de Deus, e uma distância infinita se estende entre os dois termos da comparação. Mas, porque foi em Maria que o Verbo de Deus, o Filho do Pai celeste, se fez carne, Maria é a Mãe de Jesus. E como Jesus é Deus, ela pode ser dita, ela deve ser dita, neste sentido exato e limitado, Mãe de Deus. (...) Quando se fala em Maria, duas dimensões devem ser guardadas: sua ligação única, pessoal, corporal com Deus e sua distância infinita para com aquele que a criou. O Concílio, no texto aprovado sobre Maria, evitou a palavra “Corredentora”. Mas, empregou a palavra “Medianeira”, ajuntando imediatamente que esse termo é aplicado a Maria num sentido diverso daquele que é dado a Jesus, e em nada toca ou diminui a única e essencial mediação de Cristo, de que São Paulo fala tão claramente. (DUARTE, 1999. p.227).

Partindo do que foi acima exposto, compreende-se que no âmbito do culto mariano propagado pelo catolicismo oficial, a veneração dos fiéis para com Maria, embora superior ao

culto dirigido aos outros Santos, é inferior ao culto de adoração reservado a Deus. No entanto, entre os dois cultos há uma continuidade, uma vez que o sentimento que une os cristãos à Virgem representa no plano espiritual o afeto dos filhos para com a mãe. Estando os crentes autorizados a prestar a devida honra a Maria, que conduz à adoração da Santíssima Trindade.

A Virgem é posta como medianeira e o culto mariano, por sua vez, é destinado a promover a adesão fiel a Cristo. Em entrevista concedida no dia 07 de fevereiro de 2013, o pároco de Divina Pastora esclareceu a questão com uma frase bem simples: “Embora a peregrinação seja em devoção a ela, Nossa Senhora é a seta, ela não é a meta. A meta é Jesus Cristo”. Para ele, a Tenda de Adoração não seria um espaço paralelo com objetivo de desviar a atenção dos devotos para com sua principal homenageada, mas ao contrário, um espaço que vem a se somar ao evento. Ao favorecer momentos de adoração ao Santíssimo Sacramento na Tenda de Adoração, a igreja estaria auxiliando os devotos a compreender um de seus fundamentos.

A igreja preocupa-se em não consentir que os devotos achem que peregrinaram até o santuário para adorar a Maria, pois para essa instituição Maria se venera como santa e somente Jesus se adora, porque Ele é Deus e só a este é permitido adorar⁷⁰. Nesse sentido o culto ao Santíssimo Sacramento no espaço da Tenda de Adoração atende aos fundamentos do catolicismo oficial, evitando que a adoração a Maria suplante a figura de Jesus. Assim a peregrinação passa a ser um momento de devoção e culto a Maria, mas ao mesmo tempo um espaço para afirmação da sua condição de medianeira.

3.3 O Santuário

A Igreja Matriz Nossa Senhora Divina Pastora está localizada na parte mais alta do centro da cidade. Sem dúvida, ainda é o local mais visitado pelos devotos em dia de peregrinação. Dentre a vasta programação elaborada para o evento religioso, vários momentos são destinados a ocorrer neste espaço, a exemplo de algumas missas e confissões. Para que as pessoas possam se deslocar mais facilmente neste dia, todos os assentos são retirados de seu interior e, além da entrada principal, todas as portas laterais são abertas⁷¹.

⁷⁰ É importante ressaltar que a Tenda de Adoração só acontece na peregrinação porque a igreja não é mais um ambiente que proporcione silêncio, mas a adoração ao Santíssimo Sacramento acontece no santuário de Divina Pastora todas as quintas-feiras. Inclusive esta é uma recomendação do Vaticano e dos Bispos.

⁷¹ É interessante destacar que, diferente do que ocorre no domingo, quando há o isolamento da entrada que dá acesso ao altar onde se encontra a imagem da Santa, durante todo o sábado os devotos podiam se deslocar

Ainda no sábado, dia em que ocorre a abertura oficial da peregrinação, as atividades no interior do santuário começam a ser intensificadas. A partir das 15 horas o local é aberto para confissões e visitação dos devotos, sendo fechado apenas às 23 horas. Nas primeiras horas da manhã do domingo, precisamente às 5 horas da manhã, o Santuário é reaberto para realização de mais confissões e da primeira missa do dia. As missas posteriores são realizadas no palco montado na área externa da Igreja, que durante o dia não tem como comportar tantos romeiros em seu interior.

Em horários mais críticos, o número de visitantes é tão grande que os devotos precisam aguardar pacientemente, enfrentando uma longa fila até conseguir se aproximar do altar, mas isso parece ser o mínimo depois de tudo que os fiéis enfrentaram até chegar ali. Ao adentrar no santuário, as ações devocionais manifestadas são diversas; como pagamento de votos muitos romeiros rastejam de joelhos até conseguir se aproximar de sua padroeira e realizar suas preces, outros claramente comovidos, vão se acomodando no interior da Igreja como conseguem, tentando se aproximar o máximo que podem do altar onde se encontra a santa. Intermediando o fluxo de acesso à Virgem Campesina se encontram integrantes da equipe de colaboração do Santuário.



Figura 49 Vista aérea do Santuário. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 50 Vista do palco montado para realização da missa campal e de shows religiosos. Fonte: Acervo pessoal.

livremente, tocando na proteção de vidro que envolve a imagem no altar e depositando objetos como pagamento de votos. Muitos aproveitavam também para tirar fotografia ao lado da Virgem. Também não havia a presença de voluntários intermediando o contato entre o fiel e a Santa. Creio que tal isolamento não ocorreu no sábado porque o número de transeuntes no interior do santuário ainda é pequeno se comparado ao número de visitantes que chegam ao santuário no domingo.



Figura 51 Romeiros vistos do altar do Santuário, tentando se aproximar da Virgem. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 52 Integrantes da equipe de colaboração do Santuário aproximando do altar objetos entregues pelos romeiros e, em seguida, devolvendo aos mesmos. Fonte: Acervo pessoal.

Visivelmente emocionados, muitos estendem ansiosos, objetos diversos aos intermediadores para serem deixados aos pés da Virgem, outros apenas pedem que os itens entregues sejam tocados na imagem e posteriormente devolvidos. São celulares, carteiras de trabalho, fotografias, flores, mortalhas, chinelos, fitinhas, cartas, máquinas fotográficas, chaves, etc. Esse, sem dúvida, é o momento mais aguardado por todos que até ali peregrinam. A visita ao Santuário se mantém constante até o fim do evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como ocorre em outros centros de peregrinação do país, na cidade de Divina Pastora as ações de fé se desenvolvem em torno da santa de devoção. É nela que os peregrinos depositam sua confiança, realizando seus votos e se sacrificando ao partir em caminhada com os mais diversos propósitos. Sua imagem constitui-se em um dos símbolos dominantes que se destaca no contexto do evento e, a esta, são atrelados vários significados. Ao mesmo tempo em que é mãe, Divina Pastora é protetora e intercessora; cabe a Ela mediar a comunicação entre os devotos e as divindades superiores.

O que caracteriza a referida peregrinação é, justamente, a caminhada com cerca de nove quilômetros, realizada pela maioria dos romeiros que partem da cidade vizinha, Riachuelo. Um trajeto consideravelmente curto, se comparado a outras romarias ocorridas em diferentes estados brasileiros, nas quais os devotos chegam a passar dias na estrada até alcançar o destino final. O fato de ter sido principiada por iniciativa de um representante da Igreja, o Padre Luciano José Cabral Duarte, fundamentada, portanto sob os preceitos religiosos da ortodoxia católica, é um elemento que lhe diferencia frente a outros centros peregrinatórios, que geralmente surgem por iniciativa popular, motivadas por manifestações místicas ou aparições milagrosas. Divina Pastora é um santuário mariano como muitos outros existentes no Brasil, mas é o único sob esta invocação.

A análise das várias formas e sentidos de peregrinar permitiu compreender as representações e motivações dos romeiros que se dirigem ao santuário, revelando o caráter multifacetado de um fenômeno que, em análise superficial, pode aparentar ser vivido de forma similar por todos os devotos, quando na realidade assume um sentido particular para cada um deles. A maioria dos peregrinos que se dirige para lá, considera a caminhada uma ação de fundamental importância para o alcance dos votos realizados. Muitos se sacrificam partindo em marcha desde seus locais de origem, outros ainda seguem de joelhos, pés descalços ou tipicamente caracterizados com adereços referentes à santa. A estes, atribui-se maior status devocional; reconhecimento dado pelos demais visitantes do santuário.

Foram inúmeras as motivações expressadas ao partir em marcha ao encontro da Virgem Campesina; a análise das entrevistas e a observação das ações dos devotos nos espaços de celebração permitiram compreender muitos dos atos sacrificiais observados em campo. Durante a caminhada, alguns peregrinos manifestaram o desejo de passar por

transformações íntimas e de obter curas milagrosas e colocaram a realização e pagamento de promessa como condição fundamental para o alcance de seu propósito. Ao realizar promessas, os devotos estabeleciam uma relação de reciprocidade com a santa, renovando sua fé.

A observação de alguns dos principais espaços ritualísticos que integram o circuito religioso instituído pela diocese, a exemplo do cruzeiro, santuário e tenda de adoração, permitiu captar as crenças, representações, ideias e valores dos peregrinos manifestados através de ações devocionais de natureza diversificada. Os atos praticados pelos romeiros em torno do cruzeiro foram alguns dos que mais chamaram atenção. Esse símbolo dominante esteve presente em vários rituais, evocando múltiplos significados. Ao se aproximar deste, devotos visivelmente emocionados expressavam sentimentos de dor, sofrimento, gratidão e esperança. Acendendo velas, realizando preces, ajoelhando-se, depositando ex-votos ou queimando fogos em cumprimento de promessas realizadas, os romeiros seguiam prestando suas homenagens à Virgem durante todo o dia. Ao mesmo tempo em que tais ações comunicavam em silêncio objetivos e intenções, também justificavam o sacrifício a que o romeiro fora submetido.

A Tenda de Adoração emergiu em meio ao evento como mais um dos mecanismos utilizados pelos representantes clericais para reafirmar os dogmas propagados pelo catolicismo oficial. Ao incentivar a adoração ao Santíssimo Sacramento, evitava-se que a adoração a Nossa Senhora Divina Pastora suplantasse a figura de Jesus, afirmando sua condição de medianeira. Apesar de este espaço ter ocupado um ponto privilegiado no contexto do evento, estando ao fundo da Igreja Matriz, como se fosse mesmo sua extensão, e de atrair muitos romeiros que se dirigiam ao local para realizar suas orações, a Virgem não deixou de ter a atenção especial dos devotos. A todo o momento o fluxo incessante que se estabelecia no interior do Santuário comprovava a atração que a mesma exercia sobre os romeiros.

Conflitos decorrentes de ações instituídas pelo pároco local ao tentar reorganizar os espaços da festa e inserir novos rituais com caráter doutrinário revelou a presença do conhecido embate entre catolicismo oficial e catolicismo popular, também evidenciado em outros centros de peregrinação estudados por autores como Aquino (2007), Menezes (1996) e Steil (1996). As ações normativas alteraram a estrutura do evento que passou a contar com um número limitado de pontos comerciais credenciados e teve o apoio de instituições jurídicas para restringir a venda de bebidas alcoólicas no território do Santuário e adjacências em dia de peregrinação. Apesar do relativo êxito no campo organizacional, a incidência dessa normatividade sobre as ações devocionais dos romeiros surtiram menos efeito, a aparente

adesão dos devotos aos novos espaços rituais criados pela Igreja, a exemplo da Tenda de Adoração e peregrinação do povo pastoreense não impediu a visualização de ações devocionais de caráter mágico-religiosas manifestadas no interior desses mesmos espaços estabelecidos com propósito doutrinário. Além disso, algumas dessas mudanças se tornaram insustentáveis nos anos posteriores, especialmente a que se tratava da restrição de venda de bebidas alcoólicas.

Sendo um fenômeno de natureza essencialmente social, a peregrinação é um acontecimento vivo, e por isto se encontra em constante movimento. Desde as primeiras caminhadas empreendidas pelos membros da Juventude Universitária Católica, o evento religioso passou por diversas mudanças, tanto em sua estrutura organizacional quanto nos aspectos devocionais manifestados pelos peregrinos. Essas mudanças não cessaram e creio que jamais cessarão, pois são motrizes dinâmicas que possibilitam a reatualização dos mitos e permitem sua continuidade no decorrer do tempo.

A elevação da paróquia a Santuário Diocesano, ocorrida somente no dia 14 de outubro de 2012, apesar de já ser reconhecida assim pelos devotos desde a primeira peregrinação, trouxe outras perspectivas para o direcionamento que o evento religioso irá seguir nos próximos anos. Espera-se que o número de peregrinos aumente após este título, e por isto estão sendo pensadas novas modificações em nível de estrutura, para melhor comportar os visitantes. A Igreja tem se posicionado em suas tentativas de normatização inserindo espaços de celebrações rituais condizentes com seus propósitos doutrinários. A peregrinação do povo pastoreense e a criação da Tenda de Adoração são exemplos claros dessas ações, que a cada dia vão sendo aperfeiçoadas. A intenção de inserir mais duas tendas de adoração, sendo uma no povoado Bomfim e outra na praça do cruzeiro, é demonstrativa disto.

Inovação no modo de divulgação da peregrinação também tem sido observada. No contexto social de um mundo globalizado, em que se tem cada vez mais acesso às tecnologias de informação e comunicação, especialmente o computador com acesso à internet tem sido recurso de fundamental importância utilizado pela Igreja para se aproximar das camadas mais jovens da população. Além de comunicados enviados às paróquias do Estado e propagandas locais realizadas por meio de rádio, a peregrinação tem sido divulgada através de páginas da internet. O site da Arquidiocese de Aracaju veicula nota informativa à comunidade católica sobre o dia de realização do evento, que também consta em seu calendário religioso. Além disso, o santuário Nossa Senhora Divina Pastora conta com um website e com uma página da rede social facebook, dedicado especialmente à veiculação de informações sobre a

peregrinação. O marketing religioso tem ocorrido com o intuito também, de atrair novos adeptos.

Podendo ser classificada como um fenômeno social total, (Mauss, 2003) a peregrinação pode ser estudada em sua multiplicidade de relações e determinações. O presente estudo etnográfico buscou apenas compreender algumas dessas diversas expressões, mais precisamente as que se referiam aos aspectos simbólicos e ritualísticos, sem a pretensão de obter respostas para todas as indagações. O simples fato de ser uma prática relativamente antiga, existente em sociedades arcaicas como civilizações da Meso-América e da Europa pré-cristã (Turner, 2008), mas que se reatualiza no decorrer dos anos, é revelador de sua complexidade.

A escassez de pesquisas especificamente sobre a peregrinação a Divina Pastora, ao mesmo tempo em que foi um fator motivador para que eu me dispusesse a estudar o fenômeno, tornou o empreendimento mais árduo. No entanto, as limitações encontradas no decorrer da pesquisa foram sendo amenizadas em campo, na medida em que encontrava pessoas dispostas a prestar seus relatos sobre a experiência vivida na referida peregrinação. Assim, o presente estudo, se apresenta com a modesta intenção de contribuir para suprir essa carência de abordagem especialmente antropológica sobre este evento que é hoje o que possui mais notoriedade no Estado. Futuras pesquisas poderão colaborar para o esclarecimento de tantos outros aspectos possíveis de serem explorados nesse fenômeno que é rico em significados.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **A trindade**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção: patrística)
- AQUINO, Valéria Leite de. **Peregrinos do pai eterno: os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade – GO**. Dissertação (Mestrado Sociologia e Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- BEDOYERE, Quentin de la. **Nova enciclopedia catolica; o ensinamento doutrinário da Igreja**. Rio de Janeiro, RJ: Renes, 1969.
- BRANDÃO, C.R. **A Cultura na Rua**. Campinas: Papyrus, 1989.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12^a ed. São Paulo: Global, 2012.
- CANCLINE, N.G. **As Culturas Populares no Capitalismo**. Trad. De CNP. Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DUARTE, Mos. Luciano. **Concílio Vaticano II: Os Novos Caminhos da Cristandade**. Aracaju: Gráfica J. Andrade Ltda. 1999. P.227-228.
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália** – São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ELIADE, Mircea. Quando o sagrado se manifesta. In: **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares**, São Paulo, Brasiliense, 1982.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. 3ed. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LIMA, Carmem Barreto. **Divina Pastora, Sergipe: uma alternativa de intervenção.** Salvador, 1997. 147 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). UFBA

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Os Santos e o Catolicismo Popular.** In: Padres, Pajés Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico. Belém: Cejud, 1995.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Ensaio sobre a natureza e a função do Sacrifício (1899)”. In: **Ensaio de Sociologia.** 2ed, São Paulo: Perspectiva, 2001, p.141-227.

_____. Esboço de uma teoria geral da magia. In: **Sociologia e Antropologia.** São Paulo, Cosac Naify, 2003, p.49-181.

_____. **Sociologia e Antropologia,** São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

_____. A Prece (1909). In: **Mauss: Antropologia.** São Paulo: Ática, 1979. Coleção Grandes Cientistas Sociais. p.102-146.

MEGALE, Nilza Botelho. Nossa Senhora, A Divina Pastora. In: **Invocações da Virgem Maria no Brasil. Petrópolis:** Vozes, 2001. P.184-187

MENEZES, Renata de Castro. **Devoção, diversão e poder: um estudo antropológico sobre a festa da penha.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

MILNER, Paulinus. **Nova enciclopedia catolica; a liturgia da Igreja.** Rio de Janeiro, RJ: Renes, 1969.

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e tradições populares do Brasil (1843-1919).** Brasília: Senado Federal, 2002.

MORAIS, Gizelda. **Dom Luciano José Cabral Duarte: Relato biográfico** – Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial II.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PEREIRA, José Carlos. **O paradoxo da cruz: o diabólico e o simbólico; um estudo da teologia da cruz.** São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

SAMANES, Cassiano Floristán; Tamayo-Acosta, Juan-José. **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo, SP: Paulus, 1999.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo: as romarias portuguesas**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **A Marcha Sagrada: A Peregrinação ao Santuário de Divina Pastora-Se**. Aracaju, 2008. 91f. TCC (Especialização em Ciências da Religião). UFS.

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças. **Conhecimento geográfico e peregrinações: contributo para uma abordagem teórica**. In: ROSENDHAL, Z. (Org.). *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas. Ação simbólica na sociedade humana**. Niterói, EDUFF, 2008.

_____. **Floresta de Símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

_____. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade, vol. 1**, Brasília e São Paulo, UnB & Imprensa Oficial, 2004, p. 292.

ZALUAR, Alba. **Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

Webgrafia

NOGUEIRA, Paulo Cesar Giordano. **A literatura odepórica e a peregrinação jacobea: um estudo sobre a espiritualidade nos relatos de viagem dos peregrinos brasileiros no Caminho de Santiago**. São Paulo, 2008. p1-293. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7107> acesso em 5/10/2010.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e Romaria: um lugar para o turismo religioso. **Revista Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n.8, p. 85-97, outubro de 2006. Disponível em < <http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2294/998>) acesso em 8/10/2010.

SILVA, Rui Alberto. **O tempo dos tempos de Maria: Hipóteses sobre o “Paradoxo Mariano”**. 2006. disponível em <<http://br.monografias.com/trabalhos/paradoxo-mariano/paradoxo-mariano.shtml>> Acesso em 25 de agosto de 2012.

Obras Consultadas

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O Carnaval Devoto: Um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém**. – Petrópolis, 1980.

BERGER, Peter L. O dossel sagrado. **Elementos para uma teoria sociológica da religião**. 2a ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CARDOSO, Flor-de-Lis Dantas e. **Uma análise Estética e Iconográfica dos forros da Igreja Matriz Nossa Senhora Divina Pastora**. São Cristóvão, 2008. 86f. Monografia (Especialização em Artes Visuais). UFS CECH, DAC.

COX, Harvey. **Cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. 5ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DUVIGNAUD, Jean. **O espaço necessário ao homem**. In: Festas e Civilizações. Edição universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

FREIRE, Edivânia. Divina Pastora: dos engenhos à peregrinação. In: **História dos Municípios**. Aracaju: Cinform, 2002. P.71-73.

MAINWARING, Scott. **O desenvolvimento da Igreja popular, 1974-1982**.p.169-207 In: A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 2004.

SEGALEN, Martine. **Ritos e Rituais**. Portugal: Publicações Europa-América, 1998

SILVA, Abdias Batista e. Divina Pastora. In: **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XIX. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. P.295-298.

Webgrafia Consultada

BÍBLIA Sagrada. Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/biblia/novotestamento.htm>
Acesso em 27.05.2012.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Turismo e Religião: Notas para um debate sobre cidade, Peregrinos e a Igreja Católica diante de um fenômeno em expansão. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.17, n.11/12, p.1067-1081, Nov./dez. 2007. Disponível em < <http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewArticle/508>). > Acesso em 25 de ago de 2012.

JÚNIOR, Péricles Morais Andrade; SANTOS, Magno Francisco de Jesus. O Rebanho da Pastora: a Peregrinação ao Santuário de Divina Pastora-SE (1958-2008). **Revista da Fapese**, v.5, n. 1, p. 57-78, jan./jun. 2009 < Disponível em: <http://www.fapese.org.br/index.php?pagina=32>> Acesso em 20 de junho de 2012.

NETO, Isnard de Albuquerque Câmara. Diálogos sobre religiosidade popular. In: **Os Urbanitas. Revista Digital de Antropologia Urbana**. Ano 1, vol. 1, n^o. 0, outubro de 2003. Disponível em < <http://www.aguaforte.com/antropologia/urbanitas1.html>> acesso em 06 de agosto de 2012.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. As Ovelhas da Pastora: as múltiplas facetas de uma peregrinação de Sergipe. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>> Acesso em 20 de julho de 2012.

ANEXOS

ANEXO A - Carta do Administrador paroquial publicada no site da Arquidiocese de Aracaju.

Peregrinação ao Santuário Nossa Senhora Divina Pastora (2010)⁷²

Pe. HELELON Bezerra dos Anjos
Administrador paroquial
13/09/2010 - 08:15:58

Este ano completamos 52 anos de Peregrinação e só temos a agradecer a Deus que depositou no coração de Dom Luciano Cabral Duarte, nosso Arcebispo emérito, um projeto que ainda hoje dá bons e grandes frutos. Foi ele quando padre, no saudoso setembro de 1958 que iniciou pequenas peregrinações ao nosso Santuário, testemunha-nos Maria Giovanni dos Santos Mendonça: “A estrada de piçarra que ligava Riachuelo a Divina Pastora nunca presenciara antes o espetáculo de jovens em marcha, cantando com entusiasmo e alegria desde as primeiras horas do dia, tratava-se de estudantes liderados pelo Padre Luciano...”. Quem diria que tal iniciativa tornar-se-ia a maior Peregrinação e evento religioso do nosso Estado? Também não podemos esquecer do Cônego Raimundo Cruz, o qual em 1983, por ocasião dos 25 anos da Peregrinação, divulgou a devoção à Nossa Senhora Divina Pastora e a fez conhecida em todo o Estado de Sergipe. Hoje somos conhecidos como Santuário além dos confins do nosso Estado e por que não concretizarmos o pedido da Virgem feito ao Frei Isidoro de Sevilha no ano 1703, na Espanha: “Por onde fores, difunde a minha devoção sob o título de Nossa Senhora Divina Pastora”. Logo, façamos com que esta devoção seja conhecida em todo o Brasil, e por que não no mundo?

A partir deste ano, vista a presença fixa de um sacerdote morando na cidade de Divina Pastora, após 26 anos de espera para que tal sonho se realizasse, a Peregrinação se apresenta com novidades de âmbito organizativo e religioso. Enquanto organização e estruturação da Peregrinação, neste ano e nos vindouros, para que os vendedores ambulantes e proprietários de barracas comercializem em nossa cidade, durante tal evento, faz-se necessário o cadastramento de todos junto à Secretaria Paroquial. Para o povo pastorense o cadastramento

⁷² Disponível em <<http://www.arquidiocesedearacaju.org/?pg=artigo&idArtigo=107>> Acesso em 20.04.2012

foi durante o mês de julho, para os vendedores que moram fora do nosso Município o cadastramento está ocorrendo de 01 a 30 de setembro do corrente ano. No ato do cadastramento se paga uma taxa e as vagas são limitadas!

Ainda no âmbito logístico informamos: primeiro, vendedores sem o cadastro terão sua merce apreendida e devolvida somente no final do evento; segundo, os moradores da cidade não poderão alugar as calçadas de suas casas, isso para evitar que se obstrua a passagem principal por onde circulam os peregrinos; terceiro, a entrada de veículos na cidade será permitida somente até às 22h do sábado (este ano dia 16 de outubro), excetuando-se aos veículos autorizados, esta medida foi devida a grande quantidade de peregrinos que vêm ao nosso Santuário, ultimamente temos em média de oitenta a cem mil peregrinos; quarto e último ponto, quanto à venda de bebida alcoólica, infelizmente não podemos proibir, visto que o espaço utilizado para o evento religioso é público, todavia os pontos de venda deste produto já foram delimitados. Todos estes pontos da nova organização foram e são contemplados no Decreto N° 37/2010 de 03 de setembro de 2010, emitido pela Prefeitura Municipal de Divina Pastora, e a infração de alguns destes pontos serão corrigidos com o diálogo, e se necessário, com a ação militar presente durante todo o evento para uma maior segurança dos nossos peregrinos.

Aproveitamos o ensejo para ressaltar que a Peregrinação e a bebida alcoólica são como “óleo e água”, não se misturam! Quem vier a nossa Peregrinação deve se conscientizar: se vier ao Santuário não beba e se beber não venha!!!

Já no âmbito estritamente religioso, faz-se necessário informar ao peregrino que deste ano em diante existem “sete passos” a se cumprir para se viver bem, intensamente e em profundidade este tempo de peregrinação / oração / sacrifício / oferta / devoção e comunhão com Deus e com os irmãos: primeiro, Peregrinação a pé da cidade de Riachuelo até o Santuário (saúde permitindo), sendo que do Povoado Bomfim até o Cruzeiro reza-se a Via-Sacra; segundo, no Cruzeiro, reza-se e acende-se uma vela; terceiro, visita-se o Santuário e diante da imagem de Divina Pastora, reza-se o Credo, um Pai-nosso e uma Ave-Maria pelo Santo Padre, o Papa; quarto, ainda no Santuário ou nos seus arredores, reza-se ao menos um Terço, suplicando a graça pela qual fez a Peregrinação; quinto, confessar-se (isso se a quantidade de padres for suficiente), vale também confessar-se nos quinze dias antes ou nos quinze dias depois da Peregrinação; sexto, participar ao menos de uma Missa; sétimo, levar seu chapéu de palha com fita azul e seu cajado, ambos são sinais visíveis do peregrino devoto de Nossa Senhora Divina Pastora.

Por fim, recordamos a todos que a Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Divina Pastora este ano será no 17 de outubro, sempre o terceiro domingo de outubro, como também informamos que teremos confissões já no sábado, das 15h às 23h. Desde já estamos de braços e corações “escancarados” à espera de cada peregrino. Que Maria Santíssima, a Mãe do Divino Pastor, por isso é conhecida pelo título de Divina Pastora, continue intercedendo por cada um de seus filhos, nós seus devotos!

ANEXO B – Nota da Arquidiocese de Aracaju Sobre a proibição da venda de bebida alcoólica na peregrinação de 2011.

Arquidiocese de Aracaju | 29/09/2011 - 10:42:40 |
Peregrinação à Divina Pastora: Proibida comercialização de bebidas alcoólicas⁷³

A peregrinação ao santuário Divina Pastora já é tradição e arrasta milhares de pessoas de toda parte do Estado de Sergipe e de vários Estados Brasileiros. É uma das maiores expressões da fé católica do Brasil. Sempre realizada no terceiro domingo de outubro, este ano no dia 16. Porém os preparativos já começam bem antes. Este ano, a programação da preparação inicia no dia 13 com missas e adorações. O ano passado já houve uma organização sobre os espaços para comercialização e áreas de estacionamentos, o que novamente foi regulamentado por Decreto Municipal. A novidade maior deste ano ficou por conta da proibição de venda de bebidas alcoólicas, através de TAC firmado entre o Ministério Público, Delegados, comerciantes de bares e prefeitura. A proibição se estende no período da peregrinação: em Riachuelo das 18 horas do sábado, dia 15, às 12 horas do domingo, dia 16; na cidade de Divina Pastora das 20 horas do Sábado, 15, às 19 horas do domingo, 16 de outubro.

⁷³ Disponível em < <http://www.arquidiocesedearacaju.org/Default.asp?pg=noticia&idNoticia=1010>> Acesso em 20.04.2012.

ANEXO C – Nota sobre a audiência pública realizada no dia 30 de setembro de 2011.

Audiência Pública – Peregrinação⁷⁴
02/10/2011 14:23

No dia 30 de Setembro de 2011, a partir das 09:00 horas, aconteceu no auditório do Conselho Tutelar em Divina Pastora a Audiência Pública com a Promotoria, Secretariado municipal, Pe. Helelon e a população. Onde foi colocado pela Vigilância Sanitária do município que seria impossível trabalhar fazendo a inspeção das barracas da peregrinação, por conta da quantidade de barracas que já foram cadastradas. Sendo que estas já foram excedidas a sua quantidade, até por conta do número dos agentes que são apenas quatro. OBS.: Conforme o Decreto assinado pelas autoridades do município só poderia cadastrar “80 barracas” ao total nas áreas demarcadas para a venda de lanches e água. Sendo que seria 60 barracas da entrada da cidade até onde se localizava a antiga caixa d’água e 20 barracas na Praça da Bandeira. Pelas informações passadas, os responsáveis pelo cadastramento já cadastraram mais que o dobro da quantidade permitida por Lei. * E ai como vamos ficar? Muita atenção! Diante destas circunstâncias o nosso Administrador Paroquial Pe. Helelon Bezerra dos Anjos teve que tomar medidas não muito agradáveis mais precisas e bem colocadas. O Pe. retirou da programação da peregrinação, a procissão da imagem peregrina de Nossa Senhora Divina Pastora, sendo assim a imagem não irá para a cidade de Riachuelo e conseqüentemente não voltará em procissão com o nosso Bispo auxiliar Dom Henrique Soares. “Pode ser que muitas pessoas não venham a gostar dessa história, mais podemos afirmar que apesar de tudo, foi um ótimo modo de resolver a situação já que os possíveis responsáveis não foram tão responsáveis assim, como deveria. Não posso e não quero por em risco a “FÉ” dos peregrinos (Pe. Helelon Bezerra dos Anjos).

⁷⁴ Disponível em: <<http://paroquiadivinapastorase.webnode.com.br/news/audi%20publica%20peregrina%20a7%20a3o/>> acesso em: 20.04.2012.